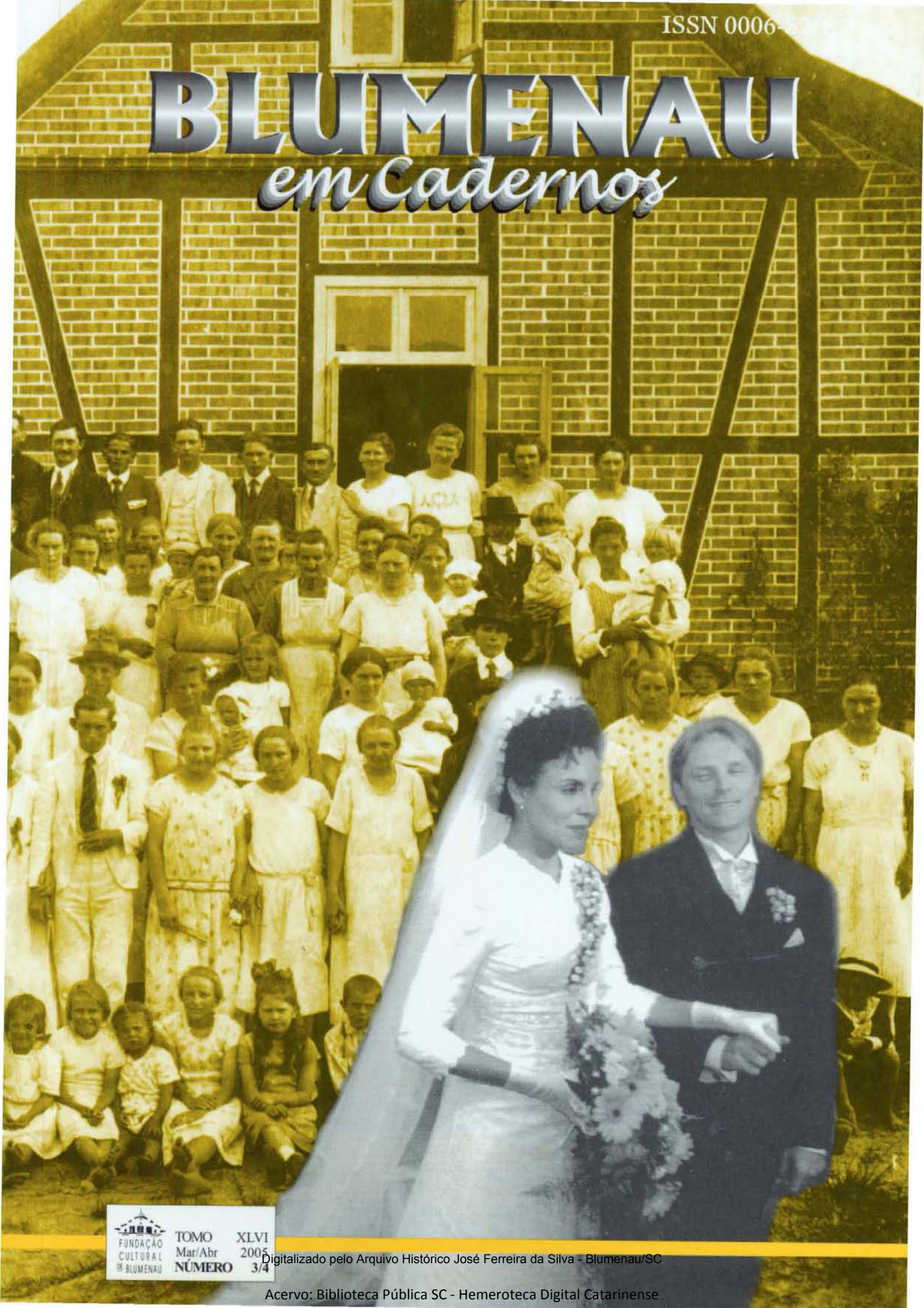
ISSN 0006-

BLUMENAU em Cadernos



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLVI
Mar/Abr 2005
NÚMERO 3/4

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Dirceu Bombonatti
Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

Roseli Hoffmann Schmitt
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Cristina Ferreira *(Presidente)*
Annemarie Fouquet Schünke
Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,
Méri Frotscher, Urda Alice Klueger

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS
Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 – Blumenau (SC)
Fone (0**47) 326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Capa: Cenas de casamento
Silvio Roberto de Braga
Revisão: Valdir A. Petry
Digitação: Dayana de Cássia e Garperin Andrade

CULTURA EM MOVIMENTO editora

EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO
Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC
Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br
http://www.fcblu.com.br

Ficha Catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau – SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -
Il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Apresentação 7

Documentos Originais – Artigo

Blumenau de ontem: experiências e recordações de um imigrante
Karl Kleine 9

Artigos

A publicidade veiculada nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70
Clóvis Reis - César Martins 38

Etimologia do topônimo Camboriú
Lino João Dell' Antônio 55

Memórias

Alguém se lembra?
Homero Bruno Malburg 64

Fragmentos da nossa história local

"Açu" - Festa da cultura barriga verde 66

História & Historiografia

O ciclo de enchentes em Brusque, SC - O fenômeno geográfico e o discurso técnico-político
Nilson Cesar Fraga 72

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pesquisa & Pesquisadores

Celebrações de casamentos de 100 anos atrás em Pomerode
Roseli Zimmer 98

Autores Catarinenses

A paixão pelos livros
Enéas Athanázio 116

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apresentação

A presente edição da revista "Blumenau em Cadernos" reúne pesquisas, estudos, artigos e textos abordando temas que pretendem mobilizar a atenção de historiadores e leitores.

Primeiramente, publicamos, em **Documentos Originais,** texto extraído da obra de Karl Kleine intitulado "*Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante*" (*Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten*). A retomada da tradução destas lembranças deve-se ao interesse despertado nos pesquisadores de agregar estes componentes, extraídos das memórias do imigrante, aos estudos que versam sobre o processo colonizador do século XIX. Assim, ao longo do ano de 2005, estaremos concluindo na íntegra a obra de Kleine, ficando a tradução sob a responsabilidade da colaboradora senhora Annemarie Fouquet Schünke.

A seção **Artigos,** inicia com o texto *"A publicidade veiculada nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70"*, do doutor em Comunicação da Universidade Regional de Blumenau, professor Clovis Reis, juntamente com o acadêmico em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, bacharel César Martins. Construído inicialmente para o Trabalho de Conclusão de Curso, o mesmo foi adaptado para esta publicação. No desenvolvimento da pesquisa foi possível conhecer a constituição da história do rádio, bem como os criadores, locutores e principais programas radiofônicos produzidos nas décadas de 60 e 70.

"Etimologia do topônimo Camboriú", de autoria do professor da UNIDAVI – Campus Taió- SC, Lino João Dell' Antonio, é o resultado das pesquisas em torno do significado do topônimo Camboriú.

Em outro momento, o memorialista colaborador da revista Homero Bruno Malburg, inspirado nas lembranças do seu tempo, escreve, na coluna **Memórias,** "Alguém se lembra?". Recorda no texto situações, costumes e falas usuais da infância e juventude, as quais certamente serão recordadas pelos leitores de quatro décadas passadas.

Com o falecimento do poeta Lindolfo Bell, em 10 de dezembro de 1998, morria com ele uma das mais expressivas galerias de arte do Estado, a Açu-Açu. Para relembrar a importância e significado do pioneirismo deste espaço cultural catarinense, publicamos em **Fragmentos da nossa his-**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tória local, texto sobre o tema. Como dizia o poeta *"nunca é demais lembrar, pois a memória perde-se com excessiva e efusiva rapidez"*. Assim, trazemos a transcrição publicada na Revista do Sul, no ano da sua inauguração, em 1970, sob o título *"Açu – Festa da cultura barriga verde"*.

Com a coluna **Pesquisa & Pesquisadores**, o geógrafo, doutorando, professor Nilson César Fraga, do Curso de Turismo das Faculdades Integradas Curitiba - FIC, da Universidade Federal do Paraná - UFPR, enfoca o tema *"O ciclo de enchentes em Brusque – SC"*. Faz parte da tese de mestrado do autor.

Em **Pesquisa & Pesquisadores**, a mestre em História do Brasil Meridional - UFSC. Profª. Roseli Zimmer, traz o texto *"Celebrações de casamentos de 100 anos atrás em Pomerode"*. A autora buscou nos depoimentos de antigos moradores subsídios para compor o seu trabalho. Ali se revelam muitos costumes e manifestações hoje não mais praticados nas áreas urbanas.

E, finalizando, o advogado e escritor Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, escreve *"A paixão pelos livros"* e vários temas versando sobre literatura e autores do Estado catarinense.

Sueli M. V. Petry
Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Memórias de um imigrante"

Karl Kleine[1]

Emigrar

Nasci na província de Posen e, havia recém completado oito anos, quando meus pais resolveram emigrar para o Brasil.

Embora ainda fosse muito jovem, as impressões desta viagem ficaram gravadas, com todos os detalhes, em minha memória.

Não sei exatamente o motivo que levou meus pais a abandonarem a velha pátria e procurar uma nova num país longínquo. Nunca quis saber o porquê. Fiquei sabendo alguma coisa a respeito desse assunto através de conversas; foram as circunstâncias políticas e sociais na Prússia que os desgostaram - meu pai sempre fora adepto do partido do povo - tornando difícil sua permanência em sua pátria. Provavelmente as palavras de seu cunhado, que também queria emigrar, contri-

[1] Imigrante alemão veio para a Colônia Blumenau em 1856. Suas lembranças "Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante" - (*Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten*) foram redigidas em 35 cadernos. Os originais encontram-se no acervo do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, órgão vinculado à Fundação Cultural de Blumenau. Fundo Memória da Cidade – Coleção "Família Kleine".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Aus der Handschrift von KARL KLEINE "Erlebnisse und Schilderungen eines Blumenauers"

In der Provinz Posen geboren, wanderten meine Eltern, als ich kaum acht Jahre zählte, nach Brasilien aus.

Obwohl ich noch sehr jung war, sind mir doch die Eindrücke dieser Reise mit allen ihren Einzelheiten unvergeßlich geblieben.

Warum sich meine Eltern entschlossen hatten, die alte Heimat zu verlassen, um sich in fernem Lande eine neue zu suchen, kann ich nicht genau angeben. Ich habe nie danach forschen mögen. Nur aus einzelnen Stellen ihres Gesprächs erfuhr ich manchmal bruchstückweise, daß politische und soziale Zustände in Preußen meinen Vater, der stets in seinem Leben zur Volkspartei gehalten hatte, den Aufenthalt in seiner Heimat verleidet hatten. Auch trug wohl das Zureden eines seiner Schwäger, der selbst mit rüber wollte, sehr viel dazu bei, ihn in seinem Beschluß zu bestärken. Zudem erregte gerade zu jener Zeit eine Schrift des Dr. Blumenau, der im Staate Santa Catarina in Brasilien eine deutsche Kolonie gegründet hatte, großes Aufsehen; und so wurde denn diese Kolonie, die den Namen ihres Gründers führte, als Reiseziel ausersehen.

Also wurden eines Tages Kisten und Kasten gepackt, Wagen standen vor der Tür, und meine Mutter sagte zu uns Jungen – ich hatte noch einen Bruder, der Theodor hieß -: "Liebe Kinder, ihr müßt nun Abschied nehmen von allem, was euch lieb und teuer ist, wir müssen weit fort von hier, übers Meer nach Brasilien!"

Wir klatschten vor Freude in die Hände und sprangen jauchzend umher; denn jetzt wurde ja unser Verlangen erfüllt und unsere Sehnsucht gestillt, nämlich: Eisenbahnen, große Schiffe, schöne Städte und vor allem das große, unermeßliche Meer zu sehen. Lauter Dinge, die unser guter Hauslehrer uns schon längst geistig vor Augen geführt und die unsere Phantasie bis ins Märchenhafte gesteigert hatte. Wir konnten nicht begreifen, warum unsere Mutter immerzu weinte, und erwarteten mit kindischer Ungeduld den Augenblick des Abfahrens.

Endlich war es so weit! – Laut schluchzend hingen wir am Halse unseres geliebten Lehrers, der selbst vor Rührung nicht sprechen konnte und uns in den Wagen hob. Noch einen letzten Kuß und fort gings es im scharfen Trabe bis zur nächsten Eisenbahnstation. Hier sahen wir Knaben die erste Eisenbahnin unserem Leben. Gerade fuhr der Zug ein, der uns nach der Provinzhauptstadt Posen bringen sollte.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

buíram muito nesta decisão. Além disso, circulava, naquele tempo, um escrito de muito sucesso do Dr. Blumenau, que fundara uma colônia no Estado de Santa Catarina, e assim, foi escolhida esta Colônia, que leva o nome de seu fundador, como destino da viagem.

Num certo dia a mudança foi empacotada, as carruagens já se encontravam diante da casa, então minha mãe disse para nós, meninos (eu tinha um irmão chamado Theodor): "Queridos filhos, vocês precisam despedir-se de tudo que lhes é caro. Nós vamos para bem longe daqui, atravessaremos o oceano para chegarmos ao Brasil!"

Batemos palmas e pulamos de alegria, pois agora nosso desejo seria realizado: conhecer trens, grandes navios, belas cidades e, sobretudo, a imensidão do mar. Tudo coisas que o nosso querido professor já havia descrito, fazendo nossa fantasia alçar vôo. Não entendíamos porque nossa mãe chorava tanto. Nós, em nossa ingenuidade pueril, aguardávamos com ansiedade o momento da partida.

Enfim, chegou a hora! Soluçávamos abraçados ao nosso professor, que de tão emocionado também não conseguia falar, ajudando-nos então a subir na carruagem. Um último beijo e, num trote rápido, fomos até a próxima estação. Aqui, nós, meninos, vimos o primeiro trem em nossa vida. Nesse momento chegava o trem, que nos levaria à capital da província de Posen.

Rapidamente fomos até Berlin. Uma alegria para nós, mas nossos pais estavam quietos em seu canto e escutávamos nitidamente as lágrimas caindo sobre o vestido de minha mãe. O trem chegou no meio da noite à estação central de Berlim.

Em Berlim

O cunhado de meu pai, tio Julius Dittrich, havia combinado de encontrar os meus pais em Berlim para decidirem definitivamente o que deveriam fazer. Como Tio Julius ainda não chegara de Breslau, meus pais esperaram três dias por ele. Que alegria para nós, meninos! Logo na primei-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fort ging's wieder mit Windeseile, direkt bis Berlin. – Für uns Knaben ein Gaudium, die Eltern aber saßen stumm in einer Ecke, und wir hörten deutlich das Tropfen der Tränen meiner Mutter auf ihr Kleid. Mitten in der Nacht lief unser Zug in die Zentralstation von Berlin ein...

In Berlin

Der Schwager meines Vaters – Onkel Julius Dittrich – hatte mit unseren Eltern verabredet, daß sie sich in Berlin treffen wollten, um über das weitere endgültig Rücksprache zu nehmen. Da aber Onkel Julius von Breslau noch nicht eingetroffen war, mußten meine Eltern drei Tage in Berlin verweilen. Das war eine Freude für uns beiden Knaben! Gleich am ersten Abend nahmen uns unsere Eltern mit in den Zirkus Renz. (*Es folgt eine ausführliche Beschreibung der Zirkusvorführungen)*

Das war der Abend bei Renz. Doch ehe wir von ihm scheiden, muß ich noch eines Umstandes erwähnen, der zwar den Leser weniger interessieren dürfte als die noch lebenden Glieder meiner Familie, denen vielleicht auch diese Zeilen zu Gesichte kommen, und für diese soll es eine wehmütige, pietätvolle Erinnerung an einen lieben Toten sein.

Bruder Theodor war ein so auffallend hübsches Kind, daß er an jenem Abend von den Damen, die der damaligen Vorstellung mit beitwohnten, von Hand zu Hand ging, bis zur königlichen Loge. – Eine sehr hochgestellte Dame brachte ihn meiner Mutter eigenhändig zurück. Das war so etwas für das Mutterherz! – Leider hatten die schönen Damen meinen armen Bruder aus lauter Liebe und Bewunderung so vollgepfropft mit Bonbons und anderen Süßigkeiten, daß er am anderen Tage krank wurde und später in Hamburg fast gestorben wäre...

Onkel Julius war engetroffen und besprach mit meinen Eltern die Zunkuft – Meine Eltern sollten vorneweg nach Blumenau reisen, er selbest wollte dann binnen Jahresfrist mit seiner Familie nachkommen. In Blumenau aber sollte er mit meinem Vater gemeinsam etwas unternehmen. Dieses Unternehmen sollte von den Zuständen in Blumenau abhängig sein.

Onkel Julius war der Stiefbruder meiner Mutter. Er hatte in Breslau eine große Apotheke mit Filialen und war sehr vermögend. – Obwohl er so schwer hörte, daß er nur durch ein Hörrohr etwas verstehen konnte, war er dennoch ein sehr tüchtiger Fachmann. – Wie schon angedeutet, in einer glänzenden Stellung, mußte ihn der Böse plagen, daß er seine sichere Existenz aufgab, um im fremden

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ra noite nossos pais nos levaram ao Circo Renz... *(segue uma descrição detalhada da apresentação).*

Antes de prosseguir, preciso mencionar um fato, que talvez não interesse ao leitor, mas, aos membros da família que talvez um dia tenham acesso a estas linhas e, para estes, será uma recordação de um parente querido.

Meu irmão Theodor era uma criança excepcionalmente bonita e, por isso, naquela noite, passou pelas mãos das damas ali presentes até chegar ao camarote real. Uma dama, de posição elevada, trouxe-o de volta para minha mãe. O que isso representou para um coração de mãe! As belas damas, externando seu carinho e admiração, infelizmente ofereceram-lhe tantas guloseimas que ele adoeceu no dia seguinte, quase vindo a morrer em Hamburgo.

Tio Julius havia chegado e discutia o futuro com meus pais. Eles deveriam seguir até Blumenau, e tio Julius viria dentro de um ano com sua família. Ele queria empreender alguma coisa em Blumenau junto com meu pai. Este empreendimento dependeria das circunstâncias em Blumenau.

Tio Julius era meio-irmão de minha mãe. Ele tinha uma grande farmácia e filiais em Breslau, era um homem muito abastado. Embora fosse surdo e escutasse somente com um aparelho, era um perito hábil. Como já foi insinuado, ele estava bem situado, no entanto deveria ter algum problema sério, para abrir mão de uma situação segura e ir ao encontro de sua desgraça num país desconhecido. Veremos mais tarde como isso aconteceu.

Em Hamburgo

Viajamos para Hamburgo ainda nesta noite. Ali, ficamos sabendo que o navio, o qual nos levaria à nova pátria, precisaria de reparos. O agente prometeu que em uma semana estaria pronto para zarpar. Mas, as semanas passavam e o navio continuava sem flutuar. Pode-se imaginar a impaciência de meus pais e demais emigrantes. Além disso, era dispendioso, em-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lande sein Unglück zu finden. Wie das zuging, werden wir weiter unten sehen.

In Hamburg

Noch denselben Abend fuhren wir ab nach Hamburg. Hier erfuhren meine Eltern, daß das Schiff, welches uns in die neue Heimat bringen sollte, erst ausgebessert werden mußte. In einer Woche – so versprach der Agent – sollte es segelfertig sein. Es verging aber eine Woche um die andere, und das Schiff lag immer noch auf dem Trockenen. – Man kann sich die Ungeduld meiner Eltern und der anderen Auswanderer, die mit uns fahren wollten, ganz gut vorstellen. Zudem kostete es Geld, obgleich es in Hamburg viel billiger war als z.B. in Berlin.

Meine Eltern bekamen Quartier bei einer Witwe mit Namen Kruse Ihr dreistöckiges Haus lag dicht am Hafen. Wir konnten jedes ein – und auslaufende Schiff beobachten. Wir Knaben konnten uns nicht satt sehen. Die vielen Wochen flogen uns wie Stunden dahin. – Leider war mein Bruder krank geworden, und auch meine Mutter lag krank und elend. In dieser Not nahm sich die Kruse meiner Mutter und meines Bruders an und pflegte sie auf wahrhaft christliche Weise. – Gar trübe Tage waren das für meine Eltern!

Die Kruse hatte ganz besonders meinen Bruder Theodor in ihr gutes Herz geschlossen, weil er – wie sie behauptete – ihrem verstorbenen Sohn, welcher auch ihr einziges Kind gewesen, aufs Haar ähnlich sei.

Auch bestürmte sie fast täglich meine Eltern mit flehenden Bitten, ihr das Kind dazulassen. Sie wollte meinen Bruder adoptieren und zum Universalerben einsetzen. Sie war reich, sehr reich sogar. – Als sie aber sah, daß alles Aufzählen ihrer Reichtümer nichts fruchtete, drang sie mit Bitten und Flehen, die wirklich herzzerreißend waren, in meine arme kranke Mutter, ihr doch den einen heißen Wunsch zu erfüllen. Alles umsonst!

Mittlerweile war Theodor so krank geworden, daß fast keine Hoffnung mehr war ihn durchzubringen. Nur der Aufopferung der Kruse war es zu danken, daß er sich wieder erholte. – So war denn der unfreiwillige Aufenthalt in Hamburg wie eine Schickung Gottes anzusehen; denn es war so gut wie gewiß, daß Mutter, Bruder und Schwesterlein auf der See – wo sie keine Pflege haben konnten – gestorben wären.

Endlich hieß es: Macht Euch fertig, übermorgen wird eingeschifft! Wirklich wurden wir am bestimmten Tage mit großen Booten an das Schiff gebracht.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

bora em Hamburgo fosse mais barato do que em Berlim.

Meus pais conseguiram hospedar-se na casa de uma viúva, a Sra. Kruse. A casa de três andares ficava perto do porto onde podíamos ver os navios chegando e partindo. Nós, meninos, não nos cansávamos de olhar, As semanas voavam como se fossem horas. Infelizmente meu irmão e minha mãe adoeceram. Neste momento de aflição a Sra. Kruse cuidou de modo verdadeiramente cristão de minha mãe e de meu irmão. Foram dias sombrios para meus pais!

A Sra. Kruse se afeiçoou demais a meu irmão. Ela afirmava que Theodor se parecia muito com seu único filho que morrera. Ela insistia diariamente para que meus pais o deixassem com ela, tanto que queria adotá-lo e fazer dele seu herdeiro universal. Ela era rica, muito rica. Quando ela percebeu que nada adiantava, apesar de enumerar toda sua riqueza, ela pedia e implorava à minha mãe, de modo comovente, para realizar este seu grande desejo. Tudo em vão!

Enquanto isso Theodor ficou gravemente enfermo, não havendo muita esperança de recuperar-se, mas o conseguiu devido à dedicação da Sra. Kruse. Assim, a permanência involuntária em Hamburgo foi como um desígnio de Deus, pois é certo que tanto minha mãe, como meu irmão e minha irmãzinha teriam morrido em alto mar, onde não teriam tido um tratamento adequado.

Enfim o aviso: "Estejam prontos, depois de manhã todos a bordo". E, realmente fomos levados, em grandes barcos, até o navio no dia determinado. Era um navio tosco com dois mastros, largo, embora curto, simplesmente um veleiro veloz. Seu nome era "Harriet et Molli" e pertencera a uma companhia inglesa, que o vendeu como sucata. Restaurado satisfatoriamente, deveria levar-nos além mar. Éramos mais ou menos vinte famílias, alguns homens solteiros e algumas moças.

A viúva Kruse foi conosco de barco até o navio, somente para ver seu queridinho durante mais tempo. Ela não chorou, mas o rosto pálido e os olhos avermelhados demonstravam que já havia chorado.

Enquanto embarcávamos e guardávamos a bagagem, ninguém

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Es war ein plumper Zweimaster, breit, aber kurz gebaut und – wie sich bald herausstellte – nichts weniger als ein Schnellsegler. Es hieß "Herriet et Molli" und gehörte früher einer englischen Kompagnie, die es – als ausrangiert – billig verkauft hatte. Notdürftig geflickt, sollte es uns nun über den Ozean tragen. – Mit uns gingen noch ungefähr zwangig Familien, einige Junggesellen und einige Fräuleins an Bord.

Witwe Kruse war mit uns im Boote bis ans Schiff mitgefahren, um ihren Liebling so lange wie nur möglich zu sehen. Sie weinte nicht, aber ihr bleiches Gesicht und ihre geröteten Augen verrieten, daß sie das vorher besorgt hatte. –

Solange der Akt der Einschiffung vor sich ging und die Verstauung des Gepäckes dauerte, dachte niemand an den Augenblick des Abschiedes. Als aber alles in Ordnung war, die Anker sich langsam hoben und der kleine Dampfer, der unser Schiff bugsierte, die Räder schaufeln ließ und mit uns die Elbe langsam hinabglitt, blieb kein Auge trocken. Es war ja der Abschied vom Vaterland und allem andern, was den Auswanderern lieb und teuer war! –

Auf dem Segelschiff

Wir beiden Knaben und mein Vater fuhren Zwischendeck. Unsere kranke Mutter mit dem Schwesterlein waren in der Kajüte untergebracht.

Wir beiden Jungen hatten auf der ganzen Seereise nicht die Spur von Seekrankheit, dagegen aber immer einen gewaltigen Appetit. Nur wollte in der ersten Zeit die uns gänzlich ungewohnte Schiffskost nicht recht rutschen. Auch war das Wasser von Anfang an in einem solchen Zustand, daß wir uns immer im stillen wunderten, warum wir immer kalten Tee mit so einem sonderbaren Geschmack trinken mußten, und meinten in unserer Unschuld, das müsse wohl ein probate Mittel gegen die leidige Seekrankheit sein, kamen aber doch bald dahinter, was das für Medizin war. Das Essen war wohl reichlich, aber man denke sich einmal Graupen, Reis oder Klöße mit Sirup und Pflaumen in einem Topf mit Salzfleisch gekoct! Brr! Doch der Mensch gewöhnt sich ja schließlich an alles; warum nicht auch an gesalzenen Sirup?

Ja, wenn's Erbsen, Linsen oder Labskaus gab, das war ein ander Ding! Wahre Festtage aber waren, für uns Jungen wenigstens, die sogenannten Puddingtage. Da wurde denn das Möglichste geleistet im Puddingvertilgen. Auch im Vertilgen der Kekse stellten wir unseren Mann, dagegen wurde der arme Hering mit Verachtung gestraft. Morgens und nach dem Mittagessen gab's Kaffee und Keks, abends Tee

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pensava no momento da despedida. Mas, quando tudo finalmente estava resolvido, as âncoras levantadas e o pequeno rebocador nos puxando lentamente pelo rio Elba, não havia quem não se emocionasse. Afinal, era a despedida da pátria mãe e de tudo aquilo que nos era caro.

No veleiro

Meu pai, meu irmão e eu viajamos na terceira classe. Nossa mãe doente e nossa irmãzinha foram acomodadas em um camarote. Durante toda viagem meu irmão e eu não tivemos sequer sinal de enjôo, ao contrário, nosso apetite era imenso. A princípio, pela falta de hábito, a comida do navio não descia. Também a água deixava a desejar e nós nos admirávamos do gosto esquisito do chá. Em nossa ingenuidade pensávamos que fosse algum medicamento contra enjôo, mas logo descobrimos o tipo de remédio. A comida era farta. Uma vez tinha cevada, arroz ou *Klösse* (tipo de nhoque) com melaço e ameixas cozidas com carne seca, isso tudo numa panela. Brr! Mas, o homem acaba se acostumando a tudo. Por que não melaço salgado?

Bem, quando havia ervilhas, lentilhas ou carne cozida (*Labskaus*) [2], era outra coisa. Os verdadeiros dias de festa, pelo menos para nós meninos, eram os ditos dias de pudim, comíamos até não dar mais. Com os biscoitos era a mesma coisa, mas tínhamos aversão ao arenque. De manhã e após o almoço havia biscoitos com café, à noite chá com biscoito e para quem queria, sobras do almoço. Muitos guardavam alguma coisa do almoço para o jantar.

Nosso cozinheiro era muito prático e colocava às segundas-feiras o café para toda semana num saco de lã, que certamente algum dia havia sido uma touca, pois ainda havia o pompom, cuja cor original já não dava mais para reconhecer. Todo dia era adicionada a quantidade de água necessária. Desse modo ele elaborou um calendário semanal infalível. Às segundas-feiras o café era super forte, terças um pouco menos e assim por diante,

[2] N.T. Comida típica de marinheiro, à base de carne, peixe, batata ou purê de batata e pepino.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mit Keks und – wer es verlangte – Überbleibsel vom Mittagessen. Viele hoben sich selber etwas vom Mittagstisch zum Abend auf.

Unser Koch, der seine Sache äußerst praktisch betrieb, schüttete an jedem Montag gleich den Kaffee für die ganze Woche in einen großen wollenen Beutel, der früher einmal seine Zipfelmütze gewesen sein mußte, denn es hing noch eine Quaste daran, deren einstige Farbe man freilich nicht mehr erkennen konnte. Jeden Tag nun wurde das nötige Quantum kochendes Wasser darauf gegossen. Auf diese Weise schuf er seinen Kostgängern einen untrüglichen Wochenkalender. Am Montag gab's giftstarken Kaffee, dienstags etwas schwächer und so fort, bis wieder Montag war. Der Sonntagskaffee hieß nicht anders als Zipfelwasser. Genau ebenso verfuhr er mit dem Teeaufguß.

Sein Rezept zur Bereitung des kostbaren Puddings hatten wir ihm bald abgelauscht. Er nahm Mehl, schüttete etwas Salz, Zucker oder Sirup hinein und, wenn er gut gelaunt war, kam noch eine Handvoll Pflaumen hinzu. Den ganzen Kleister steckte er nun in einen leinenen Sack von sehr zweifelhaftem Aussehen. Dieser Sack wurde nun so lange in kochendes Wasser gehängt, bis der Koch dacht, daß die Mehlspeise gar sei. Dann wurde die ganze Pastete auf den Tisch geschüttet und in Stücke zerteilt. Gewöhnlich war der sogenannte Pudding in der Mitte nicht durchgekocht, das kümmerte aber keinen einzigen Kostgänger. Sie fielen alle wie die Wölfe darüber her, war es doch einmal eine Abwechslung des "Ewig Salzigen". Noch viel einfacher, aber ebenso unreinlich, war die Bereintung der übrigen Speisen. Außerdem ersparte er seinem Herrn ein erkleckliches Sümmchen an Handtüchern und Seife; denn unser Meister der Gastronomie war ein erklärter Feind von allen Reinlichkeitsmitteln, und das Wort "Seife" stand nicht in seinem Kochbuch. So war es kein Wunder, wenn die Behauptung auftauchte, er sei gar kein Europäer, sondern ein vom Kapitän importierter Neger aus Zentralafrika, der erst in Hamburg das Plattdeutsch gelernt habe. – Wie dem auch gewesen sei: ich und mein Bruder und einige weibliche Personen, die auf den Titel "Fräulein" Anspruch erhoben, und dann noch einige von den Passagieren, die gerne Trinkgelder spendierten, standen auf einem guten Fuße mit Meister Koch. Wir Brüder hatten es bald weg, daß unser guter Küchenmeister etwas bequem oder, wie böse Leute sich ausdrückten, stinkend faul war. Halfen wir ihm dann bei seinen Arbeiten, so gab er uns immer ein Trinkgeld in Form von allerlei Eßwaren als: Pflaumen, Zucker, Sirup, Pellkartoffeln, Hühnerfleisch oder sonst etwas Gutes. Manchmal setzte es auch einen Trunk reinen,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

até a próxima segunda-feira. O café de domingo era denominado de água de touca. Com o chá funcionava o mesmo esquema.

Logo descobrimos o preparo do precioso pudim. Ele colocava um pouco de sal, açúcar ou melaço na farinha de trigo e após tudo bem misturado, caso estivesse de bom humor, juntava um punhado de ameixas. Esse pirão era colocado num saco de aparência duvidosa e levado para cozinhar em água fervente até o cozinheiro achar que estivesse cozido. Então entornava esse pastel sobre uma mesa e o fatiava. Normalmente o tal pudim não estava bem cozido ao meio. Isso, não importava a nenhum dos apreciadores desta iguaria. Todos avançavam, iguais lobos, sobre o pudim. Era uma variante do eterno salgado. Muito mais simples, mas também deixando a desejar em limpeza, era a preparação dos demais alimentos. Além disso, ele economizava para seu patrão uma boa quantidade de panos de louça e sabão, pois nosso mestre de gastronomia era inimigo declarado de qualquer produto de limpeza e a palavra "sabão" não constava em seu livro de receitas. Assim não era de se admirar que surgiu o boato de que ele não era europeu, mas um negro importado pelo capitão da África-Central e, que aprendera o dialeto alemão somente em Hamburgo. Seja como for, meu irmão, eu, mais algumas pessoas do sexo feminino, que faziam questão de serem tratadas por "senhoritas", e mais alguns passageiros que gostavam de dar gorjetas se entendiam muito bem com o mestre-cuca. Meu irmão e eu logo descobrimos que ele era acomodado ou como as más línguas diziam: "podre de preguiçoso". Quando o ajudávamos, sempre recebíamos uma recompensa como: ameixas, açúcar, melaço, batatinha cozida na casca, carne de frango ou outra coisa gostosa. Às vezes, recebíamos água de boa qualidade, mas sempre com a recomendação de não contar a ninguém. Uma vez contamos ao nosso pai e, por pouco não teve sérias conseqüências, mas isso veremos mais adiante.

Nosso capitão era um homem rude e não se importava com os passageiros, com exceção de algumas senhoritas, que também ocupavam um camarote, e parecia que lhe eram muito caras, tanto que cuidava com desvelo de sua alimentação. Os timoneiros e marinheiros - como todos os

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

guten Wassers ab; aber immer mit der ernstesten Ermahnung, niemandem davon zu sagen. Wir erzählten es doch einmal unserem Vater, was beinahe zu den traurigsten Folgen geführt hätte, wie wir weiterhin sehen werden.

Unser Kapitän war ein grober Patron, der sich um seine Passagiere wenig kümmerte, ausgenommen einige Fräuleins, die mit in der Kajüte waren und dem Kapitän sehr am Herzen zu liegen schienen und für deren leibliches Wohlergehen er ganz besonders sorgte. Steuerleute und Matrosen waren eben – wie alle Seeleute – kurz angebunden, aber nicht ungefällig gegen die Reisenden. Die ganze Besatzung bestand aus lauter geborenen Hamburgen.

Kapitänpassagiere waren nur wenige, darunter der preußische Konsul, Reinhold Gärtner, mit seiner jungen, sehr hübschen Frau. – Im Zwischendeck befanden sich lauter unbemittelte Leute, die aber gewohnt waren, ihr Brot mit ihrer Hände Arbeit zu verdienen, ein Umstand, der gerade damals für Blumenau von großer Wichtigkeit war. Die junge Kolonie konnte nur Arbeiter gebrauchen; aus dem einfachen Grunde, weil die Wohlhabenden alle wieder fortgelaufen wären. Die Anfangsperiode war eben nicht für reiche Faulenzer sehr angenehm in Blumenau. Die Auswanderer waren aus verschiedenen Ländern zusammengewürfelt, der größte Teil aus Preußen und Mecklenburg.

Ich will hier nur diejenigen herausnehmen, die sozusagen die Hauptrolle unter ihnen spielten. Mit uns in einer Kajüte schliefen noch zwei Junggesellen, beide wurden später im Staate Santa Catarina als Beamte angestellt, und der eine lebt heute noch, hochgeachtet von allen, die ihn kennen, und stets von der Regierung geschätzt, hier in Blumenau. Der andere kam mir in der Folge aus den Augen. Bruder Theodor ist aber nach vielen Jahren mehrere Male mit ihm zusammengetroffen. Dann war noch ein Junggeselle, ein gewisser Goldener, der drüben Kommis gewesen und dessen Schicksal sich hier in mehr als einer Hinsicht merkwürdig gestaltete, wie wir später noch erfahren werden. – Und da war noch Nante I. oder der Große. Lang, ledig, rötliches Haar und Bart, schlenkriger Gang und unbeholfenes Wesen. Er litt an der Freßsucht und an der Wasserscheu und ging eben deshalb auf Anraten der Ärzte und liebevolles Zureden seiner Eltern und sämtlicher Verwandten nach Blumenau, um dort in dem gesunden Klima wieder zu genesen. Seinem Beruf nach war er Chemiker, und seine Spezialität schien in diesem Fache die Analyse von allen möglichen alkoholartigen Getränken zu sein, deren Studium er sich wenigstens mit wahrem Feuereifer widmete. Als echter

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

homens do mar – não eram de muita conversa, mas não descorteses para com os viajantes. Toda tripulação era de hamburgueses natos.

Eram poucos os passageiros do capitão, entre eles, Reinhold Gärtner com sua jovem e bela esposa. Na terceira classe havia muitas pessoas com poucos recursos, estavam acostumadas a ganhar o pão com o trabalho de suas mãos, circunstância esta de suma importância para a Blumenau da época. A jovem Colônia precisava de trabalhadores, simplesmente porque as pessoas abastadas logo iam embora. O início da Colônia certamente não era agradável para pessoas ricas e preguiçosas. Os emigrantes vieram de diversas regiões, a maior parte da Prússia e Mecklenburg.

Somente mencionarei aqueles que se sobressaíram entre eles. Dois solteiros dormiam conosco no mesmo camarote. Mais tarde ambos se tornaram funcionários públicos em Santa Catarina. Um deles ainda vive hoje em Blumenau e é admirado por todos que o conhecem e respeitado pelo Governo. O outro perdi de vista. Anos mais tarde, meu irmão Theodor o encontrou várias vezes. Havia mais um solteiro, um tal Goldener, era caixeiro na Alemanha e aqui o seu destino desenrolou-se de modo estranho em mais de uma ocasião. Isso ainda veremos mais tarde. Ainda havia Nante I, ou seja o "Grande". Era alto, solteiro, cabelos e barba ruivos e um andar desengonçado. Ele sofria do mal da gula e aversão à água e, por recomendação médica e pela persuasão amorosa de seus pais e parentes veio a Blumenau para recuperar-se nesse clima agradável. Ao que tudo indicava era químico e sua especialidade nesta área, ao que parecia, era a análise de tudo o que era bebida alcoólica, pois se dedicava demais a este estudo. Como autêntico aristocrata, acreditava que o trabalho braçal era para os tolos; além disso, estava sob suspeita de ser maçom. No navio, ele ainda tinha algum dinheiro que seus pais e parentes conseguiram juntar para se verem livres deste preguiçoso compridão. Mas, como vivia nababescamente, precisou mendigar junto aos "tolos", já em Itajaí, para poder chegar a Blumenau. O leitor ainda ficará sabendo o triste papel que ele desempenhou aqui.

A família Barthel estava alojada debaixo do nosso beliche: o mari-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Aristokrat huldigte er dem Grundsatz, daß alle schwere Handarbeit nur für die Dummen wäre, und stand außerdem noch in dem schrecklichen Verdacht der Freimaurerei. Auf dem Schiffe hatte er noch ein paar Kröten übrig von dem Gelde, welches seine Eltern und Verwandten zusammengebracht hatten, um den langen Faulenzer so weit wie möglich zu befördern. Da er aber nobel lebte, so mußte er bei seiner Ankunft im Hafen von Itajahy schon bei den "Dummen" betteln, um überhaupt nach Blumenau gelangen zu können. Welch traurige Rolle er hier spielte, soll der Leser noch erfahren.

Unter unserer Koje lag eine Familie mit Namen Barthel. Sie bestand nur aus Mann, Frau und einem Sohn von ungefähr 12 Jahren. Der Junge hieß Wilhelm, er war aber so gründlich durch die Affenliebe seiner Eltern verzogen, daß ihn seine Mutter noch abhalten mußte wie ein kleines Kind. Wo sie ging und stand, hing er ihr am Rocke oder an der Schürze. Barthel war ein Apotheker aus Erfurt, und von ihm ist vorläufig zu vermelden, daß er immer kränkelte, immer Medizinen schluckte und infolgedessen immer mißgestimmt und zänkisch war. Da er permanent den Schnupfen hatte, so zog er überall Talglichter und veteilte diese gewissenhaft auf alle Kleidungsstücke, die er an sich trug. Seine Mütze aber benutzte er Tag und Nacht als Taschentuch, die denn auch wie ein glasierter Topf auf seinem Haupt saß. Von Gesicht und Gestalt sah er einem verwachsenen Gorilla nicht ganz unähnlich. Übrigens kam der inkrustrierte Apotheker sehr selten auf Deck. Er mußte wohl bemerkt haben, daß ihm jedermann so weit wie möglich aus dem Wege ging. Nur Meister Koch machte da eine Ausnahme. Barthel hatte nämlich dem Professor der Gastronomie öfter einen Doppeltaler für seine gastfreundlichen Beziehungen geschenkt. Dies bewirkte die treue Anhänglichkeit der beiden.

Frau Barthel war gerade das Gegenteil von ihrem bärbeißigen Herrn Gemahl, immer freundlich gegen jedermann; nur wenn jemand ihr "Helmchen" scheel ansah oder gar sich tätlich an ihm vergriff, wurde sie zur Furie; sonst aber immer gefallig und vor allem sehr gesprächig. Da sie aber etwas beschränkten Geistes war, so wurde sie bald die Zielscheibe aller Spottlustigen. So hatte ihr zum Beispiel ein Schadenfroher Matrose vorgeschwatzt, daß wir bei den Karibischen Inseln anlaufen müßten, um frisches Wasser zu nehmen, daß dort aber ein Stamm Wilder hauste, der nur von Menschenfleisch lebte. Natürlich sei ihnen junges Fleisch am liebsten. Dabei schielte er auf ihr "Helmchen". – Die besorgte Mutter geriet fast außer sich vor Angst. Sie sah im Geiste schon ihr süßes Helmchen am Bratspieß

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do, a mulher e um filho de mais ou menos doze anos de idade. O garoto chamava-se Wilhelm. Era mimado demais, tanto que para fazer suas necessidades a mãe ainda o segurava no colo. Aonde quer que ela fosse, ele estava pendurado em sua saia. Barthel era um farmacêutico de Erfurt e, o que posso dizer é que ele sempre estava adoentado, tomando remédio, conseqüentemente, era mal humorado e briguento. Como sempre estava resfriado, os vestígios deste estavam espalhados em suas roupas. Ele usava seu boné como lenço, mais parecia uma panela de glacê sobre sua cabeça. Seu aspecto físico lembrava o de um gorila. Raramente o farmacêutico incrustado ia ao Deck. Certamente, percebeu que todos o evitavam. Apenas o cozinheiro era uma exceção, pois Barthel várias vezes lhe deu gorjeta, recebendo em troca algum favor. Isso manteve a fidelidade entre ambos.

A Sra. Barthel era o oposto de seu agressivo marido, sempre simpática para com todos, a não ser quando alguém dirigia um mau olhar ou se desse um tapa em seu "Helmchen". Então virava bicho! No mais era prestativa e sobretudo tagarela. Como era um pouco tapada, logo serviu de alvo dos debochadores. Por isso, um marinheiro malicioso lhe disse que aportaríamos nas ilhas do Caribe para abastecer-nos de água, mas, que lá havia uma tribo de nativos que eram canibais. Dizendo isso lançou um olhar ao seu "Helmchen". A zelosa mãe ficou apavorada. Ela já visualizava seu querido "Helmchen" no espeto e escutava os canibais lamberem os beiços na expectativa do delicado jovem. Ela não conseguiu acalmar-se, até o capitão mostrar-lhe no mapa a distância destas ilhas perigosas da nossa rota.

Numa outra ocasião, ela apareceu em corrida desabalada, de manhã bem cedo no Deck, vestindo seu negligé generosamente decotado e os cabelos soltos, para pedir ajuda ao capitão, que também assumia o papel de médico do navio, para ajudar seu "Helmchen" que estava com câimbras pavorosas. Dá para imaginar o deboche e piadas da tripulação que estava a postos. O capitão, que fora acordado bruscamente, deu-lhe uma resposta tão drástica que não a repetiremos textualmente. Ela que fosse ao diabo! Seu filho estava apenas com um ... atravessado. Escandalizada, ela retornou

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

stecken und hörte schon das Schmatzen der Menschenfresser über den Wohlgeschmack ihres zarten Sprößlings. Sie war auch nicht eher zu beruhigen, als bis ihr der Kapitän auf der Karte zeigte, wie weit die gefährlichen Inseln aus unserem Kurs lagen.

Ein anderes Mal stürzte sie im tiefsten Negligé, mit gerungenen Händen und aufgelösten Haaren in frühester Morgenstunde auf Deck, um bei dem Kapitän, der auch zugleich den Schiffsarzt spielte, Hilfe zu holen für ihr einziges Helmchen, das in fürchterlichen Krämpfen liegen sollte. Man kann sich das Gaudium und die schlechten Witze der Morgenwache denken beim Anblick dieser Erscheinung. Der Kapitän, aus seinem Morgenschlummer gerissen, gab ihr eine so drastische Antwort, daß wir sie hier nicht buchstäblich wiedergeben wollen. Sie solle sich zum Teufel scherem! Ihrem Bengel sei bloß ein... in die Quere gekommen usw. Aufs tiefste empört rannte sie wieder zurück zu ihrem sterbenden Helmchen. Unterdessen hatte Vater Barthel seinen Augapfel schon durch einige Tropfen aus seiner Reiseapotheke wieder kuriert. Als erfahrener Apotheker und halber Doktor hatte er sofort das Übel richtig erkannt und gab dem Kapitän hernach auch vollständig recht. – Hinterher gab's aber noch eine kleine eheliche Szene, weil Frau Apotheker so unvorsichtig gewesen, ihre noch nicht ganz verblühten Reize den profanen Augen des rohen Schiffsvolkes preisgegeben hatte. Das Finale des Familiendramas bildete ein Tränenstrom der doppelt gekränkten Frau.

Einen Vorfall muß ich noch einschalten, den wir beiden Buben noch besonders mit Vater Barthel erlebt haben. Es war gleich am Anfang unserer Seereise. Wir Knaben hatten infolge des noch ungewohnten salzigen Essens eines Abends viel Tee getrunken und konnten es deshalb die ganze Nacht nicht aushalten, sondern mußten notgedrungen raus. Unser blechernes Nachtgerschirr aber stand unten an Barthels Koje. Wir kletternten also leise und sehr vorsichtig hinunter, um die Barthels nicht zu stören, fanden auch richtig im Dunkeln etwas "Blechernes" und befriedigten unseren Drang. Nicht ahnend, was wir angerichtet, kletterten wir ebenso vorsichtig wieder zurück.

Am Morgen wurden wir durch das Brüllen von Barthel geweckt. – Was war geschehen? Wir hatten anstatt unser Nachtgeschirr Barthels Eßtopf benutzt! Wir Jungs zitterten vor Angst unter unserer Decke. Glücklicherweise schlief unser Vater in dieser kritischen Nacht auf einem Sofa in der Kajüte, weil unser krankes Schwesterlein im Sterben lag. – Einer der Junggesellen aber, die mit uns schliefen

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ao seu moribundo "Helmchen". Enquanto isso Barthel já curara seu xodó com algumas gotas do seu pronto-socorro de viagem. Como farmacêutico e meio doutor, ele logo reconheceu o mal-estar e deu toda razão ao capitão. Depois houve uma cena doméstica porque a Sra. Barthel expusera seus encantos aos olhares profanos da rude tripulação. Final do drama: lágrimas e mais lágrimas da ultrajada mulher.

Quero descrever mais um acontecimento entre Barthel pai e nós, meninos. Foi logo no início da viagem. Nós havíamos tomado bastante chá por causa da comida salgada e precisávamos levantar durante a noite, pois não agüentaríamos até a manhã. O urinol estava em baixo da cama de Barthel. Descemos cuidadosamente sem fazer barulho para não incomodar Barthel. Achamos algo de metal no escuro e fizemos nossa necessidade. Retornamos com o mesmo cuidado, nem imaginando o que tínhamos aprontado. De manhã fomos acordados com os berros de Barthel. Ao invés do urinol havíamos usado o prato dele! Ficamos tremendo debaixo do cobertor. Felizmente, nosso pai passara essa noite crítica no camarote de nossa mãe, pois nossa irmãzinha estava morrendo. Um dos solteiros, Köplin, dormia conosco e nos acalmou dizendo: "Meninos, fiquem bem quietos, eu vou ajudá-los". Então se dirigiu ao furioso Barthel:

- Afinal, o que o Sr. tem lá em baixo? Por que perturba nosso sono?

- O quê? retrucou Barthel furioso. O Sr. ainda quer se fazer passar por inocente? O Sr. encheu meu prato com ...!

- A quem o Sr. se refere? - perguntou Köplin calmamente e, abaixou-se tanto que bem poderia alcançar o pequeno farmacêutico.

- Eu me refiro ao porcalhão que fez esta brincadeira de mau gosto" – berrou Barthel roxo de raiva.

- Está bem - retorquiu Köplin tranqüilo - eu acho que isso não é urina de porcalhão, meu respeitável Sr. Aconselho a examinar o caldo em questão.

- O queee? Foi o Sr...

- Não conseguiu terminar, pois Köplin o agarrou pelos cabelos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

und Köplin hieß, beruhigte uns mit den Worten: "Jungs, seid ganz still, wir wollen euch schon helfen". Dann wandte er sich an den tobenden Barthel: "Was haben Sie denn eigentlich da unten? Warum stören Sie uns im besten Schlafe?" - "Wa-as?" schrie Barthel wütend, "Sie – Sie wollen auch noch unschuldig tun? Sie haben mir mein Eßgeschirr vollge...!"

"Wen meinen Sie denn mit dem "Sie"?" frug Köplin ganz ruhig und bog sich so weit herab, daß er den kleinen Apotheker ganz gut mit der Hand erreichen konnte. "Ich meine das Schwein, welches mir diesen schändlichen Streich gespielt hat!" schrie Barthel, blau vor Wut. "Na, na", entgegnete Köplin ganz gelassen, "ich glaube noch gar nicht, daß dies Schweineurin ist, mein bester Herr, und gebe Ihnen den Rat, die fragliche Brühe zu untersuchen". "Wa-a-as? Sie sind es gewesen — " Aber weiter kam er nicht. Köplin faßte zu und erwischte den Apotheker bei den Haaren, welche er ihm nun auf ganz eigentümliche Weise frisierte. – Barthel brüllte wie ein Löwe, Frau Barthel heulte um die Wette mit Helmchen. Dadurch wurde es lebendig ringsumher, und Köplin mußte sein Friseurgeschäft aufgeben. Ganz zerzaust und fast ohnmächtig vor Zorn nahm Barthel den verunreinigten Topf mitsamt seinem Inhalt und lief spornstreichs zum Kapitän damit. Hier aber ging die Sache schief. Barthel flog mit seiner Suppenschüssel die Achterdeckstreppe hinunter, die glücklicherweise nur fünf Stufen hatte. Vor Scham und Wut ganz entstellt kroch er in seine Koje, wo er mehrere Tage krank liegen blieb.

Bis jetzt hatten wir immer beständig gutes Wetter und guten Wind gehabt. Nur einen trüben Tag hatten wir dazwischen, als sie unser Schwesterchen in Segeltuch einnähten, ein Stück Eisen am unteren Ende befestigten und es dann von einem Boote in die blaugrüne See gleiten ließen. – Amen.

Äquatortaufe

Trotz günstiger Winde waren wir nur langsam vorwärts gekommen. Unser Schiff war eben zu schwerfällig gebaut. – Endlich näherten wir uns der Äquatorlinie, und die Matrosen und Steuerleute trafen alle Anstalten, das Passieren derselben nach alter Sitte zu feiern. Diese Anstalten wurden so heimlich vorgenommen, daß nur diejenigen der Passagiere davon wußten, die selber mitwirken sollten.

Es war ein wunderschöner Morgen, als Neptun mit seinem Gefolge an Bord stieg. Sämtliche Passagiere kamen auf Deck. Zufällig war kein einziger darunter, der schon einmal ein solches Schauspiel gesehen hatte. Man kann sich also die Neugier

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"penteando-os" de modo singular.

Barthel urrava como um leão, sua mulher e seu filho choravam. Até parecia aposta para ver quem chorava mais. Com isso, todos começaram a se movimentar e Köplin precisou soltá-lo, deixando de bancar o cabeleireiro. Despenteado e morto de raiva, foi falar com o capitão, levando o urinol e seu conteúdo. Mas, foi infeliz ao cair da escada com a "terrina de sopa". Felizmente a escada só tinha cinco degraus. Envergonhado e furioso, recolheu-se em sua cama, onde permaneceu doente durante vários dias.

Até agora tivemos tempo bom e ventos favoráveis. Tivemos apenas um dia triste. Foi quando costuraram nossa irmãzinha dentro de um saco feito com o pano de vela, no qual prenderam um pedaço de ferro em uma das pontas e, então a levaram de barco e a desceram ao mar verde-azulado. Amém.

Batismo no Equador

Apesar dos ventos favoráveis, deslocamo-nos devagar devido à construção do navio. Enfim, aproximamo-nos da linha do Equador e, a tripulação tomou as devidas providências para os passageiros festejarem de acordo com a tradição. Estes preparativos foram feitos às escondidas e, somente foram informados aos passageiros que iriam ajudar.

Era uma manhã maravilhosa quando Netuno e seu séqüito subiram a bordo. Todos os passageiros foram ao Deck. Casualmente não havia um único que tivesse participado dum espetáculo destes. Dá para imaginar a curiosidade e expectativa dos espectadores. Barthel, Nante e mais um passageiro foram escolhidos como oferendas. Após o tradicional discurso irônico e do desfile, teve início a cerimônia de batismo, sendo que a pia batismal era inesgotável, pois não economizaram com a água do mar. No Deck, havia um tanque, coberto com uma toalha, cheio de água do mar. Encima deste tanque havia uma tábua sobre rolos de madeira, para ser puxada com facilidade. Uma espécie de cadafalso para os três escolhidos. Nante, ao lado, nem desconfiava de nada. Antes de se dar conta do que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

und die Spannung der Zuschauer vorstellen. – Barthel, Nante und noch ein anderer Passagier, dessen Name mir aber unbekannt geblieben, waren als Opfer ausersehen. – Nachdem die übliche Ansprache in Knittelversen gehalten und der Umzug vorüber war, kam der Akt der Taufe wobei mit dem Meerwasser durchaus nicht gespart wurde, war doch das Taufbecken schier unerschöpflich. Auf Achterdeck stand ein großer Kübel mit Seewasser gefüllt, der mit einem großen Tuche zugedeckt war. Quer darüber lag ein Brett auf Rollen, damit man es leicht wegziehen konnte. Eine Art Schafott für die drei Auserwählten. Nante stand ahnungslos daneben. Ehe er wußte, wie ihm geschah, saß er auch schon auf dem verhängnisvollen Brett, bekam ein großes Laken umgehängt und wurde num sehr verschwenderisch eingeseift; leider nicht mit wohlriechender Seife, sondern mit einem schrecklichen Gemisch aus Ruß, grüner Seife und Teer. All sein Schreien, Drohen, Protestieren und Sich-Wehren half ihm gar nichts. Die Hände der Matrosen waren wie Schraubstöcke. Zuletzt fing er an zu heulen wie ein Schuljunge. Der Barbier trat heran; ein großes Messer aus Holz und ein ungeheurer Pinsel von Hanf waren seine Instrumente zu dieser Operation. Nun begann die Tortur mit Schaben, Kratzen und Drücken des großen Messers des Barbiers. Dabei erzählte dieser seinem unglücklichen Opfer, dem natürlich Hören und Sehen vergangen war, ganz unbefangen allerlei pikante Geschichten von Neptuns Hofe auf dem Meeresgrund. Zuletzt tauchte er seinen Pinsel in ein Gefäß mit Asche und puderte den halbtoten Nante noch gehörig ein. Endlich war's dann aber doch überstanden. Der neptunische Hofbarbier ließ seine Beute erst los, nachdem Nante einen Taler Trinkgeld gegeben hatte. Das Aussehen des geschundenen Delinquenten war derart, daß ihn selbst seine eigenen Eltern nicht wiedererkannt hätten. Voller Wut rannte Nante in diesem schauderhaften Zustande nach dem preußichen Konsul und verlangte – als preußicher Untertan – sofortige Genugtuung. Natürlich wurde er nur ausgelacht.

Barthel aber, dem die Sache wohl nicht geheuer vorkam, wollte sich beizeiten drücken. Es war aber leider schon zu spät. An der Zwischendeckstreppe wurde er von einem der Matrosen, die dort Wache standen, freundschaftlich in den Arm genommen und dem Barbier zugeführt. Barthel aber war so gescheit, dem Haar – und Bartkünstler etwas Hartgeld in die Hand zu drücken, und so kam er verhältnismäßig gut davon, das heißt, man zog ihm nur seinen Sitz weg und ließ ihn ein wenig im Salzwasser zappeln und prusten, dann konnte er laufen, was er sich auch nicht zweimal sagen ließ.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estava acontecendo, já estava sobre a tábua fatal, enrolado num lençol, sendo ensaboado generosamente; infelizmente não com um sabonete cheiroso, mas com uma horrível mistura de ferrugem, sabão verde e breu. Não adiantou gritar, ameaçar, protestar e se defender. As mãos dos marinheiros pareciam uma prensa. Por fim, pôs-se a chorar como um colegial. Então chegou o barbeiro, empunhando uma grande navalha de madeira e com um enorme pincel de cânhamo. Aí, começou a sessão de tortura: esfregar, arranhar e apertar a grande navalha. Enquanto isso, contava à sua infeliz vítima, que não queria mais saber de nada, histórias picantes sobre a corte de Netuno nas profundezas do mar. Por fim, mergulhou o pincel num pote contendo cinzas, espalhando-as sobre o pobre coitado. Finalmente ele conseguiu sair dessa situação. O barbeiro da corte de Netuno só o soltou, depois de Nante haver-lhe dado uma gorjeta. Nem seus pais o teriam reconhecido com essa aparência de delinqüente massacrado. Explodindo de raiva, Nante foi procurar o cônsul alemão e exigiu, como súdito da Prússia, reparação imediata. Óbvio, que riram dele.

Mas, Barthel, achando tudo muito esquisito, tentou esquivar-se, porém já era tarde demais. Foi pego por um marujo na escada e conduzido amigavelmente pelo braço até o barbeiro. Barthel foi ajuizado ao dar uma gorjeta ao barbeiro. Dessa maneira conseguiu escapar relativamente bem, apenas lhe tiraram o assento, deixando-o debater-se na água salgada, então o liberaram e, nem precisaram falar duas vezes.

Nesse meio tempo, um marinheiro compassivo contou à terceira vítima o que o esperava. Apavorado, o tolo se refugiou debaixo de um bote virado, mas com essa atitude acabou caindo numa arapuca. Alguns marinheiros rodearam o bote com baldes d'água, outros o desviraram. O infeliz foi batizado de tal maneira, que, com certeza, livrou-se de todos os pecados. Além de tudo ainda o carregaram até o barbeiro. Ele oferecia dinheiro e mais dinheiro, mas não o soltaram por dinheiro nenhum desse mundo, pois ele havia se queixado dos marinheiros, junto ao capitão, e por isso, odiado pelos mesmos. Era chegada a hora da vingança!

Após todos os passageiros parecerem uns gatos pingados – embo-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Unterdessen hatte ein mitleidiger Matrose dem dritten Opfer verraten, was ihm bevorstehe. In seiner Angst kriecht der dumme Kerl unter ein Boot, welches umgestülpt auf Deck lag. Damit war er erst recht in die Falle gegangen. Mit vollen Eimern umzingelten die Matrosen das Boot, andere drehten es um, und jetzt empfing der Unglückliche eine Taufe, die ihn gewiß von allen Sünden rein gemacht hat. Zum Überfluß schleppten sie ihn auch noch nach der gemütlichen Barbieranstalt. Er bot Geld über Geld; da er aber bei dem Kapitän über die Matrosen geklatscht hatte, war er bei diesen so verhaßt, daß sie ihn für alles Geld in der Welt nicht freigegeben hätten. Die Stunde der Rache war da, und sie wurde ausgenutzt.

Nachdem nun alle Passagiere mehr oder weniger gebadeten Katzen glichen, denn – wenn auch der Barbier seines Amtes nicht mehr waltete – die Taufe wurde keinem geschenkt, von allen Seiten, von oben aus den Mastkörben, aus allen Ecken und Kanten stürtzte das nasse Element über die Täuflinge. Nachdem also jedermann gründlich durchgeweicht war, wurden die Opferscherflein und die Spenden des Kapitäns verjubelt. Musik ertönte. Überall wurde getanzt, um die erste und zweite Kajüte, um die Ankerspille, sogar um die verräucherte Küche. Da das nötige Kindelbier vorhanden und auch sonst noch alles da war, was zu einer solchen Lustbarkeit gehört, so war der Jubel groß.

Auf dieses Lustspiel folgte leider ein Trauerspiel. Es trat eine solche Windstille ein, daß unser Schiff wie festgeankert in der See lag. – Wohl jeder, der eine solche Windstille auf See erlebt hat, wird wissen, was sie bedeutet. Glühend brannte die Sonne auf uns herab und machte die ganze Mannschaft mutlos. – Auch nicht das kleinste Wölkchen zeigte sich am Himmel. Immer wieder richteten sich die Blicke sehnsüchtig nach der Spitze des Hauptmastes, auf der ein Fähnlein ausgesteckt war, aber auch nicht das leiseste Lüftchen wollte sich regen. Das Schlimmste aber kam noch: das Wasser war von der schrecklicen Hitze vollends verdorben. Es fing an zu stinken, und große dicke Würmer schwammen darin umher. Zuletzt wurde es so ekelhaft, daß es niemand – trotz des brennenden Durstes – mehr trinken konnte.

Rebellion auf dem Schiff

Im Zwischendeck fing es an unter den Immigranten zu gären, weil man wußte, daß noch besseres Wasser an Bord war, welches aber nur die Kajütenpassagiere und die Besatzung des Schiffes bekamen. Endlich wurde ein

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ra o barbeiro não mais estivesse em atividade – ninguém foi poupado do batismo. A água escorria em cântaros, vinda de todos os lados sobre batizandos. Então, tanto as vítimas, como as oferendas do comandante foram aplaudidas. A música ecoava. Dançavam em qualquer lugar, em volta dos camarotes, perto da âncora e até em volta da cozinha enfumaçada. Como havia cerveja suficiente e tudo o mais que fazia parte de uma comemoração destas, a alegria era grande.

A esta comédia sobreveio uma tragédia, a calmaria, deixando nosso navio completamente parado. Certamente, todo aquele que já passou por esta situação sabe o que isso significa. O sol ardia sobre nós, deixando a tripulação desanimada. Não havia uma nuvem sequer no céu. Repetidamente, os olhares se dirigiam ao mastro, sobre o qual havia uma bandeirola, mas nem a mais leve brisa a fazia balouçar. O pior ainda estava para acontecer: a água potável estava estragada devido ao calor. Havia vermes dentro dela, tanto que começou a feder, tornando-se tão nojenta que ninguém, apesar da imensa sede, conseguiu tomá-la.

Revolta no Navio

Os imigrantes da terceira classe começaram a rebelar-se, porque sabiam da existência de água melhor a bordo, reservada somente para os passageiros de primeira classe e para a tripulação. Finalmente designaram um interlocutor para falar com o capitão, exigindo energicamente uma solução. Caso não fossem atendidos, os homens haviam combinado entre si, que se apoderariam da água sem machucar ninguém, isso se o capitão não os enfrentasse com armas.

Infelizmente, os revoltosos escolheram meu pai, mas ele era muito esquentado para uma missão assim. O capitão o escutou impaciente e retrucou grosseiramente, tanto que meu pai se encolerizou, dizendo palavras duras. O capitão ficou furioso, a ponto de falar "em amarrar no mastro" e "acorrentar". Com certeza teria colocado em prática sua ameaça, não fosse a atitude ameaçadora dos passageiros.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sprecher zu dem Kapitän gesandt, der energisch Abhilfe verlangen sollte. Unter sich aber hatten die Männer beschlossen, daß sie im Falle einer Abweisung Gewalt gebrauchen wollten, das heißt, sie wollten sich des guten Wassers bemächtigen, ohne jemandem ein Leid zu tun, wenn ihnen nicht der Kapitän bewaffnet gegenüberträte.

Zum Sprecher hatten sich die Empörer unglücklicherweise meinen Vater gewählt, der zu einer solchen Mission viel zu hitzig war. Der Kapitän hörte ihn ungeduldig an und gab dann eine so grobe, abweisende Antwort, daß mein Vater aufbrauste und bittere Wolle fallen ließ. Darüber geriet der Kapitän so in Zorn, daß er von "an den Mast binden" und "in Ketten legen" sprach. Er hätte seine Drohung wohl auch ausgeführt, aber die drohende Haltung der Passagiere hielt ihn davon ab.

Mein Vater wandte sich nun an den Konsul, der dabei stand und alles mit angehört hatte, ohne auch nur ein Wort zugunsten der Notleidenden zu sagen. Auf die Bitte meines Vaters hatte er nur ein Achselzucken und erklärte endlich frei heraus: er könne in dieser Angelegenheit rein gar nichts für die Auswanderer tun, der Kapitän sei allein der Herr hier und trüg alle Verantwortung. Auch ihm machte mein Vater die bittersten Vorwürfe, und wer weiß, wie weit es noch gekommen wäre, wenn nicht Köplin und sein Kamerad zugesprungen wären und meinen Vater mit Gewalt fortgeschleppt hätten.

Für die Passagiere hatte der Vorfall das Gute, daß sie fortan besseres Wasser bekamen, denn der Kapitän hatte doch wohl gemerkt, was folgen würde, und wollte es nicht aufs Äußerste kommen lassen. Für meinen Vater aber trug es üble Folgen. So durften von dieser Zeit an weder mein Vater noch wir Brüder mehr in die Kajüte kommen, um unsere kranke Mutter zu sehen. Erst später, als Mutter wieder so weit hergestellt war, daß sie sich manchmal auf Deck aufhalten konnte, erlaubte der Kapitän gnädigst eine Zusammenkunft, aber nur für uns beiden Knaben. Ein Umstand, der meinen Vater mehr kränkte als alle andere kleinliche Rache des Kapitäns.

Der Konsul folgte getreulich dem Beispiel des Kapitäns, und noch ehe mein Vater in Blumenau ankam, war er dort schon bei dem Direktor der Kolonie als Hetzer und Aufwiegler verschrien. Der Konsul Reinhard Gärtner war der Neffe des Direktors und kam ein paar Tage früher in Blumenau an als wir. So konnte er, in Gemeinschaft mit noch einem Feind meines Vaters, diesen bei seinem Onkel anschwärzen, ohne daß unser Vater sich verteidigen konnte.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Então meu pai se dirigiu ao Cônsul, que estava presente e escutara tudo sem dizer uma só palavra a favor dos necessitados. A pedido do meu pai reagiu, apenas dando de ombros, dizendo abertamente que neste caso não poderia fazer nada em benefício dos imigrantes; o capitão era a autoridade do navio e que a responsabilidade era dele. Meu pai também o repreendeu energicamente e sabe-se lá o que teria acontecido, caso Köplin e seu camarada não o tivessem agarrado e tirado à força.

Este acontecimento foi bom para os passageiros, que daí em diante receberam uma água melhor, pois o capitão percebera o que poderia acontecer e, não quis deixar a situação chegar ao extremo. Isso teve sérias conseqüências para meu pai. Daquele dia em diante, nem meu pai, nem nós irmãos, podíamos mais ir ao camarote para ver nossa mãe doente. Mais tarde, quando nossa mãe já estava convalescendo e em condições de ir, às vezes, ao Deck, o capitão permitiu benignamente nos encontrarmos com ela, mas somente nós, meninos. Isso foi mais doído para meu pai do que a vingança mesquinha do capitão. O Cônsul, seguiu o exemplo do capitão e, antes de meu pai chegar a Blumenau, já havia sido denunciado como agitador, junto ao diretor da Colônia. O Cônsul, Reinhold Gärtner, era sobrinho do diretor e, chegara alguns dias antes de nós a Blumenau. Assim, ele e mais um adversário do meu pai puderam delatá-lo, sem que ele pudesse defender-se.

O caso nunca foi investigado. Somente mais tarde quando meu pai já servira fielmente ao Dr. Blumenau, este tocou no assunto e espantou-se com o verdadeiro relato dos fatos. Reinhold Gärtner não era mais Cônsul havia muito tempo e também não estava mais em Blumenau. Os imigrantes da época já eram cidadãos brasileiros, além disso, não havia motivo para reavivar o acontecido, ainda mais que meu pai o havia praticamente esquecido. Ele não guardava rancor para com seus adversários, nem procurava vingar-se de ninguém. Porém, Dr. Blumenau enviou, sem o conhecimento do meu pai, uma carta a seu sobrinho, contendo as mesmas acusações que meu pai havia jogado na cara deste. A cópia desta carta caiu, por acaso, nas mãos de meu pai. Talvez Dr. Blumenau a deixasse à vista,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Die Sache wurde auch nie untersucht. Erst viel später, als Vater schon lange Jahre dem Dr. Blumenau treu gedient hatte, brachte dieser die Angelegenheit zur Sprache und war ganz erstaunt, als er den wahren Sachverhalt erfuhr. Reinhold Gärtner war aber längst nicht mehr Konsul, auch nicht mehr in Blumenau. Die Eingewanderten von damals waren schon brasilianische Staatsbürger geworden. Mithin hatte es keinen Zweck mehr, den Vorfall noch einmal aufzurühren, zumal mein Vater ihn schon beinahe ganz vergessen hatte, wie er denn auch niemals seinen Feinden etwas nachtrug oder sich irgendwie an ihnen zu rächen suchte. Dr. Blumenau aber schrieb ohne Willen und Wissen meines Vaters einen Brief an seinen Neffen, in dem genau dieselben Vorwürfe standen, welche ihm damals mein Vater ins Gesicht geschleudert hatte. Die Kopie dieses Briefes bekam mein Vater zufällig zu lesen. Vielleicht hatte sie Dr. Blumenau auch absichtlich so hingelegt, daß sie meinem Vater in die Hände kommen mußte, um ihm somit eine Genugtuung zu verschaffen. Wie dem auch sei – die ganze häßliche Angelegenheit war damit aus der Welt.

Doch es wird Zeit, daß wir uns wieder an Bord begeben. Endlich blähte der Wind die Segel wieder! Der alte Trog setzte sich langsam in Bewegung. Alle Leute auf dem Schiff lebten wieder auf und dankten Gott für die Rettung aus dieser schrecklichen Lage. Ein Opfer hatte diese aber doch gefordert: ein hübsches Mädchen von achtzehn Jahren starb ganz plötzlich, wahrscheinlich am Hitzschlag, und wurde auf dieselbe Weise wie unser armes Schwesterlein (Selma) dem Ozean übergeben. Da auch zwei Geburten zu verzeichnen waren, so kamen wir doch wieder vollzählig in Blumenau an.

Ohne weiteren Unfall, einen kleinen Sturm abgerechnet, der aber nur wenig Schaden anrichtete, erreichten wir nach dreizehnwöchiger Fahrt die Mündung des Itajahy-Flusses. Da wir jeden Tag den unermeßlichen Ozean vor Augen gehabt und jedes Augenmaß für Größenverhältnisse verloren hatten, so kam uns der große Fluß wie ein kleiner, schmaler Graben vor, und wir wunderten uns, daß unser alter Rumpelkasten da hinein sollte, sahen aber bald, daß noch Platz genug übrig blieb.

Ankunft in Brasilien

Endlich fiel der Anker, und wir waren wirklich und wahrhaftig in Brasilien angekommen. Alle Leiden der entsetzlichen Seereise waren mit einem Schlag vorüber. Wie neugeboren standen alle Immigranten auf dem Boden der neuen Welt – in der neuen Heimat! Ja, da standen wir auf der Straße der "Barra", wie der Ort allgemein

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para que meu pai a visse, como reparação. Pelo menos assim, esta questão estava encerrada definitivamente.

Voltemos a bordo. Enfim o vento voltou a soprar! A velha gamela começou a movimentar-se devagar e, todos a bordo se reanimaram, agradecendo a Deus que os salvou desta situação desesperadora. Esta situação causou uma vítima. Uma moça de dezoito anos morreu repentinamente, provavelmente de insolação. Ela foi levada ao fundo do mar da mesma maneira como nossa irmãzinha (Selma). Como houve dois nascimentos a bordo, chegamos a Blumenau com o mesmo número de imigrantes.

Sem mais nenhum contratempo, a não ser uma tempestade fraca, chegamos, após treze semanas, na foz do rio Itajaí. Como havíamos nos acostumados à imensidão do oceano e perdido a noção da dimensão das coisas, o grande rio nos parecia mais um pequeno fosso. Ficamos admirados que a lata velha deveria entrar lá, mas, logo percebemos que havia espaço suficiente.

A chegada ao Brasil

Finalmente, a âncora desceu e nós realmente havíamos chegado ao Brasil. Todo o sofrimento da péssima viagem desapareceu repentinamente. Todos os imigrantes, como que renascidos, estavam no chão do novo mundo, na nova pátria! Estávamos na rua da "Barra", denominação desta localidade. Hoje, ela se transformou em uma pequena cidade, mas, antigamente era um lugarejo com umas poucas casas arrumadas. A maioria das construções tinha um telhado, tipo meia-água, o que não causava uma boa impressão. O calçamento da rua se resumia em: areia ou praia, ambas muito quentes. As casas todas pintadas de branco e, no porto, os mais diversos tipos de embarcações ancorados, dava ao lugar uma impressão agradável e agitada.

Rapidamente fomos cercados por uma multidão – entre eles muitos negros. Nós não sabíamos falar, sequer, uma palavra em português. Não sabíamos o que fazer e ficamos aliviados quando um comerciante alemão

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

genannt wurde. Heute ist er zu einer kleinen Stadt geworden, damals aber war es nur ein kleiner Flecken mit wenigen ordentlichen Häusern. Die meisten Gebäude hatten ein einseitiges Dach, so ein Halbdach, was eben keinen schönen Eindruck machte. Das Straßenpflaster war der Sand oder Strand des Meeres, der noch überdies glühend heiß von der Sonne war. Da aber alle Häuser und Nebengebäude weiß angestrichen waren und im Hafen gerade viele große und kleine Küstenfahrzeuge lagen, so bildete doch das Ganze einen freundlichen und belebten Anblick.

Im Augenblick sammelte sich eine Schar Brasilianer – darunter auch viele Neger – um uns Neulinge, von denen kein einziger ein Wort

Portugiesich konnte. Wir wußten nicht ein noch aus und waren herzlich froh, als ein deutscher Kaufmann kam und sich unser erbarmte. Dieser Mann sorgte aufs beste und freundlichste für uns. Wir bekamen Essen und Trinken und wurden dann mit Sack und Pack in Lanchas, das sind große Lastboote mit Verdeck, eingeschifft und ungefähr eine Stunde flußaufwärts bis an die sogenannte "Barra do Rio", das ist die Mündung des kleinen in den großer Itajahyfluß, gebracht und bekamen hier ein großes, leerstehendes Gebäude als vorläufiges Quartier angewiesen. Nicht weit davon stand eine große Verkaufsbude, hier Venda genannt, in der man ds Notwendigste kaufen konnte. Wer noch Geld besaß, kaufte Weißbrot, Milch, Eier, Bananen, Kaffee und anderes. Einige hatten noch Schiffsproviant, und es kamen sogar noch aufgesparte konserven zum Vorschein. Da jeder von seinen Schätzen den anderen mitteilte oder umtauschte, so wurde der erste Tag in der neuen Heimat recht fidel zugebracht. Jeder freute sich, dem Marterkasten von Schiff entronnen zu sein. Dazu kam noch, daß die Kranken sich wunderbar schnell erholt hatten und nun zweifellos bald ganz genesen würden. – Noch einen Tag mußten wir hier verweilen, ehe alles in Ordnung gebracht, um weiterreisen zu können.

Am anderen Tag um elf Uhr, als der Seewind sich aufmachte, wurden wir wieder in die Lanchas eingeschifft, das heißt, das Gepäck, die Frauen mit ihren Kindern und einige kräftige Männer zum Schutze der Frauen und zur Bewachung des Gepäcks. Alle anderen mußten zu Fuß nach Blumenau wandern. Einige von den Immigranten aber waren schon von ihren Verwandten in Blumenau des Morgens in großen Canoas abgeholt worden; und so strebten denn alle zu Wasser and zu Lande dem Endziel Blumenau zu

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

veio ajudar-nos. Este homem resolveu tudo da melhor maneira possível. Recebemos comida e bebida, em seguida fomos levados com todos os nossos pertences até as lanchas de carga com cobertura, indo até a "Barra do Rio", lugar onde desemboca um pequeno rio no Itajaí-Grande. Lá, designaram-nos uma construção grande e desocupada, como alojamento provisório. Não muito longe dali havia uma venda grande, onde pudemos comprar o necessário. Quem ainda tinha dinheiro comprou pão de trigo, leite, ovos, banana, café e outros. Alguns ainda tinham as provisões do navio e até apareceram conservas, que haviam sido reservadas. Como todos trocaram suas preciosidades entre si, tivemos uma noite alegre na nova pátria. Estávamos felizes por termos saído daquele navio, um martírio, ainda mais que os doentes haviam convalescido rapidamente e logo estariam com a saúde recuperada. Permanecemos lá mais um dia, até que tudo estivesse em ordem, para então continuarmos nossa viagem.

Às onze horas do dia seguinte, quando o vento do mar começou a soprar, embarcamos nas lanchas, quer dizer, as mulheres com seus filhos, mais alguns homens fortes como proteção das mulheres e para zelar pela bagagem. Todos os outros precisaram caminhar a pé até Blumenau. Alguns imigrantes haviam sido buscados, de manhã, por seus parentes de Blumenau em canoas grandes. Assim, todos foram, a pé ou de canoa, ao encontro de seu destino final.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A publicidade veiculada nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70

Clóvis Reis César Martins[1]

Artigos

Resumo

O presente trabalho analisa a oferta programática e a forma de comercialização da publicidade veiculada nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70, os anos de ouro do rádio local. A pesquisa busca recuperar a história deste período, a partir de três objetivos que fundamentam a investigação: identificar os principais programas da época; verificar as formas de captação de publicidade utilizadas para o financiamento da programação; e examinar a estrutura de funcionamento do Departamento Comercial das emissoras. O estudo conclui que nas décadas de 60 e 70 as emissoras de Blumenau contratavam a veiculação de publicidade dos seguintes modos: venda direta no balcão, contato comercial, agência de publicidade, representação nos grandes centros e aluguel ou compra de horário na grade de programação.

[1] Doutor em Comunicação FURB – Universidade Regional de Blumenau / César Martins Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FURB - Universidade Regional de Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Palavras-chave: Publicidade; Propaganda; Rádio; História; Blumenau.

1 – Introdução

Ao contrário do que ocorreu nos grandes centros do Brasil, onde os anos dourados do rádio se situam entre as décadas de 30 e 60, em Blumenau o meio protagonizou um período de grande efervescência entre os anos 60 e 70. Nesta época, o município contava com cinco emissoras de rádio. Eram elas: Clube, Difusora, Nereu Ramos, Alvorada e Blumenau.

A primeira delas foi também a primeira emissora de rádio do Estado. A história da Rádio Clube de Blumenau começou em 1929, com um serviço de alto-falante instalado pelo radioamador João Medeiros Junior. A partir de 1931, tais experiências passaram a utilizar um transmissor de 150 watts e Medeiros Júnior fundou então uma sociedade, para captação de recursos através de apólices que vendeu para amigos e conhecidos. Em 1935, a emissora entrou no ar em caráter definitivo.

No período das irradiações experimentais, Medeiros Júnior já havia conseguido junto ao governo federal a concessão do prefixo PRC-4. Com efeito, a Clube é a única emissora em Santa Catarina com o prefixo PR, característico das mais antigas estações de rádio do país (MEDEIROS; VIEIRA, 1999, p. 29).

A licença oficial para o funcionamento definitivo da Clube saiu em 19 de março de 1936. Neste período a rádio já estava mais potente, utilizando um transmissor de 500 watts.

No final da década de 30, Medeiros Júnior vendeu suas cotas de participação na emissora para cuidar de assuntos pessoais. Wilson de Freitas Melro e Flavio Rosa com o passar dos anos compraram as cotas de participação dos demais proprietários, tornando-se então os acionistas majoritários de uma organização que posteriormente se tornaria um grande grupo multimidiático.

Em 1957, entrou em atividade a Rádio Difusora. Era uma rádio afiliada ao grupo Coligadas de Emissoras, que na época também era propri-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

etário da Rádio Clube de Blumenau. As Emissoras Coligadas eram compostas por seis estações: Clube de Blumenau, Clube de Indaial, Clube de Gaspar, Clube de Itajaí, Difusora de Blumenau e Araguaia de Brusque. Seus proprietários eram Wilson de Freitas Melro e Flavio Rosa que, anos mais tarde, fundariam em Blumenau o Jornal de Santa Catarina e a TV Coligadas, a primeira emissora de televisão de Santa Catarina.

A Difusora absorveu funcionários advindos da rede de emissoras. Com isso, já nasceu com profissionais conhecedores da linguagem do rádio, diferentemente do que ocorreu com a Rádio Clube de Blumenau, onde a improvisação e o experimentalismo marcaram as primeiras transmissões. Em 1990, a Difusora adotou o nome de Rádio Globo.

Por sua vez, a Rádio Nereu Ramos inaugurou suas operações em 1° de setembro de 1958. Seu fundador foi Evelázio Vieira, popularmente conhecido como Lazinho. O empresário foi um grande jogador de futebol e posteriormente um dos políticos mais influentes de Santa Catarina.

A Nereu foi a responsável direta pelos anos dourados do rádio no mercado local, pois contratou profissionais experientes de Curitiba, no Paraná, e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A emissora inaugurou o uso da unidade móvel nas transmissões externas e desencadeou uma forte concorrência com a Clube e a Difusora. O dinamismo de suas atividades obrigou uma reação das concorrentes, melhorando a programação e dando início a um período de grandes transformações no meio.

Já a Rádio Alvorada surgiu em 20 de julho de 1962. No final da década de 70, a Alvorada passou para o controle da Fundação Isaec de Comunicação e mudou de nome para Rádio União. Os pontos fortes da programação eram o jornalismo e as transmissões esportivas. Em 1988, a emissora passou a se chamar Unisul e, em 1995, adotou o nome de CBN Vale do Itajaí.

Finalmente, a Rádio Blumenau entrou no ar em 1° de abril de 1967. A Blumenau mudou o modo de se fazer rádio na cidade, transmitindo nos moldes de uma emissora FM e oferecendo os serviços de agência de notícias para outras estações da região. No final da década de 80, a Blumenau

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

passou a se chamar Rádio Jornal de Santa Catarina, porém anos mais tarde retomou o antigo nome.

Atualmente, Blumenau possui 11 emissoras de rádio de âmbito comercial. São elas: Clube, Globo, Nereu Ramos, CBN Vale do Itajaí e Blumenau, que transmitem em AM; e Atlântida, Band, Guararema, Menina, 90 Light Hits e União, que operam em FM.

2 - Desenvolvimento

2.1 – Problema de pesquisa

A história da publicidade radiofônica no Brasil divide-se nos seguintes períodos: a) a descoberta dos formatos de anúncio, de 1922 a 1930; b) a expansão e consolidação dos investimentos, de 1930 a 1960, considerados os anos dourados do rádio; c) as mudanças ante a presença da televisão, de 1960 a 1980; d) a transição para um novo modelo de mercado, a partir de 1980 (REIS, 2004, p. 2). Tais etapas e suas transformações estão vinculadas a aspectos tecnológicos, jurídicos e econômicos que protagonizam o rádio, a publicidade e o próprio país.

Já em Blumenau os anos de ouro do rádio foram as décadas de 60 e 70, posto que anteriormente não havia concorrência nas transmissões. Até então, estavam no ar apenas a Rádio Clube e a Rádio Difusora, que eram do mesmo grupo empresarial. A disputa pela audiência começou efetivamente com a inauguração da Rádio Nereu Ramos, em 1958, e se acirrou com a entrada em operação da Rádio Alvorada, em 1962, e da Rádio Blumenau, em 1967, o que se refletiu na qualidade da programação e no avanço tecnológico das transmissões. Em 1969 entrou no ar a TV Coligadas, que ao final da década de 70 já detinha o prestígio, a audiência e o faturamento publicitário antes dedicados ao rádio.

Com o objetivo de contribuir para o resgate da história da publicidade radiofônica neste período, a presente pesquisa busca responder as seguintes perguntas:

1) Quais eram os principais programas das emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2) Quais eram as formas de venda da publicidade utilizadas para o financiamento da programação neste período?

3) Qual era a estrutura de funcionamento do Departamento Comercial das emissoras?

Com tal fim, realizou-se uma pesquisa histórica, através de visita às emissoras, entrevista com profissionais da época, consultas ao Arquivo Histórico de Blumenau e bibliotecas da região Os dados coletados foram dispostos cronologicamente, para facilitar a análise e permitir uma avaliação comparativa.

Os resultados expostos a seguir são uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico César Martins, apresentado ao Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FURB – Universidade Regional de Blumenau em 2003, sob a orientação do Professor Clóvis Reis.

2.2 – Principais programas

A programação radiofônica se compõe de programas, também denominados espaços. O programa radiofônico compreende um conjunto de conteúdos diferenciados do discurso radiofônico, com uma estrutura própria e uma duração concreta (LEGORBURU, 2004, p. 61-67). Em geral, os programas se dividem em informativos, de variedades (ou magazines), esportivos, musicais, dramáticos, de entretenimento, formativos e especializados.

A seguir são descritas as principais características dos programas que alcançaram maior repercussão no rádio blumenauense durante as décadas de 60 e 70.

2.2.1 – A marcha do esporte

O programa "A marcha do esporte" constitui um verdadeiro marco na história do rádio local, já que foi o primeiro programa esportivo produzido em Santa Catarina. Criado pelo radialista Manoel Pereira Júnior em 1943, ia ao ar das12h40min às 13h, pela Rádio Clube de Blumenau.

"A marcha do esporte" era o programa de maior audiência da época e, conseqüentemente, o que tinha o custo mais elevado para a inserção

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de publicidade. Foi patrocinado com exclusividade durante 38 anos pela Transportadora Vale do Itajaí.

Em 1954, Manoel Pereira Júnior deixou a Clube, tomando o seu lugar o jornalista José Gonçalves, que dirigiu o programa até 1957. Com a sua saída, Tesoura Junior assumiu o cargo de editor de esportes da emissora.

Tesoura Júnior começou na Clube em 1946, sendo assistente direto dos antecessores. Trabalhou na emissora até se aposentar, em 1984, totalizado 38 anos de dedicação ao radiojornalismo esportivo. Nolte (2003) conta que o radialista era muito respeitado: "O Tesoura Júnior derrubava técnico de futebol. Se ele comentava que o jogo estava mal, os dirigentes escutavam muito ele. Ele era inteligente, conhecia tudo sobre futebol".

O apresentador implementou um programa com pré-produção e, segundo o próprio Tesoura Júnior (2003), a partir do momento em que assumiu a direção esportiva da emissora as notícias de âmbito local tornaram-se a prioridade de "A marcha dos esportes".

2.2.2 – Preto no branco

O programa "Preto no branco" foi ao ar no início da década de 60. Começava às 21h30min, terminando geralmente às 23h. Alguns programas, devido ao grande prestígio do entrevistado, iam até a meia-noite. Vários personagens da época declaravam que a cidade sintonizava o programa para ter o que falar no outro dia.

O apresentador era o proprietário da Rádio Nereu Ramos, Evilázio Vieira, o Lazinho, que era substituído eventualmente por Álvaro Correa. Lazinho (2003) lembra que "o programa permitia a vinda a Blumenau de pessoas de renome em todo o Brasil e que isso prestigiava a emissora, aumentando o seu conceito". O faturamento gerado com a venda de cotas de patrocínio e a utilização de expedientes como a permuta de anúncios por serviços de origem diversa possibilitavam a participação políticos, celebridades e profissionais liberais com atuação nos grandes centros do Brasil.

Uma das características do "Preto no branco" era o grande esforço de pré-produção do programa e a liderança em diversas campanhas comunitárias, como a mobilização para a instalação da FURB – Universidade

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Regional de Blumenau e o asfaltamento da BR-101. O programa pavimentou a carreira política de Lazinho, que posteriormente se elegeu deputado, prefeito e senador.

2.2.3 – Críticas e venenos

"Críticas e venenos" era um programa de muito sucesso, explorando o bom humor. Buscava-se o pitoresco do mundo esportivo, as trapalhadas de seus dirigentes, jogadores e árbitros. O programa nasceu de uma coluna de jornal. Seu criador, Adolfo Nolte, conta que era linotipista do jornal A Cidade, de Blumenau, e durante a noite escrevia esta coluna. Ninguém sabia quem era o autor, já que ele usava o pseudônimo de "O Carrasco".

Nolte foi levado para a Rádio Clube por Tesoura Júnior, em 1953, onde transformou a coluna em um programa de rádio. O espaço ocupava horários variados, sendo usado para alavancar a audiência dos demais programas da emissora. Normalmente ia ao ar das 11h45min às 12h.

O "Críticas e venenos" consistia, como o nome já diz, em uma crítica a determinada personalidade da vida esportiva, utilizando texto e música. O texto configurava, descrevia a situação. Era a crítica. A música fazia o fechamento humorístico do quadro. Era o veneno.

A emissora também veiculava o programa na abertura das transmissões esportivas, como lembra Nolte (2003): "Antes do jogo, os melhores momentos da semana eram reprisados. Então nos estádios de futebol era aquela alegria toda, pois antigamente eles levavam o radinho de pilha para os campos. Era um sucesso... A gente tinha até orgulho de apresentar o programa".

A comercialização do espaço dava-se por aluguel do horário na grade de programação, ou seja, a emissora fixava um determinado valor e o apresentador vendia anúncios publicitários para viabilizar economicamente a transmissão.

2.2.4 – Picape da frigideira

A transmissão do programa "Picape da frigideira" começou com a vinda do radialista Nelson Rosenbroek para Blumenau. Ele era oriundo da

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Rádio Araguaia de Brusque e veio reforçar o elenco da Rádio Clube, que sentia a forte concorrência da Rádio Nereu Ramos.

O nome "Picape da frigideira" foi criado pelo radialista Altair Carlos Pimpão (KLUEGER, 2002, p. 15). A marca característica do programa era exatamente o barulho das batidas desferidas contra uma frigideira, além do placar dos nascimentos nas maternidades da região, a música regional e o horóscopo.

Durante 15 anos o programa contou com o patrocínio exclusivo da rede de lojas Prosdócimo, que foi sucedida pelas Pilhas Eveready.

2.2.5 – A Blu é uma parada

O programa "A Blu é uma parada" é fruto direto das inovações implantadas pela Rádio Blumenau em termos de programação radiofônica, que seguia os moldes das primeiras emissoras de FM, com intensa difusão de músicas de sucesso. Amorim (2003) recorda: "O programa era transmitido aos sábados. A gente passava na rua e todo mundo estava ouvindo a emissora". O slogan do programa era: "Só porque hoje é sábado, a Blu é uma parada".

O programa estreou em meados da década de 70 e ficou no ar por mais de 15 anos. O "Blu é uma parada" teve como patrocinadores durante muitos anos a Drogaria Catarinense e a rede de lojas Utilar.

2.2.6 – Repórter catarinense

O "Repórter catarinense" foi um programa jornalístico criado por Manoel Pereira Júnior, na Rádio Clube de Blumenau, na década de 50. Foi inspirado no Repórter Esso, da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. O nome "Repórter catarinense" deve-se a seu patrocinador, a Drogaria Catarinense. Seu horário na grade de programação ao longo dos anos sofreu poucas alterações, indo ao ar das 18h às 18h30min.

Braga Mueller (2003) lembra que o "Repórter catarinense" tinha grande audiência: "Era impressionante, todos paravam para ouvir. O que se falava no programa estava falado. Estava sacramentado". O programa era muito bem produzido e redigido. O redator do programa durante mui-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tos anos foi Reinaldo de Oliveira Ferreira, tendo como superior direto Tesoura Júnior.

2.2.7 – Grande jornal do ar

O "Grande jornal do ar" era o programa de major prestígio da Radio Nereu Ramos e desfrutava de grande audiência. Na abertura, havia um editorial, sob a responsabilidade de Ismael Correa. Nos últimos 10 minutos, a entrevista do dia, a cargo de Álvaro Correa.

Álvaro Correa (2003) lembra com orgulho daquela época: "O programa era o best-seller da rádio. Era o grande programa". Lazinho (2003) observa que, como o comércio fechava ao meio-dia, naquele tempo, e não existia o hábito de almoçar no centro, todos iam para casa. Por isso, o programa começava às 12h15min. Era o tempo necessário para chegar em casa e almoçar, ouvindo as notícias.

O "Grande jornal" do ar era o produto mais valorizado na grade de programação da Rádio Nereu Ramos e possuía quatro cotas comerciais exclusivas.

2.2.8 – Carta aberta

Curiosamente, o programa "Carta aberta" nasceu na televisão e depois migrou para o rádio, como lembra seu criador, Danilo Gomes (2003): "Eu apresentava na TV Coligadas o "Repórter Garcia" e lá alguém teve a idéia de fazer o "Carta aberta". Aí entrou no ar na televisão e ficou quase nove anos. De lá eu vim para o rádio". Gomes apresentou o programa nas rádios Unisul (sucessora da Alvorada) e Nereu Ramos.

O "Carta aberta" era um programa eminentemente comunitário e, apesar do nome, estabelecia o contato com público basicamente através do telefone. No início do programa, o próprio apresentador comercializava o espaço, mas depois o serviço de venda dos anúncios passou para as agências de publicidade e o Departamento Comercial das emissoras nas quais era veiculado.

2.2.9 – A polícia é notícia

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O programa "A polícia é notícia" foi criado e apresentado por Rodolfo Sestrem na década de 70 e consistia, basicamente, na dramatização de fatos policiais. Fabeni (2003) recorda que Sestrem fazia o programa com tanto entusiasmo que às vezes até chorava ao final das transmissões.

"A polícia é notícia" estreou na Rádio Clube, mas conforme Rodolfo Sestrem mudava de emissora ele incluía o programa na grade de programação do seu novo local de trabalho. Na maioria das vezes, a comercialização do programa ocorria através do aluguel de horário na grade de programação da emissora. O programa ficou no ar até a década de 90.

2.2.10 – Peça sua música

Um dos primeiros programas de rádio do Estado foi o "Peça sua música", uma das maiores fontes de renda da Rádio Clube de Blumenau. O ouvinte ia até a emissora, pedia uma música, fazia alguma dedicatória e pagava a emissão. O programa teve início na década de 30, se estendendo até meados dos anos 70.

Segundo Braga Mueller (2003), o espaço era extremamente lucrativo para a emissora, porque existiam músicas de sucesso para as quais havia de 10 a 15 dedicatórias. O "Peça sua música" ia ao ar das 15h às 22h.

2.2.11 – Cortesia musical

O "Cortesia musical" era levado ao ar pela Rádio Nereu Ramos. Era semelhante ao "Peça sua música", da Rádio Clube. O programa estreou junto com a emissora, em 1958, mas o seu tempo de emissão era menor do que ocorria com o concorrente. O "Cortesia musical" ficou no ar até meados da década de 70.

2.2.12 – Caixa de pedidos Lever

O programa "Caixa de pedidos Lever" era emitido pela Rádio Clube, às 14h. Segundo Braga Mueller (2003), o programa era produzido em agência de publicidade com sede em São Paulo.

O "Caixa de pedidos lever" consistia basicamente em enviar uma embalagem do sabonete Lever (antecessor do sabonete Lux) para a emisso-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ra, aproveitando o espaço para pedir uma música e escrever uma dedicatória. O programa ficou no ar de 1955 a 1963, com patrocínio exclusivo das indústrias Lever.

2.2.13 - Transmissões esportivas em geral

Como foi a primeira emissora de rádio de Santa Catarina e uma das primeiras do Brasil, a Clube teve o primeiro programa esportivo do Estado, "A marcha do esporte", e foi uma das primeiras a formar uma equipe para transmitir os jogos de futebol. As transmissões externas começaram em 1954, quando a equipe da Clube estreou no jogo entre o Grêmio Esportivo Olímpico e o Guarani, dois times com grande tradição no esporte amador local. A equipe era composta por José Gonçalves, Jeser Jossi Reinert, Adolfo Nolte e Tesoura Júnior.

Tesoura Júnior (2003) conta como foi a primeira transmissão esportiva pela Clube: "O jogo foi realizado no Estádio da Baixada, na Alameda Rio Branco. O Olímpico ganhou de dois a zero. Naquele tempo ainda havia a paixão por determinado clube dentro da nossa equipe. Não havia um clima de imparcialidade que deveria prevalecer, como mais tarde prevaleceu. Então nesta primeira partida aconteceu um lance muito interessante. O locutor que estava narrando a partida era torcedor fanático do Palmeiras, um time arquiinimigo do Olímpico. O Guarani estava atacando, então ele narrou assim: 'Fulano para ciclano, ciclano para fulano, entrou na área, preparou, vai marcar, chutou, mas que m..., passou por cima do travessão!'"

Tecnicamente também havia muitas dificuldades, como lembra Nolte (2003): "Havia poucas linhas telefônicas para as transmissões. Além disso, tínhamos que subir em poste para fazer a ligação dos fios, transmitir no meio de roça de aipim ou em cima do barranco. Tudo isso era normal".

Para viabilizar economicamente o programa, a direção da Clube alugava o espaço na grade de programação. Então, os próprios integrantes da equipe esportiva visitavam o comércio e a indústria locais em busca de patrocínio. Não havia a participação dos contatos comerciais da emissora. Tesoura Júnior (2003) comenta: "Os valores cobriam muito bem as custos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O pessoal não regateava para pagar. Pagavam com toda a satisfação porque tinham muita audiência".

A partir de 1958, as transmissões esportivas em Blumenau sofreram profundas transformações. Entrou no ar a Rádio Nereu Ramos, que inovou técnica e profissionalmente. A emissora utilizava equipamentos modernos e anos mais tarde introduziu o uso do microfone sem fio. Sua equipe era composta por grandes profissionais com muita experiência em emissoras de grandes centros do Brasil. Entre eles, incluíam-se Willy Gonzer, vindo da Rádio Inconfidência de Minas Gerais, e Martin Rebelato, egresso da Rádio Pan-Americana de São Paulo.

A comercialização dos espaços publicitários nas transmissões esportivas da Nereu era realizada pelo Departamento Comercial, diferentemente do que fazia a Clube, que alugava o espaço na grade de programação para que a equipe esportiva vendesse os anúncios publicitários.

2.3 – Venda de publicidade

O mercado da publicidade constitui um fator externo que marca não apenas o presente de uma emissora de rádio, mas também as suas expectativas de futuro (MARTÍ, 2004, p. 39). Com efeito, a análise dos investimentos publicitários realizados no Brasil assinala a importância de uma boa relação com as agências de publicidade para que o rádio incremente a sua participação na divisão dos recursos destinados à mídia. (REIS, 2004, p. 294). Historicamente, o faturamento via agências de publicidade representa cerca de 70% da receita das emissoras com sede nos grandes centros. Os 30% restantes são contabilizados através da venda direta de anúncios.

Nas décadas de 60 e 70, a comercialização dos espaços publicitários nas emissoras de rádio de Blumenau ocorria de acordo com as seguintes formas: através dos contatos comerciais, buscando os clientes no comercio e indústrias locais; através dos próprios apresentadores dos programas, que alugavam espaço na grade de programação; através de agentes publicitários, com sede nos grandes centros do país; e por meio da chamada venda direta de balcão. A venda de balcão era aquela em que o anunciante deslocava-se até a emissora para contratar o anúncio comercial. Outra for-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ma de obtenção de receita publicitária era a venda de oferecimentos musicais, comunicações de falecimento (obituário), agradecimentos e convites para missa de sétimo dia, avisos de achados e perdidos, venda de imóveis, entre outros.

A Rádio Nereu Ramos mantinha um representante em São Paulo e no Rio de Janeiro e cerca de 50% do seu faturamento provinha destes representantes, que recebiam 20% de comissão sabre o montante faturado. A Rádio Clube de Blumenau contava, desde a década de 30, com um representante no Rio de Janeiro. Posteriormente, as emissoras contrataram representantes em Porto Alegre e Curitiba.

Nesse período, em todas as emissoras era rotineiro que, além do Departamento Comercial, os apresentadores também vendessem anúncios. Mesmo sendo assalariados, os apresentadores utilizam suas aptidões para aumentar a renda com a comissão proveniente das vendas. Alguns locutores "alugavam" o horário na grade de programação por determinado preço e vendiam as cotas publicitárias acima do valor fixado pela emissora, contabilizando com isso uma renda elevada. Este tipo de comercialização (compra ou aluguel do horário) ocorria no caso de comunicadores mais conhecidos no mercado e no caso das equipes esportivas.

Nolte (2003) lembra como eram as negociações neste tipo de venda: "O falecido Ingo Hering (diretor-presidente da Hering) era um cara que não falava bem o português, mas jamais deixou de receber um radialista lá para buscar anúncio. Ele mesmo recebia a gente. Então, às vezes, nós ligávamos primeiro pro Seu Ingo porque, se a gente chegasse lá na empresa sem ter falado com ele antes, o pessoal da portaria nos barrava. Então a gente ligava e dizia: 'Seu Ingo nós temos uma partida pra transmitir'. Aí ele dizia pra gente passar lá. E ele mesmo nos recebia e mandava assinar a autorização de veiculação. Às vezes, quando a gente não conseguia falar com ele e precisava do anuncio, nós colocávamos o comercial no ar assim mesmo, sem a autorização prévia, e depois cobrávamos dele".

Muitas vezes, o Departamento Comercial das emissoras solicitava a ajuda dos apresentadores para que os mesmos os auxiliassem em determi-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nada venda de publicidade. Nesse caso, utilizava-se o prestígio dos locutores para o fechamento do negócio, como explica Tesoura Júnior (2003): "Às vezes alguns corretores até pediam auxílio pra gente. Eles queriam pegar um determinado anunciante, mas não estavam tendo penetração lá. Eles pediam então que um dos integrantes da equipe esportiva fosse junto neste cliente para dar uma mãozinha. Aí a gente ia lá e conseguia assinar o contrato".

Somente os apresentadores mais conhecidos, com programas de grande audiência, conseguiam vender comerciais ou alugar o espaço na grade de programação das emissoras nas quais atuavam. Em caso contrario, a comercialização se dava através dos contatos comerciais e dos representantes das emissoras.

Convém observar que, nas décadas de 60 e 70, o comércio local era muito forte e que os moradores das cidades vizinhas dirigiam-se a Blumenau para fazer suas compras. A Rua XV de Novembro era o principal ponto comercial. Era ali que ocorria a concentração das maiores e melhores lojas de Blumenau e, conseqüentemente, era ali que as emissoras de rádio tinham seus maiores anunciantes.

Para evitar brigas entre os contatos comerciais da Rádio Nereu Ramos, Vieira (2003) conta que a emissora instituiu a divisão da Rua XV de Novembro em lado direito e lado esquerdo. Assim, determinados contatos visitavam somente as lojas do lado direito, enquanto outros se dirigiam somente aos estabelecimentos do lado esquerdo. Segundo ele, as agências de publicidade sempre tiveram uma participação pequena no faturamento das emissoras de Blumenau e passaram a desempenhar um papel de maior importância na venda de anúncios com a ascensão da televisão, na década de 70.

3 – Considerações finais

Com a realização do presente trabalho, comprovamos, primeiramente, a falta de material de pesquisa sobre a história das emissoras de rádio e da publicidade radiofônica em Blumenau. Apesar dos esforços do Arquivo Histórico, os documentos disponíveis são raros. As informações

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

existem apenas na lembrança dos personagens que viveram aquele período.

Portanto, é necessária a realização de novas pesquisas sobre o rádio blumenauense, a fim de que se resgate e se preserve a história do meio. O presente trabalho representa uma primeira contribuição neste sentido e serve de base para futuras investigações.

Com o objetivo de sistematizar as principais conclusões do estudo, a seguir se apresentam os resultados relacionados às perguntas da pesquisa.

3.1 - Principais programas das emissoras de rádio nas décadas de 60 e 70

De acordo com o resultado das entrevistas realizadas com os profissionais que trabalharam nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70, entre os programas que alcançaram maior repercussão naquele período incluem-se:

a) Programas informativos: "A polícia é notícia", "Carta aberta", "Grande jornal do ar", "Preto no branco", "Repórter catarinense".

b) Programas musicais: "A Blu é uma parada", "Caixa de pedidos Lever", "Cortesia musical", "Peça sua música".

c) Programas esportivos: "A marcha do esporte", transmissões esportivas em geral.

c) Programas de variedades (magazines): "Picape da frigideira".

e) Programas de entretenimento: "Críticas e venenos".

3.2 - Formas de comercialização e estrutura do Departamento Comercial das emissoras:

Nas décadas de 60 e 70, as emissoras de rádio em Blumenau vendiam os anúncios publicitários dos seguintes modos:

a) Venda direta de "balcão": era uma forma de negociação realizada diretamente nas dependências da emissora de rádio. Além da publicidade propriamente dita, as emissoras vendiam dedicatórias para pedidos musicais, comunicação de achados e perdidos, anúncios para a seção de obituário, etc.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

b) Contato comercial: na estrutura organizacional do Departamento Comercial das emissoras de rádio, já existia nas décadas de 60 e 70 a figura do contato comercial. Era o funcionário responsável pela prospecção e captação de clientes, que efetuava a venda de publicidade diretamente com o anunciante. Muitas vezes, o próprio contato comercial era o responsável pela redação dos anúncios. Na maioria dos casos, os contatos trabalhavam como profissionais autônomos, sem vínculo empregatício com as emissoras.

c) Representantes: as emissoras de rádio de Blumenau, com o intuito de atrair os anunciantes de âmbito nacional, utilizavam o expediente da representação nos grandes centros, com escritórios instalados em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba. Através de tais representantes, as emissoras veicularam campanhas de grandes anunciantes, como Kolynos, sabonetes Lever (Lux), Prosdócimo, Pilhas Eveready, entre outros. As verbas publicitárias captadas por esses representantes eram expressivas e contribuíam significativamente para o faturamento das emissoras.

d) Aluguel ou compra de horário na grade de programação: este tipo de negociação ocorria quando um apresentador alugava um determinado espaço na programação da emissora. A estação estipulava um determinado preço e o locutor contratava a veiculação de anúncios que cobriam tais custos. Os valores captados acima da cota estipulada pela emissora compunham o lucro do apresentador/vendedor.

e) Agências de publicidade: as poucas agências de publicidade que existiam em Blumenau nas décadas de 60 e 70 não representavam uma forma significativa de captação de anúncios para as emissoras. As agências centravam suas atenções nos jornais e, posteriormente, dedicaram seus esforços para a televisão.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Referências

AMORIM, N. Entrevista concedida pelo radialista. Blumenau, 2003.

BRAGA MUELLER, C. Entrevista concedida pelo radialista. Blumenau, 2003.

CORREA, A. Entrevista concedida pelo radialista. Blumenau, 2003.

FABENI, N. Entrevista concedida pelo radialista. Blumenau, 2003.

GOMES, D. Entrevista concedida pelo radialista. Blumenau, 2003.

KLUEGER, U. A. História de vida – Nelson Rosenbrock. **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Nova Letra, v. 43, n. 01/02, p. 49-70, jan./fev. 2002.

LAZINHO. Entrevista concedida pelo proprietário da Rádio Nereu Ramos de Blumenau. Blumenau, 2003.

LEGORBURU, J. M. La radio generalista: las técnicas de programación. In: MARTÍNEZ-COSTA, M. P.; MORENO, E. M. (coord.). **Programación radiofónica**. Arte y técnica del diálogo entre la radio y su audiencia. Barcelona: Ariel, 2004, p. 47-69.

MEDEIROS, R.; VIEIRA, L. H. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.

MARTÍ, J. M. M. La programación radiofónica. In: MARTÍNEZ-COSTA, M. P.; MORENO, E. M. (coord.). **Programación radiofónica**. Arte y técnica del diálogo entre la radio y su audiencia. Barcelona: Ariel, 2004, p. 21-45.

NOLTE, A. Entrevista concedida pelo radialista. Blumenau, 2003.

REIS, C. A evolução histórica da publicidade radiofônica no Brasil (1922-1990). 2° ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 15 a 17 de abril, Florianópolis. **História do ensino de Jornalismo e das profissões midiáticas no Brasil**. São Paulo: Rede Alfredo de Carvalho, 2004. CD-ROM.

REIS, C. **La publicidad radiofónica**: los formatos de anuncio y el mercado de la radio de Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidad de Navarra, Pamplona, 2004.

TESOURA JÚNIOR. Entrevista concedida pelo radialista. Blumenau, 2003.

VIEIRA, J. E. Entrevista concedida pelo proprietário da Rádio Clube de Blumenau. Blumenau, 2003.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Etimologia do topônimo Camboriú

Lino João Dell' Antônio[1]

Artigos

Algumas suposições sobre o significado do topônimo Camboriú, totalmente divorciadas da realidade física, nos proporcionaram a oportunidade desta pesquisa.

Na primeira parte deste trabalho, faremos uma exposição sucinta das diversas hipóteses sobre a etimologia do termo camboriú. Na segunda parte, analisaremos metodicamente o significado dos étimos, conscientes de que "é de necessidade errar, arriscando hipóteses, mas errar com a esperança de achar a solução e com a convicção de que, se tiver errado, outro há de vir que acertará" (BACHMANN, 1951, p. 291).

Em função das dificuldades que o termo apresenta, nos preocupamos com o método. A análise etimológica inicia com a procura das raízes primitivas escritas, nos clássicos da língua tupi-guarani. Uma comparação do significado encontrado com textos antigos da literatura brasileira, dará, sem dúvida, consistência à nossa tese.

Baseados num milenar princípio da sabedoria indígena, onde uma definição toponímica é sempre uma frase acabada e uma decifração real

[1] Professor da UNIDAVI – Campus Taió

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do meio local, nos debruçamos sobre uma variada bibliografia específica, na tentativa de elucidar aquilo que, a priori, parece um enigma.

Portanto, o nosso estudo toma antes a forma de uma análise histórico-comparativa do que lexicológica.

A seguir, apresentaremos, em síntese, as hipóteses publicadas sobre o étimo camboriú, fazendo antes alguns esclarecimentos para a melhor compreensão do texto.

Theodoro Sampaio, autor do O Tupi na Geografia Nacional, morreu antes do grande impulso que a Universidade de São Paulo deu ao desenvolvimento da língua brasílica. Além de criar a primeira cadeira de Tupi, a Universidade publicou velhos inéditos, entre eles O Vocabulário da Língua Brasílica, dicionário manuscrito dos jesuítas, alicerce dos novos estudos da língua tupi. Conseqüentemente, a sua obra, a mais manuseada por historiadores e indianistas, infelizmente não teve a revisão que se fazia necessária. A 4ª edição, reeditada em 1955, traz, em notas ao pé da página, as modificações que mais se impunham. Não houve alterações no vocabulário etimológico. Muitas deduções erradas continuaram a ser divulgadas em livros e em revistas.

Entre essas deduções, está a definição do topônimo Camboriú: **rio onde corre o leite**, assim decomposta: camby (leite) + ri (correndo) + y (água do rio). Apesar de ser a hipótese mais divulgada, ela define algo irreal, fantasioso, que não condiz com o pragmatismo indígena.

Outra dedução, retirada de um pequeno vocabulário do Pe. Geraldo Pawels, que por sua vez provém de uma tradução de robalo, dada por Theodoro Sampaio, é uma opinião do Pe. Raulino Reitz, publicada na revista Blumenau em Cadernos, onde Camboriú é definido como **criadouro de robalo**. Theodoro Sampaio traz três grafias na tradução de robalo, e entre elas, camburu. Na pesquisa que fizemos do vocábulo camurim (robalo), das oito citações encontradas, na literatura brasileira, desde 1587 a 1935, apenas três grafias diferentes aparecem: camurim, camuru e camorim. Camburu, de onde poderia ter vindo o nome Camboriú, não aparece.

Em 1829, Miguel de Brito, ao passar pela região, grafou rio " Cambarigú-assú", ao invés de rio Camboriú. Desta grafia errada, fato tão comum em mapas da época, nasceram algumas suposições.

Hermes Justino Patrianova, após uma série de divagações, con-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

firma que antigamente Camburiú (sic) chamava-se Cambariguaçu: **seio grande em cima do morro,** assim decomposto: camba (mama, seio) + ari (em cima) + guaçu (grande). O autor, ao pretender justificar a sua assertiva, altera o termo tupi cama (mama, seio) em camba. Para Patrianova, o termo original Cambariguaçu seria a tradução da grande mama, que aparece numa montanha da região. É nesse contexto geográfico, muito subjetivo e irreal, na nossa opinião, que se fundamenta a citada hipótese.

Da grafia registrada por Miguel de Brito, o IBGE, na Enciclopédia dos Municípios, em 1955, sugere mais duas possibilidades. Camboriú teria vindo de **camburu**, que de acordo com Montoya, significa chaparro ou sobro - árvore de pequena altura, cuja madeira serve para lenha. A outra possibilidade teria se originado de um étimo latino "**cambore**", derivado de gamboa ou camboa, que segundo Cândido de Figueiredo, é um "pequeno esteiro que se enche com o fluxo da maré e fica em seco com o refluxo" (FIGUEIREDO, 1949, p. 1282).

A primeira das possibilidades, descrita no parágrafo anterior, é inviável, porque chaparro e sobro são árvores xerófilas, próprias dos lugares secos. A segunda não possui nenhuma consistência, pois não existe o termo latino "cambor", da terceira declinação, donde poderia ter vindo "cambore". As palavras latinas "gamba" ou "camba" são da primeira declinação e não há essa flexão, como suposta origem do nome Camboriú.

Segundo o IBGE ainda, há quem atribui a origem do nome à uma grande curva do rio – lugar onde **camba o rio**. Esta expressão é muito popular ainda e provém do conhecimento mítico.

No Diccionário Histórico e Geográphico de Estado de Santa Catarina de José Artur Boiteux, encontramos a afirmação: "a palavra Camboriú é indígena e significa **rio de camboas**" (BOITEUX, 1915, p. 111). O termo camboa é polisêmico, com uma acepção de origem tupi e com outras, de origem latina. Sem uma explicitação do termo, o IBGE divulgou a definição de Laudelino Freire: "lugar em que remansa a água dos rios, dando a aparência de lago tranqüilo" (FREIRE, 1940, p. 2649). O próprio autor da hipótese, ao descrever o rio Camboriú, parece confirmar a assertiva latina: "(...) desliza com pouca correnteza, em terras assás férteis (...)" (BOITEUX, 1915, p. 111). Ademais, os dicionários etimológicos que trazem camboa, também na acepção tupi, são posteriores a 1950, quando o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ministério da Educação e Cultura, através do Instituto Nacional do Livro, incentivou estas publicações históricas.

Este é o resumo das principais suposições sobre o significado do termo camboriú. Não são resultados de estudos metódicos, mas cópias de traduções de alguns vocábulos de grafia semelhante, encontrados em dicionários, cujos lexicógrafos jamais conheceram o lugar que as palavras pretendem definir. Algumas das sugestões se fundamentam apenas na metodologia da decomposição e no milagre dos metaplasmos.

Antes de qualquer análise histórico-lexicológica, é oportuno conhecer o contexto, em que viveu nosso homem pré-histórico. Recentes pesquisas alteram significativamente o conhecimento que tínhamos dele.

Análises sofisticadas de doze mil e quinhentas pessoas, cujos resultados se encontram no livro "The Backbone of History" (A Espinha Dorsal da História), editado pela Cambridge University Press, mostram que os índios do litoral catarinense, no ano 1.000, tiveram a melhor qualidade de vida biológica de todas as Américas, incluindo os imigrantes europeus. Entre esses quarenta estudiosos, estava o antropólogo Walter Neves da Universidade de São Paulo, que ao analisar o bom estado dos ossos dos nossos silvícolas, concluiu que "se deve ao ambiente costeiro, rico em peixes (fonte de proteína animal) e ao hábito da caça e coleta" (ANGELO, 2002, p. 16-17).

O professor Marco de Masi, da UNISUL, em 1997, através do teste do colágeno – proteína que forma o osso humano – demonstrou que o peixe era o alimento básico. Os estudos do conhecido arqueólogo se resumem nesta afirmação: "em vez de caçadores-coletores, chegamos a conclusão que eram pescadores-coletores, os antepassados do litoral" (DIÁRIO CATARINENSE, 12 jul. 1999). Entre os sítios analisados do litoral catarinense, está o de Laranjeiras, em Balneário Camboriú, SC, que registra a presença indígena há 3800 anos.

Outra consideração diz respeito à língua falada no litoral. O guarani é um dialeto do tupi. Entre elas há pequenas diferenças, mas ambas são línguas de aglutinação, diferentes, portanto, das línguas européias, de flexão. Cada sílaba representa uma idéia e juntas formam um termo, uma frase acabada. Na toponímia, este termo é uma descrição física da realidade. Por isso, quando se pesquisa um termo tupi-guarani, o primeiro passo é decompô-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

lo em idéias, embora, nem sempre as raízes são monossilábicas.

Dessas considerações, deduzimos que nossos índios do litoral não eram tão atrasados e há milhares de anos, ocuparam o litoral catarinense pelos atrativos que o mesmo oferecia. Dali só saíram, quando se sentiram ameaçados pelos bandeirantes escravagistas.

Camboriú é formado por quatro idéias: **caa + (a)mbo + ri + u**. Da análise de cada idéia, pretendemos chegar a uma conclusão lógica, que defina uma realidade física, contida no termo.

Caa é uma idéia muito comum aos dialetos da língua tupi e se aplica a produtos do reino vegetal. De acordo com o contexto, pode significar mato, herva, galhos, varas, como caatinga (mato branco), uma floresta da nossa geografia nordestina. Muitos termos, que carregam esse étimo, com a vernaculização, sofreram modificações gráficas. Capim (caapim = erva), caipora (caa + porá = morador do mato) são exemplos que provém do étimo **caa**.

Ambo não é um termo conhecido, mas, no termo camboriú, é o atributo principal do sujeito.

No dicionário guarani-español de A. Jover Peralta e T. Osuna, há várias frases elucidativas, com a raiz **ambo**. No verbete ramo, aparece a frase: Ca'**amba**yá (ramos para cercar arroio). No verbete pescar, encontramos duas frases: pi**ambo**a (pescar com rede) e **mbo**corá (cercar).

Pe. Antonio Guash, S. J. , no "El Idioma Guarani" a p. 46 registra esta frase: **embo**ty pe ovetã (fecha a janela).

No "Vocabulário de la Língua Guarani" de Antonio Ruiz Montoya S. J. (1640) reeditado em 1893, por Paulo Restivo, no verbete cerca, aparecem estas duas frases: **ambo**corá (fazendo curral) e **ambo**ti (fechar com chave).

Estes exemplos fraseológicos, retirados de obras clássicas do guarani, não deixam dúvida que a idéia primitiva **ambo**, com suas variações sintáticas, significava cercar, fechar, trancar, encurralar.

Ri é uma abreviação (aférese), do termo **meri** (pequeno). Lambari (peixe pequeno), taperi (tapera pequena) e taquari (taquara pequena) são exemplos elucidativos dessas abreviações, comuns no dialeto guarani.

U é o sujeito da frase e significa rio. É próprio da "toponímia de origem tupi, as formas divergentes deste étimo, as quais aparecem grafadas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

com **i** ou **y**, ora com **u**" (CARDOSO, 1961, p. 154). Na corografia do Pará, existem o rio Ipitinga (rio turvo) e o rio Utinga (rio branco). Num topônimo, o fonema tupi se transforma em **i** e no outro, em **u**.

Nas línguas de aglutinação, o singular e o plural se deduzem do contexto. Então, as nossas quatro idéias tupi-guaranis: **caa** (varas) + (**a**)**mbo** (varas) + **ri** (pequenas) + **u** (rio) formam esta definição em língua portuguesa: **rio das pequenas cercas de varas**.

As duas idéias **caa** + **ambo** já aparecem vernaculizadas no termo camboa, que se encontra em obras históricas, significando sempre como sinônimo de cercado feito de varas para apanhar peixes.

Feita esta explicitação, a melhor tradução do topônimo Camboriú, de etimologia tupi-guarani, é **RIO DAS PEQUENAS CAMBOAS**.

O Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi de Antonio Geraldo da Cunha traz vários textos, onde aparece o termo camboa, de etimologia tupi-guarani, relacionado com a pesca. Três deles são contundentes.

O primeiro é de Gabriel Soares de Sousa, que em 1587, no livro Notícia do Brasil, ao falar da captura do peixe cunapu, afirma que "no tempo das águas vivas se tomam em uma tapagem de pedra e de paus a que os índios chamam camboas, onde morrem muitos (...)" (CUNHA, 1978, p. 90).

O segundo texto é de Ambrósio Fernandes Brandão, autor dos Diálogos das Grandezas do Brasil, editado em 1618. Ao descrever uma pescaria, assim se manifesta, na ortografia da época: " (...) em hua tapajem que estaua feita em certo rio pêra pescarem nella a que nesta terra chamão camboa se chegarão dous peixes de semelhante espécie dos coais entrou hu pêra adentro, ficando o companheiro de fora (...)" (CUNHA, 1978, p. 90).

O último texto é de José Veríssimo, no livro A Pesca na Amazônia, de 1895. Ao falar sobre essas técnicas, assim as descreve:

> Estes currais alongam-se, às vezes por cem e cento e cincoenta metros, e multiplicam-se por aquelas costas. Além destas cercas móveis, constroeem **camboas** fixas, com varas e talas fortes ou em sítio que uma disposição especial da costa os favorece com alguma cerca natural (...). Das armadilhas as mais notáveis, por mais produtoras são o cacuri, os cercados, as **camboas** (...) . (CUNHA, 1978, p. 90) .

Os três textos citam **camboa** como sinônimo de tapagem, cerca fixa com varas e talas, cerca móvel e cerca natural. Na busca dos significa-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dos das raízes históricas do termo camboriú, encontramos uma frase esclarecedora: **ca'ambayá**, que significa ramos (varas) para cercar arroio (rio). O "á", como conjunção pospositiva, indica fim (para). As demais sílabas são as idéias fundamentais do termo camboriú (varas, cercar, rio), faltando apenas a idéia secundária **ri** (pequenas). Se transformarmos esta finalidade em atributos do termo rio, obteremos a definição literal do topônimo Camboriú: rio de pequenas cercas de varas.

A possibilidade de se concretizar, na prática, o que a definição proclama, é outro argumento, que torna a solução encontrada convincente, diminuindo os riscos de interpretações errôneas das palavras.

O acidente geográfico chamado Camboriú – **rio das pequenas camboas** – era ideal para esta técnica de pesca. Da sede do antigo município até a praia de Balneário Camboriú é uma extensa planície. A variação altimétrica entre aquela cidade e o mar é mínima. Sem os muros, sem os enrocamentos, sem os aterros, sem os desassoreamentos e sem a poluição de agora, junto com as águas, subiam os peixes, muitos peixes, que, com pouco trabalho, usando apenas o que a natureza produz, no refluxo das marés, garantiram a sobrevivência dos que ali viveram.

Se não bastassem os argumentos apresentados, duas ilhotas fluviais, estrategicamente situadas, faziam parte integrante das camboas do rio Camboriú. Elas eram as cercas naturais. Eram os locais, onde provavelmente os índios montavam as cercas artificiais, para a captura do peixe. O homem branco, que se estabeleceu na região a partir de 1758, aprendeu com os poucos sobreviventes tapuias, a dominar esta técnica de pesca e continuou chamando de "Camboa Grande a ilhota que está a cem metros acima da foz e Camboa Pequena a que está acima da foz do rio Pequeno" (BOITEUX, 1915, p. 110).

Este hibridismo (tupi + português) é o substrato, o étimo da língua tupi-guarani, invadido por uma cultura superior, que, apesar de vencida, consegue projetar étimos lingüísticos sobre a língua luso-brasileira, intrusa e dominadora. O tupi-guarani, em forma de substrato, projetou inúmeros topônimos vivos, explicativos e reais. A intimidade indígena com a natureza que o cercava e sua inteligência objetiva, a serviço da impressionante capacidade de observação, está expressa no topônimo Camboriú.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Foz do rio Camboriú, vendo-se à direita a ilhota, chamada de Camboa Grande (1940).

A nossa pesquisa parece ser convincente, mas somos conscientes de que se trata de mais uma hipótese. A toponímia indígena é um patrimônio cultural brasileiro. Aprendemos que sua correta decifração elucida aspectos significativos da nossa memória histórica. Couto de Magalhães, com poucas palavras, justifica a importância da sua preservação: "fora muito conveniente que no Brasil conservássemos os nomes americanos não só porque tornam mais intelligível a história do Paiz em que nascemos como descrevem signaes permanentes da região e não se confundem com outros (...)" (MAGALHÃES, 1913, p. 294).

O nome dessas duas ilhotas fluviais não aparece mais nos "modernos" livros de geografia e de história. Porém, Camboa Grande e Camboa Pequena tornam mais inteligível a história de Camboriú e de Balneário Camboriú – **RIO DAS PEQUENAS CAMBOAS.**

REFERÊNCIAS

ANGELO, Cláudio. Banquete pré-histórico. **Folha de São Paulo,** 20 out. 2002, Mais Ciência, p. 16-17.

BACHMANN, Norberto. **Toponímia tupi-guarani do município de Joinville** . In: Álbum Histórico do Centenário de Joinville. Joinville, Comissão dos Festejos, 1951. p. 291-303.

BARBOSA, A. Lemos. **Pequeno vocabulário tupi-português.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955.

BOITEUX, José Arthur. **Diccionário histórico e geográphico do estado de Santa Catharina.** Rio de Janeiro: Azevedo Irmãos, 1915.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BUENO, Silveira. **Vocabulário tupi-guarani-português.** 6. ed.São Paulo: Éfeta Editora, 1998

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasileira.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi.** São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 12 jul. 1999. Caderno 5, Caderno Arqueologia, 8 p.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Dicionário da Língua Portuguesa.** 14. ed. Lisboa: Bertrand, 1949.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: A noite, 1930.

GUASCH, Antônio SJ. **Diccionario castellano-guarani y guarani-castellano.** 5. ed. Assuncion: ediciones loyola, 1950.

— — — — —**El idioma guaraní**: Gramática y antologia de prosa y verso. 3. ed.Asuncion: Casa América-Moreno Hermanos, 1956.

IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959 v. XXXII, p. 53-57.

MAGALHÃES, Couto de. **O selvagem.** São Paulo: Magalhães, 1919, p. 305.

MAGNE, Augusto. **Dicionário etimológico da língua latina**: famílias de palavras e derivações vernáculas. Rio de Janeiro: MEC/INL, v. III, 1953.

MONTOYA, Antonio Ruiz de S. J. **Vocabulário de la língua guarani**, publicado em 1640 pelo próprio autor e reeditado pelo Pe. Paulo Restivo S. J. em Stuttgard, em 1893.

PATRIANOVA, Hermes Justino. CAMBURIÚ E NÃO CAMBORIÚ, **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, tomo 30 n. 9 p. 273-275, set. 1989.

PERALTA, A. J; OSUNA, T. **Diccionário guaraní-español y español-guaraní.** 2. ed. Buenos Aires: Tupã, 1951.

REITZ, Pe. Raulino. CAMBORIÚ SIGNIFICA CRIADOURO DE ROBALO. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau, tomo 17, n. 4 p.149, abr. 1976.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional.** 4. ed. Salvador, Câmara Municipal de Salvador, 1955.

SYMPSON, Pedro Luiz. **Gramática da língua brasileira**: brasílica, tupi ou nheêngatú. 3.ed. Rio de Janeiro: Fernandes, Neiva & C., 1926.

STELLA, Jorge Bertolaço. AS LÍNGUAS INDÍGENAS DA AMÉRICA. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,** São Paulo, vol. XXVI, 1929.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Alguém se lembra?

Homero Bruno Malburg[1]

Memórias

Quem se lembra do tempo do saco do pão pendurado no trinco da porta? O padeiro punha os pães lá dentro e ninguém mexia. Também se entregava o leite em casa. Vinha ele em garrafas metidas em um colete que o leiteiro vestia. À tarde, aparecia a carrocinha do pão. Tinha duas rodas, o cavalo parava de metro em metro o padeiro anunciava a sua passagem batendo a tampado baú. Havia a hora do café da tarde. Entre três e quatro horas parava-se para tomar café, leite, pão de casa com manteiga e musse com direito a manteigueira de louça, açucareiro e bule de esmalte colorido.

Alguém se recorda do tempo em que se comprava banana da carroça que parava na porta da casa? O seu Marcos Sedrez as trazia verlolengas, maduras, bananas branca, caturra, da terra, figo e outras mais. Ia embora com um esalo de chicote e dizendo: - "Eeiiaa baio!" As tainhas vinham a bordo de carrinhos de mão. Cobertas com folhas de bananeiras, eram classificadas em ovadas ou não e pesadas com uma balancinha de mola que suspendia o peixe e marcava o peso.

[1] Colaborador da Revista.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Quem se lembra da mãe cozinhando pelo livro de receitas "Dona Benta", com uma velhinha simpática na capa e um menino de mão no queixo olhando para ela? Os almoços começavam sempre com a sopa: de verduras, de ervilhas, de feijão... Aos domingos, as canjas de galinha com as manchs de gordura amarela boiando e nós pequenos disputando o fígado, a moela, o coraçã. O picolé era redondo e refrigerante era chamado gasosa... Melado de cana se comprava na feira-livre em garrafas fechadas com rolhas de sabugo de milho. Esparramava-se o melado no prato e comia-se com banana, batata –doce ou molhando-se nele pedaços de pão com manteiga.

Quem não fez compras na venda do seu Cabral na Hercílio Luz, marcando tudo na caderneta? Ali tinha tudo: "secos e molhados". Chocolates que se comiam só na Páscoa e maçãs argentinas só para quem estava doente.

E do tempo que não havia campainha que se chamava a dona de casa batendo palmas ou com um sonoro: "Ôoo, dona Mariaaaa!" E na porta de cada casa havia um capacho de arame? Alguém se recorda?

As mulheres lavavam roupa com sabão-em-pedra, usavam anil e surgiu a expressão – brancura Rinso. Brincava-se: - "Qual a parte mais limpa do automóvel? – O motor!" Falando em roupa, no verão, os homens usavam terno de linho branco. Um lencinho pequeno e engomado era dobrado de maneira especial para se colocar no bolso superior do paletó. Costumava-se usar camiseta de "meia" por baixo da camisa para não se apanhar resfriado. As meias pretas de malha, quando molhadas, soltavam tinta e manchavam o pé. E que tal se lembrar do tempo em que o boné era usado para a frente?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Açu" - Festa da cultura barriga verde[1]

Fragmentos da nossa história local

Nome do rio Itajaí-Açu. Açu significa grande. A Galeria é pequena no tamanho. Grande, contudo, no conteúdo. Dentro há o que há de mais importante na cultura barriga-verde.

As pinturas de Ernesto Meyer Filho. As gravuras de Rodrigo de Haro. Os poemas de Marcos Konder Reis. De Carlos Ronaldo Schmidt. Os tapetes de Pedro Paulo Vecchiett. As cerâmicas de Freya Alberto Luz. As fotografias de Gilberto Gerlach e Lauro Minck. Os livros de Érico Max Müller. A cerâmica popular de Florianópolis com as séries do "boi-de-mamão". As rendeiras com sua tradição de 400 anos. As pedras do vale pintadas por Ingelore Starke e Beatriz Niemeyer (sob a orientação de Elke H. Bell), fazendo o maior sucesso, novidade absoluta no Brasil.

Localizada à Rua 15 de Novembro, 1176, em frente ao Teatro Carlos Gomes, a Galeria Açu-Açu é a primeira do Estado, nascendo de um encontro entre Lindolf Bell e Péricles Prade, empenhados na luta para a formação de uma frente cultural catarinense. Além dos nomes citados, há muitos outros, a maioria trabalhando em silêncio,

[1] Revista do Sul - Ano XXVI , no 201/ fevereiro e março de 1970, p. 36.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

em busca de caminhos próprios e cesso, na cidade absoluta no Brasil.

Em maio estará promovendo uma coletiva na Galeria-Vice Rei de São Paulo, expondo nossos artistas. Em compensação, trará a Blumenau, Ademir Martins, um dos maiores nomes de nossa história de Arte.

A Açu-Açu estará aberta para visitação e estudos a colégios e faculdades. E tornou-se uma das maiores e mais importantes iniciativas culturais nos últimos anos, merecendo o apoio não só da classe estudantil e artística de Santa Catarina, mas do povo em geral, que tem afluído em massa desde a inauguração.

Casais Péricles (Arminda) e Lindolf Bell (Elke)

Galeria Açu - Açu[2]

Por que Açu-Açu nasceu? (nasceu?). Nasceu porque estava em tempo de nascer. Tempo de madurez, diríamos (óbvio, nós sabemos. Mas todos somos, sempre, um pouco o exercício do óbvio).

Você que é barriga-verde, acredita que não existe uma só galeria de arte em todo o Estado de Santa Catarina (o mini-mercado de artes é a

[2] Revista do Sul - Ano XXVI , no 201/ fevereiro e março de 1970, p. 38.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tentativa mais próxima, em Florianópolis)ou uma organização que se interesse seriamente, por nosso artesanato?

Em verdade, quase ninguém sabe. Sabe-se, isto sim, que é muito difícil amar o que se desconhece. E nós (catarinenses) pecamos por desconhecimento de nossas próprias possibilidades. O que de resto, é um pecado nacional (com as variantes regionais, e isto é óbvio também).

Você que não é barriga-verde já deve ter ouvido falar de nossas rodovias péssimas (há vinte anos constroem a BR-101). E isto que nos promove em geral. Negativamente.

Quem, entretanto, já ouviu falar de Ernesto Meyer Filho? A Açu-Açu tem suas pinturas, desenhos, potes. Pois é. Em maio ele estará expondo na Galeria Atrium, em São Paulo, a convite de Clóvis Graciano e Paulo e Emi Bonfim (Seus galos são comparáveis aos de Aldemir Martins e Luçart).

Vocês que se orgulham de ser catarinenses, já ouviram falar do Rodrigo de Haro? Suas gravuras, seus desenhos, suas pinturas, seus livros de poemas estarão na Açu-Açu, com toda a carga onírica que o Brasil precisa conhecer.

E o Sylvio Pléticos? Um mestre na pintura. Com sua escola no MAM de Florianópolis. Está conosco. Pintando temas universais. Com técnica própria. E sua marca maior. Qualquer casa inteligente se sentirá feliz em companhia de suas obras (sabiam que as casas respiram e tem inteligência?). Quem já tomou contato com a pintura surreal de Adalberto Luz? Quem viu o primeiro salão pró-arte nova de Blumenau, deve lembrar-se. Suas formas orgânicas, suas cores estranhas, seus nus misturados a vegetais, estão expostos na Açu-Açu. Sua alta linguagem pictórica (única no Brasil, e no mundo) situa-se entre nossos grandes.

Nós somos tímidos por tradição (ou tradução). Falamos baixo por tradição. Nos fechamos por tradição. Pergunta-se: por que não fazer de nossa cultura uma coordenada na cultura nacional? O que valem, afinal, os breves espasmos de glória individuais nas grandes capitais, se não significamos uma dinâmica de contribuição à cultura brasileira? (culpa exclusiva das igrejinhas crítico jornalístico instauradas?).

Quem conhece Pedro Paulo Vecchitti? O tapecista? E o outro que reinventa o mundo no seu silencioso trabalho, mais conhecido em São Paulo e Rio de Janeiro, que na sua terra.

E as cerâmicas de Freya Gross? Ela exporá na Galeria Vice-Rei,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

em São Paulo, no mês de abril. Exposição exclusiva. É sem dúvida uma de nossas três ceramistas mais importantes hoje (dizemos, nossas brasileiras).

E dos poemas de Marcos Konder Reis? Já ouviu falar deles? Um dos gênios de nossa poesia. Mora na Guanabara, mas escreve barriga verde e universal ao mesmo tempo.

E o Ricardo Hoffmann? Quem não leu o seu livro A SUPERFÍCIE, em verdade, em verdade vos dizemos, não sabem porque este catarinense é considerado há três anos a grande revelação na prosa nacional.

E a cerâmica popular de Florianópolis? Com as séries do boi de mamão, rivais sem concessão da melhor cerâmica nordestina.

E as rendeiras? Construindo obras primas com seus bilros e seus pontos de tradição açoriana (cerca de 400 anos de tradição).

A escultura de Elke Hering Bell (seus cartazes, objetos) em vários museus do Brasil e estrangeiro, fazendo um inventário das formas do Vale do Itajaí, estarão dentro da galeria e em fronte, na praça do Teatro Carlos Gomes (é urgente que essa casa dinamize suas atividades culturais, abrindo suas portas para manifestações com maior acesso popular). E os bichos-bichas (não confundir com buchos ou mesmo buchas) e flores de pedra (pra sorte) que ele pinta com Ingelore Starke, com as cores que a natureza sabe?

Os poemas e os móbiles de Érico Max Müller estarão conosco. UM ANJO MORTO NA ENCOSTA e AO CORPO CIRCUNSCRITO estarão zelando pela Açu-Açu. Ao lado de A COROA NO REINO DAS POSSIBILIDADES do Miro de Morais.

A Açu-Açu terá as pinturas de Jairo Schmidt, Janga, Max, Vera Sabino, Antonio Mir, Érico Silva, Hassis com seus desenhos-colagens. Martinho de Haro com sua dignidade e lições. Flávio Moritz com suas pesquisas e caixas.

Eli Heil com exposições em Holanda, Polônia, França, nas melhores coleções particulares do mundo, estará expondo a força de seu universo. Uma pintura consagrada. Uma pintura surpreendente em cada exposição. Alheia às promoções fáceis. Fiel à sua criatividade cada vez mais profunda. Se existe pintura primitiva, Eli Heil faz das mais importantes do mundo. Não temos dúvidas. A galeria Açu-Açu sente-se honrada com seus trabalhos.

Maria Helena Nogueira de Sá estabelece conosco uma ponte (São Paulo – Santa Catarina). Conseguimos por seu intermédio uma exposição de Aldmir Marins (quem o não conhece de nome?), Antônio Henrique do

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Amaral, Gustavo Rosa e Agostinho de Freitas, para maio. Em outubro levaremos uma coletiva de artistas barriga-verde a São Paulo.

Os grandes artistas e os grandes movimentos vêm até Curitiba e vão a Porto Alegre (e nós? Nós quebramos nozes e cabeças, surpresos, ainda por tradição). É preciso lutar para que Santa Catarina seja incluída não apenas nos roteiros turísticos. Nós merecemos também os culturais, porque estamos à altura de receber em qualquer setor da cultura brasileira (ou cultura, simples tomada de consciência como diria a esquerda festiva ou a direita dançante ou a nenhuma dos dois ululantes. Edino Krueger acaba de receber, conferido pelo Museu da Imagem e Som da Guanabara, o Golfinho de Ouro da música de 1969).

Conclusão

O novo prefeito (Evelásio Vieira ou Lazinho) prometeu criar um Departamento de Cultura. Até que enfim pode-se contar com apoio oficial para arte que não seja folhinha de calendário (contamos com o ovo antes do parto). Até a presente data todas as administrações eram um beco sem saída (existe beco sem saída?) para o artista local e o que vinha de fora (local, dizemos, Blumenau). Mas dizemos, também, das outras Prefeituras, com exceção de Joinville onde Iraci Schmidlin luta com armas e bagagens para uma melhor informação cultural, Carlos Humberto Corrêa em Florianópolis frente ao Departamento de Cultura tem uma série de trabalhos e planos importantes. O Professor Jaldyr B. Faustino da Silva lançou o plano revolucionário para o ensino em nosso Estado. A UFSC (Reitor Prof. João David Ferreira Lima, é considerada modelo no Brasil inteiro e na América Latina). Murilo Pirajá Martins da Silva, chefiando o Depto. de Cultura da UFSC faz as promoções mais importantes no Estado (Teatro, Música, Literatura). A Universidade Regional de Blumenau, através de seu Departamento de Cultura (com o apoio total do Reitor Martinho Cardoso da Veiga) promove uma pesquisa de Letras (desde a presidência de Nereu Corrêa), reveste-se de nova dinâmica, abrindo portas para os jovens, incentivando concursos (o de ensaios está aí para comprovar).

A galeria Açu-Açu tem as pesquisas de Hamilton Cordeiro (e seus desenhos). Os poemas gráficos de Hugo Mund Jr.. Os poemas processo de Pedro Bertolino e Osmar Pisani. Salim Miguel com seu aguardado COR-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

DÃO UMBELICAL. Arthur José Poerner com seus livros de sociologia, depoimentos e denúncias. Guido Wilmar Sassi e sua prosa importante. Vilson do Nascimento e Bráulio Schloegel e seu interesse pelo sul-realismo (e o Zen-Budismo). A altíssima poesia de Carlos Ronald Schmidt. O humor de Juarez (de Joinville para o Pasquim e JB). Poemas de Edson Ubaldo. As obras de Aldo Nunes (desenhos, pinturas) dando nova estrutura ao MAM de Florianópolis. As gravuras de Guenther Leyen. As gravuras de Marcondes Marchett. Os poemas de Péricles Prade. Os poemas de Alcides Buss.

Temos na Açu-Açu a Antologia dos Autores Catarinenses, organizada por Celestino Sachet com altos e baixos, atacada, criticada, agredida nós a ostentamos em nossas estantes, pois diante de tanta agressão, espera-se outras antologias com menos falhas (mais folhas, filhas, filhos e mesmo novas falhas, a critica aqui é igual a dos grandes centros).

A galeria Açu-Açu, vende quadros a prestação (os artistas os deixam em consignação).

A galeria Açu-Açu está aberta a escolas, faculdades, clubes, operários, jovens de todas as idades, damas e damos (para visitação e estudos de nossos artistas). A galeria Açu-Açu terá mil coisas. Coisas e coisas e coisas. A galeria Açu-Açu nasceu porque acreditamos em nossa gente (artistas e consumidores de arte).

Blumenau é visitada, anualmente, por milhares de turistas (mesmo sendo do Estado de Santa Catarina, excluída, do plano nacional de turismo. Grrrrr).

A Açu-Açu tenta mostrar o que se faz de mais importante na cultura de Santa Catarina. Precisamos de você. Venha conversar conosco. Dar sugestões. Dialogar sobre o que é nosso. Conhecer o que é nosso.

O endereço é Rua 15 de Novembro 1776, Blumenau, cores branco laranja, sob o signo de aquarius e dos mutatis mutandis (alô, alô Orestes Woesthoff, alô, alô Gevásio Luz, alô, alô Brasil). Desde 16 de janeiro de 1970, data de inauguração.

Lindolf Bell

P.B. – Espera-se muitos protestos por nomes omitidos. Consideramos justo protestar (e por mera coincidência, certamente, consideramos mais justo ainda, fazer).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O ciclo de enchentes em Brusque, SC

Nilson Cesar Fraga[1]

"Só então a água começou pouco a pouco a baixar. Mas toda a humanidade já havia desaparecido. As árvores secaram, porque, inundadas pela água, não podiam respirar. Fez-se um verão muito forte para as águas evaporarem. Mas com isso também a vegetação secou, crespou, pegou fogo, incendiando o mundo todo. Depois começou a chover. A chuva lavou o carvão do mundo. Só então a mata voltou a brotar e a humanidade a renovar-se."

(Lago, 1988 citando uma lenda tükuna)

Gênese e ocupação do espaço geográfico brusquense

A gênese do processo de ocupação da região onde se insere o município de Brusque remonta ao século XIX, da mesma forma que os registros de enchentes sobre a área em questão. Logo depois da criação do município de Itajaí, em abril de 1859, o Governo Imperial *resolveu* incrementar o desenvolvimento da região. O início do povoamento do território que hoje constitui o município de Brusque foi resultado da execução da segunda parte de tal plano. Tendo em

[1] Geógrafo. Professor do Curso de Turismo das Faculdades Integradas Curitiba – FIC, Coordenador do NPTG/Turismo/FIC e do Curso de Pós-graduação em Análise Ambiental (Geografia) e Cidade, Meio Ambiente e Políticas Públicas (Arquitetura e Urbanismo) da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Doutorando em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR. Assessor da Secretaria de Estado da Educação do Governo do Paraná. ncfraga@ufpr.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vista esse objetivo, foi autorizada a fundação da nova colônia à margem esquerda do rio Itajaí-Mirim, com quatro léguas quadradas de superfície (KRIEGER, 1957).

Ainda, em conformidade com (KRIEGER, 1957), os primeiros imigrantes (55 colonos alemães) desembarcam em 1860 sob a chefia do Barão Maximiliano von Schneeburg, após penosa viagem de seis dias, para vencer em pequenas embarcações o percurso entre o porto e a colônia. Nesse mesmo período chegam imigrantes americanos e irlandeses. A década de 1870 é marcada pela entrada de italianos na região. A colônia torna-se município desmembrado de Itajaí, em 1881, com o nome de São Luiz Gonzaga. Em 1890, passa definitivamente chamar-se Brusque, em homenagem a Francisco Carlos Araújo Brusque, Presidente da Província de Santa Catarina. A partir de 1889 um grupo de poloneses originários de Lódz, deu início a indústria de tecelagem doméstica, que mais tarde transformaria Brusque num dos mais expressivos polos têxteis do Brasil.

O município de Brusque, com aproximadamente 75.798 habitantes em 2000[2], dos quais 73.003 vivem na zona urbana e 2.795 na rural, apresentou taxa de crescimento entre os censos de 1991/2000 de 3,30%. Caracteriza-se como o segundo Centro Industrial mais importante da região do Vale do Itajaí-Açu. Conhecida como a cidade dos tecidos, Brusque teve um crescimento acelerado e desordenado nas últimas décadas, espacializado numa área territorial de 292,75km^2, sendo que 146,89 km^2 pertencem ao perímetro urbano e 145,85 km^2 pertencem à área rural. A altitude média de Brusque, em seu núcleo urbano, é de 24 metros acima do nível do mar, aproximadamente 52,9% pertencentes à planície do Itajaí-Mirim; 14,8% dos terrenos de encostas; e 32,3% das áreas de montanhas[3]. Na figura 1, a localização do rio Itajaí-Mirim e da cidade de Brusque.

Fig. I - Localização geográfica
(A) - Bacia do Rio Itajaí-Açu - Santa Catarina - Brasil
(B) - Localização da bacia no Estado de Santa Catarina
(C) - Localização do Estado de Santa Catarina no Brasil

A partir da sua colonização, o Vale do Itajaí vem enfrentando calamidades pelo transbordamento dos rios da sua bacia hidrográfica. Desde então, os problemas vêm se repetindo, seja por falta de recursos ou até

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mesmo por dificuldades técnicas, isso sem mencionar fatores agravantes como o desmatamento, a utilização das encostas, entre outros, que fizeram com que o fenômeno se tornasse mais freqüente.

O presente trabalho analisa a problemática das enchentes no Vale do Itajaí-Mirim, especialmente no município de Brusque. Considera como período histórico de maior importância os anos entre 1954, quando tiveram início os estudos de controle das enchentes na bacia hidrográfica, e 2001, visto que alguns projetos continuam sendo implantados continuamente, a maioria, hoje, municipais e estaduais.

Essas ocorrências, as enchentes, são consideradas pelo senso comum, estimulado pela classe política, como entrave para o progresso da região, pois a cada nova enchente faz-se necessária a "reconstrução" de tudo aquilo que foi danificado pelas águas, entulhos e lama. É importante salientar que "*essa região é considerada economicamente vital para o desenvolvimento estadual*", LAGO[4] (1988:19) e, devido à expressão dos prejuízos, fez-se necessário a elaboração de projetos para a contenção da "fúria" das águas.

Muitas enchentes, muitas histórias regionais

Com base nas enchentes de 1954 e 1957, o extinto DNOS - Departamento Nacional de Obras e Saneamento projetou um sistema de barragens de contenção na bacia do rio Itajaí-Açu[5]; a Oeste/Taió (110 milhões m³), a Sul/Ituporanga (97,5 milhões m³); a Norte/José Boiteux (357 milhões m³) e a **Barragem do Itajaí-Mirim/Brusque** (7 milhões de metros cúbicos de armazenamento d'água). No início da implantação de obras na bacia, conforme (FRAGA, 2000), definiu-se que a do Itajaí-Mirim não seria construída, pois a retificação e desassoreamento do rio entre Brusque e Itajaí (30 km) seria suficiente para a diminuição das enchentes na região, o que não se verificou.

A execução das obras estruturais na Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí-Açu e Mirim, ocasionou uma série de modificações sociais e ecológicas. Sobretudo a construção das barragens de contenção, que produziram problemas às comunidades atingidas (danos irreversíveis ao meio ambiente, êxodo rural, queda de arrecadação de impostos nos municípios - devido a redução da produção agrícola - entre outros). Estas obras ocasionaram grandes desapropriações de terras agricultáveis, o remanejamento de famí-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

lias, a construção de estradas de contorno, na Mata Atlântica, até então bem preservadas. A mudança do curso do rio Itajaí-Mirim, entre Brusque e Itajaí, não foi, ainda, devidamente analisada nos seus mais diversos aspectos sócio-econômicos, estando o mesmo envolto pelo cotidiano citadino, sem que se pense que o mesmo, um dia serpenteava o perímetro urbano brusquense, seus bairros e distritos longínquos (GOULART, 2000).

Centro de Brusque na enchente de 1961
(autor desconhecido)

Dados estatísticos dos níveis de enchentes na cidade de Brusque mostram que, "*no rio Itajaí-Mirim, em Brusque, existem registros de marca de todas as enchentes que ultrapassaram 9.00m no posto linimétrico. Esta série iniciou em 1930*" (TUCCI, 1993: 568)[6]. Entre os anos de 1930 e 1982 não ocorreu nenhuma enchente com cota superior a 10.00m (altura considerada altamente destrutiva numa enchente), isto significa que dentro dos padrões consideráveis, as vazões mantiveram uma certa regularidade. Após a enchente de 1954, a última enchente de maior porte ocorreu em agosto de 1984, quando o Rio Itajaí-Mirim subiu cerca de 10,30m acima do seu nível normal e várias áreas da cidade, principalmente as áreas centrais e sul do

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Município, onde localizam-se os Bairros Centro, Jardim Maluche, Guarani e Rio Branco, foram atingidas.

Nos registros históricos,[7] as enchentes mais destrutivas registradas são as de 1954, 1961 e 1984. A cheia de 1961 no Município, com uma vazão instantânea de 506 m^3/s, também teve conseqüências catastróficas, enquanto que na cheia de 1983, bem menos dramática, a vazão foi de 638 m^3/s. Este aumento na vazão das águas é conseqüência das significativas retificações e drenagens feitas pelo ex-DNOS - Departamento Nacional de Obras e Saneamento e pela PMB - Prefeitura Municipal de Brusque ao longo dos anos – conforme verifica-se em discursos e na imprensa nas últimas décadas, mas não se pode afirmar que são fruto das obras implantadas na bacia, pois não se dispõe, ainda, de respaldo científico para isso. Da mesma forma a enxurrada de janeiro de 1995 foi considerada de grandeza equivalente à enchente de 1983, ou seja, a segunda maior desde 1929 e, no entanto, chamou pouca atenção entre os moradores, porque os níveis atingidos foram bem inferiores. Tais fatos se devem a inserção nos meios de comunicação de massa, de que as obras de melhoria implantadas na região (já comentadas) teriam sido positivas – evitando uma tragédia.[8]

Em maio de 1994, em seminário realizado na Fundação Universidade Regional de Blumenau-FURB, discutiu-se os investimentos financeiros destinados ao controle de enchentes com obras estruturais[9]. Na ocasião, CAUBERT (In.: DYNAMIS, 1994:4) salienta que "*o mérito do problema, pois, não consiste em declarar enfaticamente que determinadas obras poderão acabar com as enchentes. Uma afirmação desse tipo é tecnicamente irresponsável e politicamente demagógica*".

Sob a mesma ótica, desprezam-se (os que discutem esse problema municipal) análises dos impactos ambientais, sociais, políticos e geográficos constituintes da preocupação de uma significante massa de estudiosos. Dentre eles, destaca-se alguns que deram relevante atenção à problemática. (LAGO, 1988), trabalha as questões físicas (geográficas) das enchentes, no que tange a tipicidade (cheia comum dos rios) e a atipicidade (quando uma cheia natural se transforma em tragédia sócio-econômica). FRANK (1994)[10] vem estudando as obras estruturais no controle de enchentes no Vale do Itajaí, no contexto sócio-econômico, além do controle não-estrutural, em contraposição à implantação das obras hidráulicas na bacia do Itajaí-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Açu, a partir de 1958.

Os impactos ambientais em bacias hidrográficas causados pela urbanização são responsáveis por prejuízos sociais e econômicos à população atingida. O planejamento urbano deve acontecer por meio do zoneamento de áreas inundáveis, ou outros mecanismos eficazes de gestão territorial, pois permite o estudo de medidas estruturais e, principalmente, não-estruturais a serem incorporadas ao Plano Diretor da municipalidade. No caso em questão, Brusque teve seu plano diretor aprovado e publicado, em 28 de abril de 2000[11]. Tal diretriz municipal, proíbe o parcelamento do solo em terrenos alagadiços "antes de tomadas as providências para assegurar o escoamento das águas, e em terrenos sujeitos a inundações", assim como em nascentes, áreas de declividades que coloquem em risco a população, dentre outras disposições[12].

Pensando realidades e possibilidades de mitigação das enchentes

As modificações no ciclo hidrológico e suas relações com a urbanização podem ser analisados em (BOLINAGA, 1979)[13], que argumenta que o escoamento superficial aumenta em relação direta ao aumento da impermeabilização das áreas ocupadas, chegando mais rápido aos córregos e canais artificiais. O pico de enchente é acelerado pela maior velocidade das águas e conseqüente chegada aos rios, impossibilitando parcialmente seu percolamento para o solo. Com isso tem-se o aumento da vazão máxima e a antecipação das enchentes, num curto espaço de tempo. No sentido da abordagem do autor, pressupõem-se que a metodologia de análise do pesquisador contribua no entendimento da problemática das enchentes catástrofes[14] em Brusque, pois com o crescimento da cidade, as áreas impermeabilizadas foram drasticamente aumentadas – asfaltos, calçamentos, edificações e urbanização sobre o antigo leito do rio, localizado na planície do Itajaí-Mirim, onde se encontra o perímetro urbano brusquense.

O desequilíbrio causado pela impermeabilização do solo, pela retirada de parte da cobertura vegetal, pelos cortes de meandros, aterros de ruas e áreas alagadiças de várzea, ao receber a chuva, fará com que o ambiente *responda* de acordo com o desequilíbrio causado; nesse sentido, BOTELHO (1985)[15] propicia uma discussão dos efeitos desses

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

desequilíbrios, com maior ou menor magnitude dependendo da infra-estrutura implantadas nas várias fases da urbanização de uma determinada cidade.

No caso de Brusque, poder-se-ia aventar, a princípio, três importantes fases da urbanização: a primeira calcada na gênese da ocupação urbana; a segunda durante e após a industrialização da cidade (a partir de 1890) e a última depois da cidade firmar-se como pólo atacadista de tecidos e vestuário (a partir de 1980), culminando com as amplas modificações urbanas da década de 1990, marcada pela construção de avenidas "beira rio" margeando (esquerda e direita) o rio Itajaí-Mirim no perímetro urbano central, além da recente ocupação do antigo leito do rio, que foi desviado na década de 1980.

Os fatos anteriormente mencionados, poderão ocasionar problemas com enchentes de ampla magnitude no futuro, maiores que as registradas até então (estes são pressupostos iniciais, que deverão ser estabelecidos em pesquisa mais aprofundada), para avaliar e qualificar os efeitos provocados no escoamento pela urbanização, assim como fez (BARBASSA, 1991)[16], para a cidade de São Carlos, SP.

A insuficiência de dados e estudos das enchentes urbanas também é uma realidade de Brusque, pois existem bem poucos atinentes ao século XX, e menos ainda do século XIX. Uma pesquisa importante, que contrapõe esse fato (carência de dados), encontra-se em GOULART (2000:32)[17], quando disponibiliza uma relação histórica de alguns registros de enchentes entre os anos de 1862 a 1880, sendo que estabelece apenas os dias da ocorrências de enchentes na cidade no período aventado. Outro registro relevante é *Guia da Cidade de Brusque*, de KRIEGER (1957:36)[18], que traz numerosas informações que permitem traçar os aspectos da infra-estrutura urbana da década de 1950 e esparsas informações sobre a ocorrência de inundações – porém de relevante importância para uma leitura mínima das condições físicas do passado.

No desenrolar dos fatos geohistóricos regionais, o poder exercido pelos mais diversos segmentos sociais no Vale do Itajaí e Mirim, que exigem a execução de obras para "acabar" com a penúria das enchentes, desconsiderou anseios e necessidades básicas das populações inseridas nos espaços geográficos que são alvo de obras estruturais. Na Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí-Açu e Mirim, as obras foram executadas sem uma discussão

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

prévia com os "atingidos". Poder-se-ia apontar que um dos motivos que levaram à execução de tais obras foi o regime autoritário vivido no Brasil desde a década de 1960, que cerceava questionamentos por parte da população: a "União mandava construir" e a obra era executada.

A colônia, o município, a urbanização e as enchentes

Brusque, situa-se no Vale do Rio Itajaí-Mirim, num terraço fluvial bastante propício ao desenvolvimento de uma cidade. Partindo de seu vale principal (do rio Itajaí-Mirim), penetra linearmente por vales menores formados por numerosos tributários. Esse conjunto, determinante de sua estrutura e de seu sistema viário, faz com que a cidade adquira uma forma radial em que, ao longo dos vales, se adensam e se refazem os núcleos de população; forma esta entretanto, adquirida não por irradiação a partir de um núcleo central, e sim, pela aglutinação de setores mais ou menos densos, resultando daí a forma intermitente de alguns de seus prolongamentos e as grandes lacunas ainda hoje existentes no núcleo central.[19]

Em 1860, início efetivo do estabelecimento da Colônia, procurou-se um local onde se pudesse localizar conjuntamente as funções não rurais, local este, desde o início denominado "Stadplatz".[20] Localiza-se nessa área o centro urbano brusquense, que é seccionado pelo rio Itajaí-Mirim, que divide-o em duas partes e perde sua forma linear, caracterizando-se como a porção mais densamente urbanizada do município.[21]

Em Brusque, além do Itajaí-Mirim, seu principal rio, apresenta como afluentes mais significativos os rios Bateia, Águas Claras e Limeira. O rio Itajaí-Mirim que corta o Município no sentido sudoeste-noroeste é extremamente sinuoso em seu curso, apresentando vários meandros que têm sido retificados nos últimos anos.[22] Devido a esta configuração irregular e devido à ocupação de seu leito secundário, o rio não dispõe, em épocas de cheias, de espaço suficiente para a vazão normal das águas, inundando grande parte do vale.

As enchentes são bastante significativas no Município de Brusque e estão bem vivas na memória da população. Segundo a Defesa Civil do Município, além das cheias ocorridas em dois anos consecutivos, 1983 e 1984, muito se comenta sobre a enchente que abalou a cidade algum tempo antes, no ano de 1961. Conforme o senso comum, quase generalizado

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

no município, se esta cheia ocorresse atualmente, teria proporções bastante reduzidas em termos de áreas inundadas.[23] Isso se explica pelo fato de que a partir de 1966 foram implantadas, em toda a extensão do Rio Itajaí-Mirim, diversas obras de alargamento e retificações, com a finalidade de reduzir os danos causados pelas enchentes.

No presente estudo considera-se o período compreendido pela realização de várias dragagens na zona urbana de Brusque (décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990). Tais fatos remetem a uma mudança de percepção atinente à problemática da convivência com enchentes na área em questão – uma construção de que "livrou-se das enchentes catástrofes do passado" -, sendo este fato passível de análises mais precisas, pois pode ser norteador de situação de risco, uma vez o sentimento do "não correr mais perigo" surpreender a população numa situação de desastre.

Neste contexto, para SOUZA (1996:11) [24], a mudança social demanda de uma nova organização espacial e o "*desenvolvimento é, necessariamente, sócio-espacial, ou seja, da sociedade e do espaço: tão tola quanto a crença de se transformar substantivamente as relações sociais apenas por meio de intervenções do espaço ("fetichismo espacial" tipificado por certos urbanistas) é a negligência para com o fato de que a mudança social demanda concomitantemente (mesmo que isso nem sempre ocorra), a mudança da organização espacial que ampara as velhas relações sociais*".

Uma nova organização espacial, deve constituir-se em significante diminuição das mazelas causadas pelas enchentes no Vale do Itajaí-Mirim, pois uma ocupação do solo, menos danosa para o meio ambiente, diminuiria a destruição causada a cada enchente. Neste sentido Milton SANTOS (1994)[25] destaca o espaço, sua ocupação e as interações provenientes do trabalho acumulado e da infra-estrutura da organização espacial sobre a natureza, ao passo que GUATTARI (1986)[26], permite leitura instigante sobre a questão espacial e territorial, frente às políticas econômicas impostas pelo capitalismo internacional.

As discussões sobre urbanização estão contidas em importante análise de tendências atuais no processo e caracterização da rede urbana brasileira, no caso a brusquense, pode ser verificada e melhor compreendida em IBGE/IPE (2000),[27] quando aponta Brusque na hierarquia da centralidade urbana do Vale do Itajaí, numa classificação de fraco a médio, isso em 1998. Há muitas discussões possíveis de serem realizadas sobre as enchentes em

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Brusque; a perspectiva do estudo interdisciplinar permite uma compreensão do processo de formação de uma idéia de "segurança contra-enchente", isso a partir da implantação do desassoreamento do rio Itajaí-Mirim, enquanto obra estrutural e seus impactos sobre as populações inseridas no espaço geográfico, e compreender o processo de formação dessa idéia de "bem-estar" – a segurança em si. Isso é muito grave, pois vem desmobilizando a população para uma eventual situação de tragédia. Para isso, os estudos do papel da ação individual e dos grupos sociais são de grande importância nessa discussão que envolve a Geografia das Regionalizações Cotidianas, que é, como temática científica, ainda embrionária na Geografia Brasileira, mas já comum em outras áreas do conhecimento. Uma das poucas tentativas de abordá-la teoricamente foi feita por Milton SANTOS (1997) em "A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção", definindo o espaço como um híbrido entre sistemas de objetos e ações – há que se pensar Brusque e suas enchentes por meio de pressupostos científicos mais profundos.

A gestão das águas da bacia do Itajaí-Mirim, enquanto abordagem nesse trabalho, deve aventar diferentes formas de participação do corpo social garantindo espaço político para o embate e a interação de idéias e posições de forças diversas, tendo em vista que o "*atual momento histórico exige uma nova abordagem em relação aos recursos hídricos, novas posturas por parte de organismos públicos e privados, que devem ser pautados pela integração e negociação interinstitucional, a nível federal, estadual e municipal*".[28] Essas novas posturas podem ocorrer por meio do planejamento e gerenciamento integrado dos recursos hídricos, com a participação do Estado, dos municípios e da sociedade, fato que já vem ocorrendo por meio do Projeto Itajaí, que vem reunindo diversos grupos regionais no gerenciamento de recursos hídricos da bacia do Itajaí-Açu e Itajaí Mirim.

Pode-se afirmar que a história das enchentes no Vale do Itajaí-Mirim teve seu início na *recém-instalada* Colônia, em agosto de 1860, quando fortes chuvas provocavam enchentes, onde o rio Itajaí-Mirim cobriu as primeiras plantações do lugar, danificando o engenho,[29] e carregando as madeiras que já estavam serradas. Desde então, uma centena de consideráveis enchentes se sucederam ao longo desses anos.

As inundações fluviais são decorrentes de fenômenos de natureza

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

física, sendo regidas por questões climáticas, combinadas com fatores agravantes diversos como o desmatamento, a ocupação das encostas, dentre outros, os quais afetam o comportamento dos fluxos d'água que, impedida de escoar, resulta no transbordamento dos rios. Estando as áreas adjacentes aos canais ocupadas por atividades humanas, os prejuízos serão, em termos econômicos, substanciais.

Mesmo convivendo com muitos problemas atinentes às enchentes catástrofes, Brusque, ainda não conta com um acompanhamento da evolução desta problemática pelo IPA - Instituto de Pesquisas Ambientais da FURB - órgão que estuda as questões das enchentes no Vale do Itajaí. O DNAEE - Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica - elaborou em 1987 um mapeamento das áreas inundáveis no Município, onde também listou algumas recomendações de como mitigar as perdas advindas das enchentes catástrofes. Este mapeamento limitou-se à área central de Brusque, ou seja, o meio rural não foi atendido no trabalho.

O zoneamento e monitoramento de áreas inundáveis, acrescidos da definição de um conjunto de regras para a ocupação das regiões de maior risco de inundação, são fundamentais para a convivência com as enchentes catástrofes na bacia do Itajaí-Mirim. Esse procedimento busca minimizar as perdas com novas inundações a partir da orientação ao crescimento das cidades em direção às regiões menos afetadas pelo problema. A ocupação do solo em função do risco de ocorrência de enchentes pode ainda variar para os diferentes bairros da cidade e zona central conforme a vocação de uso dos terrenos e suas valorizações, oferecendo maior flexibilidade para a aceitação de uma política desta natureza.

Marcas da enchente de 1911

Os danos causados pelas enchentes de 1911 foram numerosos, considerando o momento histórico e estágio de desenvolvimento municipal. Antes dela, a de 1880 havia sido a maior enchente registrada nas terras brusquenses, conforme a historiadora Maria do Carmo Ramos Krieger, "*de triste lembrança para tantos quanto a vivenciaram, pois era a nona entre 1860 e 1980, considerando as de grandes proporções*" (GOULART, 2000).

Para o interior, foram avultados os prejuízos sofridos pela lavoura cultivada nos terrenos mais planos, próximos ao Itajaí-Mirim e seus afluen-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tes interioranos. Embora não fossem tão abundantes como em 1880, as chuvas precipitadas nas altas vertentes da bacia, o rio transbordou, alagando as margens e inutilizando toda a lavoura, estradas e os incipientes núcleos urbanos. Nesse período havia a coincidência do plantio do feijão e do milho, principais culturas agrícolas dos colonos. "*Todas as plantações, mencionadas, foram destruídas por completo pela enchente, levando ao desespero e a ruína a mais de um lar, desferindo profundos prejuízos a economia de Brusque. A única forma de voltar a normalidade na comuna, foi por intermédio de auxílios advindos do governo estadual, pois o município não teria condições de se reconstruir sozinho*" (GOULART, 2000).

Marcas da enchente de 1961

Cinqüenta anos após a enchente catástrofe que iniciou o século XX, a centenária cidade de Brusque sofre outra de grandes proporções. Foram três dias de chuvas torrenciais onde cerca de 20 mil pessoas foram desabrigadas, os prejuízos financeiros foram incalculáveis, devido aos impactos causados na área urbana e rural da região. Essa tragédia desencadeou uma ação solidária somente vista anos depois, em 1983 (nesse Brusque ajuda Blumenau) e 1984 (quando Brusque é duramente danificada pelas águas do Itajaí-Mirim). Importante salientar que em 1960 a cidade sofreu uma enchente de menor proporção, quando apenas os bairros Guarani e Santa Terezinha foram os mais atingidos (DYNAMIS, 1994).

As cheias do município são favorecidas pela hidrografia e pelo tipo de ocupação adotado ao longo do processo de colonização e, sobretudo, de urbanização do Vale do Itajaí-Mirim. O nível crítico poderá variar se o processo de ocupação humana se estender por regiões antes não ocupadas e que, até então, não causavam prejuízos.

Marcas das enchentes de 1983/1984

As enchentes de 1983 e 1984 marcaram a história de Santa Catarina, pelas proporções dos danos levantados pelas autoridades. Como acontecimentos periódicos, elas tendem a ser esquecidas pouco tempo depois que os rios voltam ao seu curso normal. Essas enchentes foram consideradas atípicas. As enchentes consideradas atípicas coincidem com perturbações na circulação atmosférica, que se afastam de um padrão normal,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que inclui desvios habituais, suficientemente significativos para condicionar, em espaços mais restritos, inundações de grande vulto, isto é, de grande impacto (LAGO, 1988).

As enchentes catástrofes de 1983 e 1984 permanecem inéditas e inesquecíveis para as pessoas que habitam o Estado, mas principalmente, para o Vale do Itajaí e do Itajaí-Mirim, porque lhes causou profundas mudanças econômicas, políticas e, sobretudo, sociais – por ter sido uma das áreas mais castigadas.[30]

Pode-se afirmar que, em certa medida, as enchentes causadas por altos índices pluviométricos no Vale do Itajaí-Mirim marcaram mais a história local do que a transição do regime militar para um regime democrático; ou seja, as marcas deixadas pela grande enchente foram mais profundas que os acontecimentos políticos da época.

Cabe portanto aqui, expor os acontecimentos daqueles dias que marcaram a história do Vale do Itajaí-Mirim. A intensidade de chuvas vinha ocorrendo desde fevereiro de 1983; já em março daquele ano, o rio Itajaí-Mirim ultrapassou o seu nível crítico pela primeira vez, atingindo o perímetro urbano de algumas cidades da região. No mês de maio, ele novamente transbordou, já causando enormes prejuízos (FRAGA, 2000).

O mês de junho de 1983 foi considerado bastante chuvoso, mantendo o nível dos rios da Bacia do Itajaí e Mirim bastante elevados, e o solo, por sua vez bastante encharcado, propiciou a catástrofe maior no início de julho. No início desse mês os rios avolumaram ainda mais. Nesse momento, todos os serviços básicos estavam interrompidos (fornecimento de água, energia elétrica, serviços de transportes, telefonia e outros serviços de telecomunicações).[31]

Os prejuízos no setor privado foram de grande monta, e mesmo as casas construídas pelos engenheiros especialistas em projetos *anticheias* foram invadidas. Os equipamentos da infra-estrutura urbana e equipamentos comunitários foram destruídos, principalmente em Blumenau, Rio do Sul, Gaspar, Itajaí e Ilhota. Em Brusque, a tragédia foi menor (FRAGA, 2000).

Dezenas de pontes foram danificadas em todo o Vale; canalizações, prédios públicos e escolas com seus equipamentos, centenas de ruas e dezenas de praças tiveram o mesmo fim. As documentações e os acervos bibliográficos foram duramente danificados, bem como Centros Sócio-culturais.[32]

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

As operações de socorro só eram possíveis por helicópteros e barcos. Naquele momento em todo o País surgiu um movimento de solidariedade, em lugares tão diferentes como Rio de Janeiro, Belém do Pará, São Paulo, Acre, foi desencadeada movimentação aos postos coletores de arrecadação de víveres, medicamentos e outros materiais que pudessem ser úteis aos flagelados (BRASIL, 1983).

Em 1984, o fenômeno ocorreu a partir do mês de agosto, ficando algumas áreas das bacias do Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim submersa por mais de um dia. Os recursos federais encaminhados especialmente por meio da Superintendência de Desenvolvimento do Sul – SUDESUL foram aplicados em alimentos, vestuário, agasalhos, medicamentos, utensílios domésticos, material hospitalar e combustível, dentre outros. Ressalta-se que os recursos federais foram inferiores às necessidades de reconstrução, fato que dificultou medidas rápidas de recuperar tudo o que foi danificado pelas catástrofes[33].

Para o entendimento das condicionantes do grau de destruição atribuído ao Vale do Itajaí-Mirim, necessita-se associar os aspectos físicos, temporais e sociais, e devem-se classificar as enchentes no Vale do Itajaí-Mirim relacionadas às causas, como desastres. Do ponto de vista físico, as precipitações concentradas (fatores climáticos) e sua distribuição no tempo e espaço, caracterizam enchentes catástrofes registradas ao longo da história da região, pois estão associadas concomitantemente às configurações da bacia hidrográfica, à estrutura dos solos e as declividades das altas vertentes dos tributários formadores do Itajaí-Mirim.

No tocante à dimensão social, as ocorrências, na maioria dos casos, se caracterizam como desastre, frente ao nível de impacto causado às comunidades atingidas. Quanto à segunda propriedade de classificação, relativa ao 'impacto', na enchente de 1984, foram cerca de 30% da área urbanizada da cidade. O tempo de duração dos impactos varia em função, da intensidade da enchente. Em média de dois a quinze dias e, portanto possui uma ordem difusa. O grau de alteração provocado na rotina de funcionamento da cidade varia de acordo com a cota de inundação. Tomando-se novamente o evento de 1984, sua dimensão bloqueou o conjunto principal do sistema viário da cidade, isolando bairros e comprometendo a performace dos serviços urbanos essenciais (FATMA, 1989).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Passado o período de reconstrução e recuperação dos danos ocasionados pelas enchentes, que procedeu a amplos estudos de viabilidade e implantação de novas obras estruturais na bacia, para evitar os efeitos deletérios das catástrofes.

Marcas da enchente de 2001

As intensas precipitações pluviométricas ocorridas em 29 de setembro de 2001 foram responsáveis por inundações e deslizamentos em numerosos bairros brusquenses, resultando em danos humanos e materiais, não vistos com tamanha intensidade desde as enchentes de 1983/1984.

Tomando por base levantamentos econômicos e sociais, a Prefeitura Municipal, decretou situação de emergência (baseado no Decreto n. 4795/2001), em toda a extensão territorial municipal, pois nesse caso, a situação de enchente, passou para situação de desastre – uma enchente catástrofe.[34]

Essa enchente catástrofe, colocou a população de Brusque em situação de risco e perigo,[35] fato que exigiu da Comissão Municipal de Defesa Civil – COMDEC, a autorização de desencadeamento de um Plano Emergencial de Resposta aos Desastres, "*convocando voluntários para reforçar as ações e a realização de campanhas de arrecadação de recursos junto à comunidade, com o objetivo de facilitar as ações de assistência à população afetada pelo infortúnio*" (O MUNICÍPIO, 5.10.2001, primeira página).

Os fatores, anteriormente mencionados, não apenas os de 2001, mas aqueles a partir de 1961, são característicos dos riscos modernos, sobremaneira no que concerne à questão da segurança da população, pois o motivo por que passam a ser riscos, aponta (BECK, 1996 *apud* GIDDENS, 1995), estão contidos nos fatos e azares que são conhecidos (as enchentes catástrofes são conhecidas pela população e poder público brusquense desde os primórdios coloniais), cuja ocorrência pode ser prevista e cuja probabilidade pode ser calculada. Porém tem se visto tomadas de decisão de emergência, em detrimento às medidas de cautela, prevenção e organização de medidas não-estruturais – assim não se discorda da irresponsabilidade organizada nas questões envolvendo as enchentes catástrofes na região e no município em questão.

Nesse sentido, BECK (1996:s/p), esclarece que:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"*O conceito de irresponsabilidade organizada ajuda a explicar como e porquê as instituições da sociedade moderna devem reconhecer inevitavelmente a realidade da catástrofe, se bem que negando simultaneamente a sua existência, ocultando as suas origens e evitando a indenização ou controlo. A explosividade social do perigo investiga os meios pelos quais a consciência de perigos em grande escala e de riscos catastróficos provoca uma dinâmica de transformação política e cultural que abala as burocracias do Estado, desafia o predomínio da ciência e traça de novo as fronteiras e linhas de combate da política contemporânea. A idéia do estado segurança descreve a relação entre a legitimidade das instituições do Estado e as promessas dos sistemas políticos no sentido de manterem a segurança dos seus cidadãos em termos ecológicos.*".

A (des)organização demonstrada nessa enchente catástrofe, em Brusque, é palpável quando observado que a Prefeitura e a COMDEC tiveram dificuldades em concluir os levantamentos sobre o número de residências atingidas pelas águas e, principalmente, o número de vítimas e desabrigados, conforme constatou-se em O MUNICÍPIO (05.10.2001). Os bairros mais atingidos foram: Guarani, Rio Branco, Santa Terezinha, Limeira, Steffen, Nova Brasília e a o Centro da cidade, local onde se encontram as principais e mais volumosas obras de contenção das enchentes, em Brusque.

Importante mencionar que o Corpo de Bombeiros registrou como nível máximo dessa enchente, o nível 5,4 metros acima do normal, enquanto o registro máximo de 1984 foi de 7,8 metros. Para os técnicos da COMDEC, as duas avenidas beira-rio cumpriram seu papel de canal extravasor, auxiliando na vazão da água. Esse comentário, que atingiu todo o corpo social brusquense é questionável, pois o rio por si só é um canal de escoamento e vazão das águas, atestar que tais obras de concreto que cobrem as margens do rio Itajaí-Mirim auxiliaram para uma enchente menor, é colocar a população em perigo, pois o concreto e o asfalto dos dois lados do rio, diminuem seu "efeito esponja", quando da percolação das águas pelo solo. É provável que as águas da enchente, na sua volatilidade tenham ocupado novas áreas de espraiamento, como os bairros a jusante, no sentido Itajaí, Limoeiro e Santa Terezinha principalmente.

"*As margens da rodovia Antônio Heil – única saída segura para quem deixava Brusque com destino a Itajaí – mostravam a proporção das cheias. O rio Itajaí-Mirim saiu do seu leito e alagou as pastagens e as plantações, nas duas margens da rodovia. Eram 10 horas, e de Santa Terezinha até Limoeiro, divisa com Itajaí, o*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cenário era um só. O gado, para se proteger do avanço das águas, buscava os pontos mais altos das pastagens. Alguns moradores suspenderam seus móveis, enquanto outros providenciavam a remoção de seus pertences." O MUNICÍPIO (05.10.2001:11[A]).

Dessa forma concluí-se as transformações estruturais no espaço geográfico municipal, com numerosas obras de engenharia implantadas sob a égide de servirem como funções tradicionais e intensificadas na representação de segurança da população, são questionáveis quando geram a sensação de bem-estar ambiental e livramento das condições de perigo – os habitantes do lugar necessitam estar sempre alerta para novas enchentes.

As relações que envolvem os interesses dos habitantes regionais devem calcar-se no criar relações abertas e sustentáveis, no que concerne à relação homem/natureza, principalmente quando a natureza os mantém em situações constantes de perigo. Não desconsiderando o fato de as enchentes registradas no Vale do Itajaí-Mirim estarem intimamente relacionadas a fatores naturais, a potencialização dos danos causados deve ser relacionada, às formas da organização sócio-espacial, pois as situações de catástrofe refletem as condicionantes refletidas e deliberadas de áreas urbanas ao risco iminente de inundações; aqui não se descarta a inconsistência das intervenções governamentais.

Com isso, pode-se afirmar que o século XX das enchentes conclui-se demonstrando que o *valor do trabalho* do povo dos Vales do Itajaí e Mirim sobrepujou o papel da intervenção estatal, no sentido de garantir uma qualidade de vida no mínimo digna ao cidadão – dignidade esta estabelecida na própria constituição estadual e federal, mas não cumprida até o momento[36].

Iniciado pelas frentes pioneiras de colonização, em seguida o processo de desenvolvimento sócio-econômico e as implicações ocasionadas pela expansão urbana, industrial e rural do Vale favoreceu a ocupação de áreas que do ponto de vista do zoneamento, apresenta-se altamente vulneráveis aos riscos de inundações periódicas.

Os esforços para controlar os efeitos das enchentes, dizem respeito a alertar a população sobre a possibilidade de ocorrências de inundações, favorecendo medidas de controle e organização da sociedade civil nos casos da eminência de uma enchente catástrofe. No entanto, medidas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

preventivas são pouco comuns na bacia, tais como um planejamento do uso de sistemas produtivos agrícolas e florestais com dimensão temporal de curto, médio e longo prazo, mobilizada e articulada no esforço de planejamento, definição, implementação e avaliação da eficácia de diferentes tipos de respostas – recuperativas, preparativas e mitigatórias.[37]

A população do Vale do Itajaí-Mirim continuará esperando a próxima enchente para em seguida limpar suas propriedades, pois as intervenções governamentais devem manter-se inconsistentes nos próximos anos – principalmente uma que propiciasse uma relação menos danosa e recuperativa de locais essencialmente suscetíveis aos alagamentos -, permitindo uma convivência mais harmoniosa entre o homem do vale com a natureza do vale.

Considerando o fato da impossibilidade de acabar com as enchentes catástrofes em Brusque, pode-se garantir uma convivência "pacífica" e possível de diminuição dos prejuízos, adaptando-se a elas em observância das características naturais que as influenciam, primordialmente nas áreas ao longo das margens dos canais fluviais e nas áreas alagáveis, devendo manter-se a vegetação nativa restante, observando as restrições colocadas pela legislação, evitando assim, erosões, desmatamentos, assoreamentos dos rios, ribeirões e córregos, preservando a flora e a fauna. Também se faz importante a não destruição das matas para plantações em locais inadequados e, na cidade a ocupação nas encostas e a deposição de lixo e outros entulhos nos rios – tais medidas garantem a diminuição dos efeitos deletérios das enchentes catástrofes, devendo ser profundamente estudados para uma gestão apropriada do ambiente vivido.

A dinâmica do clima/natureza tropical é, por vezes, surpreendente. A dimensão da área de inundação num vale tropical é algo complexo, principalmente ante a ocupação de população de origem européia (zona temperada). Muito lógica há anos se analisa a história espacial da ocupação da área e as causas complexas que estão na gênese deste processo. Brusque é parte desses processos de complexidades, mesmo estando no Brasil Meridional.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Referência Bibliográfica e Bibliografia de Apoio

AB´SABER, Aziz Nacib, MÜLLER-PLANTENBERG, Clarita (Orgs.). **Previsão de Impactos. O Estudo de Impacto Ambiental no Leste, Oeste e Sul – Experiências no Brasil, na Rússia e na Alemanha**. São Paulo: Ed. da USP, 2 ed., 1998, 569p.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Diário da Assembléia Legislativa – Enchentes de 1983**. Florianópolis: IOESC, 04.10.1983, n. 2673.

ASSIS, R.B. **Gerenciamento de bacias hidrográficas: descentralização**. In: TAUK-TORNISIELO, S.M. et al. (Org.). *Análise Ambiental*- estratégias e ações. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995. p.122-29.

Atlas de Santa Catarina. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro. 1986.

BANCO MUNDIAL. **Water resourcers management: la ordenación de los recursos hídricos**. Washington, D.C., 1994.

BARBASSA, A. P. **Simulação de Efeito da Urbanização sobre a Drenagem Pluvial da Cidade de São Carlos**. São Paulo: EESC-USP, 1991 [Tese de Doutorado].

BARTH, F.T., POMPEU, C.T. **Fundamentos para Gestão de Recursos Hídricos**. In: BARTH, F.T. et al. *Modelos para gerenciamento de recursos hídricos*. São Paulo: Nobel: ABRH, 1987. p.01-91. (Coleção ABRH de recursos hídricos).

BECK, Ulrich, A Sociologia de Risco. In.: **Teoria Social e Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In.: **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997, pp. 11-71.

BOLINAGA, I. J. J. **Drenage Urbano**. Caracas: Ministério del Ambiente Y de los Recursos Naturales Renovables, 1979, s/p.

BOTELHO, M. H. C. **Águas de Chuva – Engenharia das Águas Pluviais nas Cidades**. Rio de Janeiro: Edgard Blücher, 1985, s/p.

BRASIL. Ministério do Interior. Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul. **Enchentes na Região Sul 1983**. (S.N.T.).

BUSS, Maria Dolores, FURTADO, Sandra Maria de Arruda & SCHEIBE, Luiz Fernando. "É, ninguém escapa do rio..." Geografia de uma catástrofe natural. Florianópolis: Ed. da UFSC, **GEOSUL**, v. 15, n. 29, jan./jun., 2000, pp.55-78.

CABRAL, Osvaldo R. **História de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Laudes. 2ª ed. resista e atualizada. 1970.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

COLTRINARI, L. De rios e homens. São Paulo: **AGB Informa** (Encarte Especial). Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2 trimestre, n. 61, 1996, p.7.

CORDERO, A. As enchentes de Blumenau de 1992. Blumenau: **Revista de Divulgação Cultural**, a. 17, n. 55, maio/ago., 1994, pp. 38-42.

CRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia Fluvial**. São Paulo: Edgard Blücher.1988, 313p.

DER URWALDSBOTE. O trecho Blumenau Itajaí pelo território de Brusque ao longo do Itajaí-Mirim. 05.02.1910. In.: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: FCB/RBC, Tomo XXXIX, n. 07, julho, 1998, pp. 48-52.

DORFMAN, R. O papel do Estado na gestão dos recursos hídricos. **Administração Pública**. Rio de Janeiro, v.27, n.2, p.19-26, abr./jun., 1993.

DYNAMIS, Revista Tecno-Científica. Blumenau: Ed. FURB/Ed. UFSC. (**Seminário sobre o PLADE - Plano Global e Integrado de Defesa Contra Enchentes**), Universidade Regional de Blumenau. Vol. 2, n.º 8, Jul./Set. 1994, p.220.

ENTRES, Gottfried. **Livros de Recordação para o Centenário da Imigração Alemã para Santa Catarina**. Livraria Central de Alberto Entres & Irmãos. (s.d.).

FATMA. **Programa de Recuperação Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí-Açu**. Florianópolis: IOESC/FATMA. 1989.

FRAGA, Nilson Cesar & GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Vale dos Índios, Vale dos Imigrantes**. Blumenau: Editora Cultura em Movimento. Fundação Cultural de Blumenau, 2000, 244p.

FRAGA, Nilson Cesar. **"OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA"- Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no Município de José Boiteux/SC (1974-1992)**. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, Departamento de Estudos Geo-Históricos [Relatório de Iniciação Científica], UDESC/CNPq, 1997, 254p.

FRAGA, Nilson Cesar. As Enchentes no Vale do Itajaí-Açu/SC: das obras de contenção à indústria da enchente – a problemática ambiental e a relação homem/natureza na busca de soluções, In.: **RA'EGA – O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001, p. 137-138.

FRAGA, Nilson Cesar. **AS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ-AÇU, SC: das obras de contenção à industria da enchente**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Geografia. [Dissertação de Mestrado], UEM/CAPES, 2000, 354p.

FRAGA, Nilson Cesar. UMA BARRAGEM PARA "SALVAR" O VALE DO ITAJAÍ. **Diário do Alto Vale**, Rio do Sul, 03 e 04 maio 1997, ano II, n. 217, p. 07.

FRAGA, Nilson Cesar; GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger *et. al.* A formação sócio-espacial de Brusque nos 130 anos da Imigração Polonesa. In.: **Almanaque da Vida Polaca**.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Brusque: Prefeitura Municipal de Brusque, 1999, pp. 19-23.

FRANK, Beate. SANGUINETO, Lúcia R. ADAMI, Rose M. **Análise do programa de recuperação ambiental da bacia hidrográfica do rio Itajaí-Açu**. In: Christian G. Caubert (org.) O Tribunal das águas: Casos e descasos. Florianópolis: EDUFSC. 1994.

FROTSCHER, M. Blumenau nas enchentes de 1983 e 1984 e o imaginário da "cidade do trabalho". Blumenau: **Revista Blumenau em Cadernos**, tomo XXXVIII, n. 9, set./1997, pp. 20-30.

GTHIDRO. **As enchentes de jul./83 e a busca de soluções**. Florianópolis: [s.n.], 1984, pp. 68-107.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Itajaí: um rio que passa na minha "aldeia"**. Brusque: Jornal O Município [Suplemento Especial - 140 Anos Brusque – SC: 1860-2000], 04/08/2000, p.32.

GOVERNO DE BRUSQUE. Boletim Oficial do Município. **Código de Diretrizes Urbanísticas – Plano Diretor**. Brusque: Prefeitura Municipal, 24.04.2000, a. II, ed. 74, 88p.

_____. Boletim Oficial do Município. **Código de Parcelamento do Solo – Plano Diretor**. Brusque: Prefeitura Municipal, 24.04.2000, a. II, ed. 74, pp. 53-88.

GOVERNO DO ESTADO DE SAQNTA CATARINA. **Programa Especial de Reconstrução do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Lei n.º 6.256, de 26/07/1983.

_____. **Documento de Reivindicação que faz o Governo do Estado de Santa Catarina ao Ministério do Interior/SUDESUL – ENCHENTES 1983/1984**. Florianópolis: Conselho Extraordinário de Reconstrução/Gabinete Extraordinário para a Reconstrução, Fev. 1986.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA et all. **REDES URBANAS REGIONAIS: SUL – Série Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil**. Brasília: IPEA, v. 6, 2000.

HELOU FILHO, Esperidião Amim. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOESC, 1986.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA .**Censo do IBGE de 2000.** www.ibge.gov.br, acessado em 24.09.2002.

JORNAL O MUNICÍPIO. **Obras e preservação diminuem a possibilidade de novas catástrofes**. Brusque: JOM, 29/01/1999, p. 16.

KOLONIE ZEITUNG. **A Schützenfest e os Yankees no Itajahy Mirim**. Brusque: KZ, den 19 Mai 1868, n. 19, Jahr I.

KRIEGER, Oscar Gustavo. **Guia da Cidade de Brusque – Santa Catarina**. Brusque: Prefei-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tura Municipal de Brusque, 1957.

LAGO, Paulo Fernando. **As Enchentes: Impacto das Incertezas**. Florianópolis; EDUFSC. 1988.

LEAL, A.C., Herrmann, H. Gestão dos recursos hídricos e a construção de cidades produtoras de água no próximo milênio. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS, 13, 1999, Belo Horizonte/MG. **Anais...** Belo Horizonte: ABRH, 1999. (Anais em CD-ROM), citando São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental, 1995.

MATTEDI, M. A. **Enchentes em Blumenau: um estudo sobre o comportamento do sistema político no período de 1983-1994**. Florianópolis: Dissertação [Mestrado], UFSC, 1994.

MERICO, Luiz Fernando Krieger. **Mapeamento Geomorfológico e Geotécnico como base para o Planejamento do Município de Brusque - SC**. Rio Claro: Mestrado em Geografia - UNESP, 1989, 85p.

POMPÍLIO, M. J. **O homem e as inundações na bacia do Itajaí: uma contribuição aos estudos da Geografia do comportamento e da percepção, na linha da percepção ambiental**. São Paulo: Tese [Doutorado], USP, 1990

PREFEITURA MUNICIPAL DE BRUSQUE. **Brusque - Perfil Sócio-econômico 1998**. Brusque: Secretaria de Desenvolvimento Econômico - Diretoria de Indústria e Comércio, 1998.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. **Bacias Hidrográficas de Santa Catarina: diagnóstico geral**. Florianópolis, 1997, p. 29.

SANTOS, Milton. In: **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, J. F. **As Enchentes no Vale do Itajaí**. Blumenau: Separata da Revista Blumenau em Cadernos (Fundação Cultural de Blumenau), 1975, 48p.

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE. **Tradução de um documento existente no Arquivo da Sociedade Amigos de Brusque, do ano de 1855**. Brusque: Notícias de "Vicente Só" Brsuque - Ontem e Hoje, a. IV, abr./maio/jun./1980, n. 14, pp. 30-34.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou: sobre a necessidade de uma "Teoria Aberta" do desenvolvimento sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Território, n. 1, v. 1, jul. - dez. 1996.

TUCCI, Carlos E.M. (org.) **HIDROGRAFIA: Ciência e aplicação**. Porto Alegre: Ed. da Universidade: ABRH: EDUSP. 1993.

NOTAS DE FIM

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2 Dados fornecidos no site www.ibge.gov.br. Censo do IBGE de 2000.

3 FRAGA, Nilson Cesar; GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger *et. al.* A formação sócio-espacial de Brusque nos 130 anos da Imigração Polonesa. In.: **Almanaque da Vida Polaca**. Brusque: Prefeitura Municipal de Brusque, 1999, pp. 19-23.

4 LAGO, Paulo Fernando. **As Enchentes: Impacto das Incertezas**. Florianópolis; EDUFSC. 1988.

5 "No decorrer das décadas de 70 e 80, as principais obras para contenção de cheias no Vale do Rio Itajaí foram, sem dúvida, as barragens de Taió, Ituporanga e a recém-construída barragem de Ibirama, a de maior capacidade de acumulação. O valores estimados destes investimentos em dólares, com atualização relativa a 1992, são as seguintes: Barragem de Taió, US$ 10.000.000,00; Barragem de Ituporanga, US$ 31.000.000,00 e a Barragem de Ibirama, US$ 90.000.000,00". As três juntas acumulam investimentos na ordem de US$ 131.000.000,00. DYNAMIS, Revista Tecno-Científica. Blumenau: Ed. FURB/Ed. UFSC. (**Seminário sobre o PLADE - Plano Global e Integrado de Defesa Contra Enchentes**), Universidade Regional de Blumenau. Vol. 2, n.º 8, Jul./Set. 1994, p.220. Aqui não consta o valor gasto na execução das obras de retificação e desassoreamento do rio Itajaí-Mirim em Brusque.

6 TUCCI, Carlos E.M. (org.) **HIDROGRAFIA: Ciência e aplicação**. Porto Alegre: Ed. da Universidade: ABRH: EDUSP. 1993.

7 KRIEGER, Oscar Gustavo. **Guia da Cidade de Brusque – Santa Catarina**. Brusque: Prefeitura Municipal de Brusque, 1957. GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Itajaí: um rio que passa na minha "aldeia"**. Brusque: Jornal O Município [Suplemento Especial - 140 Anos Brusque – SC: 1860-2000], 04/08/2000, p.32. SILVA, J. F. **As Enchentes no Vale do Itajaí**. Blumenau: Separata da Revista Blumenau em Cadernos (Fundação Cultural de Blumenau), 1975, 48p.

8 JORNAL O MUNICÍPIO. **OBRAS E PRESERVAÇÃO DIMINUEM A POSSIBILIDADE DE NOVAS CATÁSTROFES**. Brusque: JOM, 29/01/1999, p. 16.

9 Seminário realizado na Fundação Universidade Regional de Blumenau, a 20 e 21 de maio de 1994

10 FRANK, Beate. SANGUINETO, Lúcia R. ADAMI, Rose M. **Análise do programa de recuperação ambiental da bacia hidrográfica do rio Itajaí-Açu**. In: Christian G. Caubert (org.) O Tribunal das águas: Casos e descasos. Florianópolis: EDUFSC. 1994.

11 GOVERNO DE BRUSQUE. Boletim Oficial do Município. **Código de Diretrizes Urbanísticas – Plano Diretor**. Brusque: Prefeitura Municipal, 24.04.2000, a. II, ed. 74, 88p.

12 GOVERNO DE BRUSQUE. Boletim Oficial do Município. **Código de Parcelamento do Solo – Plano Diretor**. Brusque: Prefeitura Municipal, 24.04.2000, a. II, ed. 74, pp. 53-88.

13 BOLINAGA, I. J. J. **Drenage Urbano**. Caracas: Ministério del Ambiente Y de los Recursos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Naturales Renovables, 1979, s/p.

14 A utilização da terminologia "enchente catástrofe" se deve a necessidade de diferenciação entre enchente natural e comum aos rios, daquelas marcadas por grandes processos destrutivos sócio-econômico-ambientais, conforme (FRAGA, 2000).

15 BOTELHO, M. H. C. **Águas de Chuva – Engenharia das Águas Pluviais nas Cidades**. Rio de Janeiro: Edgard Blücher, 1985, s/p.

16 BARBASSA, A. P. **Simulação de Efeito da Urbanização sobre a Drenagem Pluvial da Cidade de São Carlos**. São Paulo: EESC-USP, 1991 [Tese de Doutorado].

17 GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Itajaí: um rio que passa na minha "aldeia"**. Brusque: Jornal O Município [Suplemento Especial - 140 Anos Brusque – SC: 1860-2000], 04/08/2000, p.32.

18 KRIEGER, Oscar Gustavo. **Guia da Cidade de Brusque – Santa Catarina**. Brusque: Prefeitura Municipal de Brusque, 1957, 96p.

19 PREFEITURA MUNICIPAL DE BRUSQUE. **BRUSQUE – PERFIL SÓCIO ECONÔMICO 1998**. Brusque: Secretaria de Desenvolvimento Econômico – Diretoria de Indústria e Comércio, 1998.

20 KOLONIE ZEITUNG. **A SCHÜTZENFEST E OS YANKEES NO ITAJAHY MIRIM**. Brusque: KZ, den 19 Mai 1868, n. 19, Jahr I.

21 SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE. **TRADUÇÃO DE UM DOCUMENTO EXISTENTE NO ARQUIVO DA SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE, DO ANO DE 1855**. Brusque: Notícias de "Vicente Só" Brsuque – Ontem e Hoje, a. IV, abr./maio/jun./1980, n. 14, pp. 30-34.

22 MERICO, Luiz Fernando Krieger. **Mapeamento Geomorfológico e Geotécnico como base para o Planejamento do Município de Brusque – SC**. Rio Claro: Mestrado em Geografia – UNESP, 1989, 85p.

23 JORNAL O MUNICÍPIO. **OBRAS E PRESERVAÇÃO DIMINUEM A POSSIBILIDADE DE NOVAS CATÁSTROFES**. Brusque: JOM, 29/01/1999, p. 16.

24 SOUZA, Marcelo Lopes de. **A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou: sobre a necessidade de uma "Teoria Aberta" do desenvolvimento sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Território, n. 1, v. 1, jul. - dez. 1996, p. 11.

25 SANTOS, Milton. In: **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

26 GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

27 INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA et all. **REDES URBANAS REGIONAIS: SUL – Série Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil**. Brasília: IPEA, v. 6, 2000, p.139.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

28 LEAL, A.C., Herrmann, H. Gestão dos recursos hídricos e a construção de cidades produtoras de água no próximo milênio. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS, 13, 1999, Belo Horizonte/MG. *Anais*... Belo Horizonte: ABRH, 1999. (Anais em CD-ROM), citando São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental, 1995, p. 9.

29Considera-se "engenho", as pequenas manufaturas que se instalaram na colônia.

30 O ineditismo e a impossibilidade de esquecimento dos fatos marcantes de um situação de desastre, foram amplamente trabalhados no estudo do comportamento e da percepção atinente os fatos ocorridos na década de 1980 por: POMPÍLIO, M. J. **O homem e as inundações na bacia do Itajaí: uma contribuição aos estudos da Geografia do comportamento e da percepção, na linha da percepção ambiental**. São Paulo: Tese [Doutorado], USP, 1990.

31 Conforme levantamentos realizados pelos órgãos estatais, 219.856 pessoas ficaram desabrigadas e ocorreram 63 mortes no território estadual. Os prejuízos materiais nos setores público e privado alcançaram Cz$ 715,58 milhões, a valores da época, equivalente a 16% do Produto Interno Bruto. Os valores expressos em moeda da época não foram convertidos para Reais ou Dólares Americanos, ao passo que os quantitativos de porcentagens permitirão visualização eqüivalente dos prejuízos decorrentes da catástrofe. Maiores detalhes aparecem no: GTHIDRO. **As enchentes de jul./83 e a busca de soluções**. Florianópolis: [s.n.], 1984, pp. 68-107.

32 Dados quantitativos podem ser encontrados em: **Programa Especial de Reconstrução do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Lei n.º 6.256, de 26/07/1983; GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Documento de Reivindicação que faz o Governo do Estado de Santa Catarina ao Ministério do Interior/SUDESUL – ENCHENTES 1983/1984**. Florianópolis: Conselho Extraordinário de Reconstrução/Gabinete Extraordinário para a Reconstrução, Fev. 1986 e HELOU FILHO, Esperidião Amim. **Mensagem à Assembléia Legislativa**. Florianópolis: IOESC, 1986.

33 MATTEDI, M. A. **Enchentes em Blumenau: um estudo sobre o comportamento do sistema político no período de 1983-1994**. Florianópolis: Dissertação [Mestrado], UFSC, 1994.

34 "*A problemática das enchentes catástrofes no Vale do Itajaí é vista aqui como um fenômeno de ordem sócio-ambiental. Pode-se dizer que as enchentes constituem geralmente um fenômeno natural, que pode ser medido em termos físicos e que se abate periodicamente sobre a região. Ao mesmo tempo a eclosão de situações de desastre têm sido favorecida pela vulnerabilidade social, ou seja, pelo desconhecimento das causas da dinâmica e das formas mais adequadas de confrontação do fenômeno no longo prazo, assumindo, assim, situações de desastre com forte relevância social porque sua ocorrência tende a reforçar a busca de fatores condicionantes ligados à vigência de determinados estilos de desenvolvimento regional – favorecendo a formação de um ciclo vicioso político (o das obras de contenção) em detrimento aos fatores ambientais e uma convivência harmoniosa no meio em que vivem, buscando soluções ecológicas e não, apenas, através de obras de engenharia.*" FRAGA, Nilson Cesar. As Enchentes no Vale do Itajaí-Açu/SC: das obras de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

contenção à indústria da enchente – a problemática ambiental e a relação homem/natureza na busca de soluções, In.: **RA'EGA – O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001, p. 137-138.

35 Maiores discussões envolvendo a sociedade de risco, podem ser encontradas em BECK, Ulrich, A Sociologia de Risco. In.: **Teoria Social e Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, e também, BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In.: **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997, pp. 11-71.

36 Frotscher (1997), estudou as enchentes de 1983 e 1984 na cidade de Blumenau, destacando que "*as mesmas tornaram-se símbolo da "capacidade de trabalho e reconstrução do blumenauense", uma referência impressa nos jornais, relatórios oficiais, editais e proferidas nos meios de comunicação de massa, em cadeia nacional. Ele destaca que não é somente o poder público, as indústrias e o comércio que sofrem com as enchentes, mas principalmente a população mais humilde, residentes nas áreas mais baixas e nas zonas de encostas; salienta também que, dos 160 mil habitantes de Blumenau, 90 mil flagelados pobres não apareceram na contabilidade oficial. Analisa como a história da convivência com as enchentes no Vale do Itajaí é usada na construção de um imaginário que representa o "blumenauense" como um povo "trabalhador e persistente", através do mito do pioneirismo dos colonos alemães*". Tais pressupostos do valor do trabalho podem ser estendidos aos demais município da região, dentre os quais Brusque, a segunda cidade em importância industrial e populacional. FROTSCHER, M. Blumenau nas enchentes de 1983 e 1984 e o imaginário da "cidade do trabalho". Blumenau: **Revista Blumenau em Cadernos**, tomo XXXVIII, n. 9, set./1997, pp. 20-30.

37 Maiores detalhes sobre tais elementos podem ser analisados em MATTEDI, 1994.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Celebrações de casamentos de 100 anos atrás em Pomerode

Roseli Zimmer[1]

Pesquisa & Pesquisadores

O Estado de Santa Catarina apresenta manifestações culturais diversas oriundas dos povos que o colonizaram. Cada região catarinense possui uma identidade cultural própria, criada a partir de elementos culturais trazidos na bagagem dos imigrantes europeus. A partir de suas experiências do cotidiano na realidade brasileira, estes imigrantes reestruturaram sua vida em comunidades nos moldes mais próximos da realidade de onde vieram.

O Vale do Itajaí teve sua ocupação territorial efetivada a partir de 1850, quando Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau deu início ao seu projeto particular de colonização em Santa Catarina. Há de se lembrar que em 1850 a legislação brasileira autorizava a implantação de colônias por iniciativa de particulares ou de empresas colonizadoras, pois até aquela data os investimentos eram realizados exclusivamente por ordem dos

[1] Historiadora e Mestre em História do Brasil Meridional pela UFSC. Trabalha na Divisão de Cultura-setor da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Pomerode. Este histórico foi elaborado para fundamentar um Casamento segundo os costumes de 100 anos atrás. O Casamento foi programado como atração cultural para a 22ª. Festa Pomerana e ocorreu no dia 22/01/2005, e os noivos foram Nancy Inês Rodriguez Montenegro e Daniel Bruno Wachholz.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Governos Imperial ou Provincial.

Já se passaram mais de cento e cinqüenta anos da fundação de Blumenau no Vale do Itajaí. À medida que os imigrantes europeus chegavam a Blumenau a ocupação territorial se expandia ao longo do próprio rio Itajaí-Açu, bem como às margens dos seus afluentes.

Assim, a partir do ano de 1861 as terras do Vale do Rio do Testo foram ocupadas. O ano de 1863 foi tomado como marco inicial da história de Pomerode.

As levas de imigrantes alemães vindos dos estados do Norte da Alemanha, principalmente da Pomerânia, estabeleceram-se no Rio do Testo (antigo nome de Pomerode) no período de 1863 a 1880. Após estes anos, novas famílias vieram para o Rio do Testo. A maioria era de descendência alemã e uma minoria de italianos.

As localidades de Rio do Testo cresceram. A agricultura era a base da economia. As comunidades construíram em seu espaço vital a escola, a igreja, o cemitério, as oficinas, a sociedade de caça e tiro. Gradativamente surgiram as casas comerciais e já no início do século XX ampliaram seus negócios, criando indústrias de laticínios e embutidos. Em 1946, tiveram início as atividades industriais da Porcelana Schmidt.

Em 21 de janeiro de 1959 foi instalado o Município de Pomerode. No decorrer de seus 45 anos de existência como município, Pomerode alcançou um considerável desenvolvimento econômico distribuído nas atividades da agricultura, indústria, comércio e prestação de serviços, o que proporciona a sua população um bom padrão de qualidade de vida.

Aliado ao desenvolvimento sócio-econômico das localidades, a população pomerodense mantém muito presente em seu cotidiano a herança cultural de seus antepassados, como é o uso do idioma alemão, do Pommersches Plattdeutsch – dialeto pomerano, a culinária, a música e o folclore.

Assim sendo, a cultura pomerodense é rica, pois mantém vivos muitos costumes e hábitos que foram passados de geração em geração. Os costumes, hábitos, tradições sofreram ao longo dos 141 anos da história de Pomerode (desde os idos tempos de 1863 até os nossos dias), alterações, e em conseqüência, adaptações, para continuarem a existir. Os tempos pas-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sam, as pessoas vivem o seu tempo e as tradições modificam-se lentamente para permanecer e perpetuar-se na história local.

E é assim que temos o prazer de lhes contar a tradição e os costumes de um importante ritual de vida da população pomerodense: o casamento. Nossa proposta é lhes apresentar as tradições e os costumes dos casamentos de 100 anos atrás.

Naquela época a maior parte da população vivia da economia agrária. As famílias eram numerosas, pois para o trabalho na terra havia a necessidade de muitos braços.

Os filhos ingressavam na idade adulta após a celebração religiosa da Confirmação ou da 1ª. Eucaristia/Crisma. Os jovens podiam participar com mais intensidade da vida social da comunidade, como por exemplo, festas, bailes e domingueiras. Nestas ocasiões, os jovens acompanhavam os pais ou responsáveis nas festividades e conheciam outros jovens da mesma idade. Durante os bailes podiam se estabelecer novos laços de amizade ou até mesmo pedidos de namoro.

Quando o jovem casal pretendia namorar, o pretendente deveria pedir o consentimento do pai da moça. Obtido o consentimento, o namoro se transformava em compromisso sério. Depois de algum tempo, quando os jovens decidiam noivar, o pretendente deveria pedir permissão ao pai da moça. Para casar, o noivo deveria pedir a mão da noiva em casamento para o futuro sogro.

No momento em que era marcada a data do casamento os pais dos noivos assumiam uma postura de auxiliar os filhos na preparação de seu casamento. Tudo era planejado em conjunto. Cada família se encarregava de custear a metade das despesas, providenciando gêneros alimentícios e recursos financeiros para a festa. Os pais da noiva preparavam o enxoval da moça que consistia em: um jogo de quarto completo (cama, colchão de palha, coberta e travesseiros de pena, roupa de cama e armário), uma mesa com cadeiras ou bancos e um armário para guardar comida, baú, gamela, ferro de passar roupa a carvão e louças para a cozinha, uma máquina de costura, e animais, como uma vaca, galinhas e um porco. O Enxoval da Noiva era denominado de *Brautausstattung* ou *Aussteuer*.

E em muitos casos os pais da noiva ou do noivo compravam um

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

terreno para o jovem casal construir a sua casa e assim dar início a vida conjugal no novo lar. Quando os pais não possuíam muitas condições financeiras para auxiliar na construção da nova residência, o jovem casal permanecia morando com eles até terem conseguido adquirir o terreno e construído a própria casa. Há de se lembrar que era costume no Vale do Itajaí de que o filho mais novo ou filha mais nova quando casava permanecia na casa dos pais e assumia a responsabilidade de cuidar deles até a velhice.

A comemoração do casamento era um fato muito importante para as famílias envolvidas. Quando a data do enlace matrimonial estava próxima, faltando oitos dias para o acontecimento, o Hochzeitsbitter tinha a tarefa de convidar todos os parentes, amigos e vizinhos para o casório. O Hochzeitsbitter era um dos dois homens escolhidos para serem testemunhas de casamento. Ele vinha a cavalo cuja sela e os arreios eram enfeitados com flores naturais, laços e fitas nas cores verde, amarelo, azul e vermelho. Seu paletó e o seu chapéu também eram enfeitados com flores, laços e fitas.

Ele visitava todas as residências e aos seus moradores declamava o convite de casamento em forma de poesia. Ao sair de cada casa recebia uma pequena gratificação dos convidados para garantir os fogos de artifícios e licores para o casamento. Caso os homens escolhidos para serem testemunhas fossem tímidos, era convidado para ser Hochzeitsbitter um homem muito comunicativo da comunidade. Com o passar dos anos o Hochzeitsbitter substituiu o cavalo pela bicicleta e o anúncio do convite pelo convite escrito à mão em alemão. Hoje em dia esta tradição não existe mais em Pomerode.

A festa de casamento era geralmente preparada na casa dos pais da noiva, mas poderia também acontecer na casa do noivo. Um casamento era um acontecimento de primeira ordem nas comunidades pomerodenses. Existem relatos orais e escritos de que há cem anos atrás, entre as décadas de 1900 a 1930, os casamentos eram comemorados nas quartas-feiras, isto é, no meio da semana e paulatinamente eles foram sendo transferidos para o dia de sábado.

Naquela época, o casamento era um momento muito especial onde

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os vizinhos cooperavam com todos os préstimos de serviços. A união de esforços e o cultivo de solidariedade entre todos favoreciam imensamente a comunidade. Exemplo disso era a reunião que acontecia no final de semana que antecedia o casamento, quando as mulheres (da família, parentes e vizinhas) exerciam seus dotes culinários, fazendo fornadas de bolachas que eram devidamente armazenadas em grandes latas.

Se a noiva decidisse que parte da decoração tivesse que ter flores em papel de seda, as moças que eram suas damas de honra (testemunhas) deveriam confeccioná-las no final de semana anterior ao casamento. As flores em papel de seda eram utilizadas para enfeitar a carroça dos noivos, a sala de visita onde ocorreria o baile e demais dependências da casa para o dia dos festejos.

Quando os casamentos aconteciam nas quartas-feiras, reuniam-se na casa dos pais da noiva: os pais do noivo, as testemunhas do casamento, as mulheres vizinhas e os parentes que moravam mais próximo do local dos festejos.

Estas pessoas davam início aos preparativos da festa nos dias que antecediam o casamento. Na cozinha as mulheres iniciavam o processo de cozimento de legumes para a conserva. As moças que eram testemunhas (*Brautmädel*) também deveriam colaborar com os serviços na cozinha. Os homens que eram testemunhas (*Trauzeugen*) deveriam ir ao mato e de lá retirar o palmito que seria cozido para conserva. Também construiriam os ranchos que abrigariam as longas mesas onde seriam servidas as refeições.

Na segunda-feira que antecedia o casamento propriamente dito, parecia que os serviços não terminavam nunca. As testemunhas homens deveriam enfeitar com pés de palmitos o pátio, a sala onde ocorreriam as refeições, a varanda que abrigaria os músicos, assim como a entrada das casas dos pais dos noivos. Deveriam ainda buscar nas casas dos vizinhos: bancos, cadeiras, mesas, louças, panelas, bules, tachos, talheres, xícaras, copos, canecos de ágata, enfim, todos os apetrechos necessários para as mulheres da cozinha. E até emprestavam louças do vendeiro, dono da venda – *Geschäfthaus* (Casa Comercial) - onde eram fregueses.

As testemunhas moças por sua vez, precisavam ir até a vizinhança buscar braçadas de flores colhidas pelos vizinhos em seus jardins. Com

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estas flores, as moças deveriam enfeitar todos os pés de palmitos fincados no chão do pátio, presos às paredes, nos portões e onde fosse necessário. As moças também eram responsáveis pela preparação e ornamentação das mesas das refeições. Eram elas também que preparavam as duas cadeiras onde os noivos ficariam sentados durante as refeições. As moças também confeccionavam um cordão de enfeite natural envolvendo flores entre verdes ramos. Este cordão era pregado ao carroção que levava no dia seguinte as testemunhas moças e os noivos ao Juiz de Paz, à Igreja, ao fotógrafo e à Casa Comercial. As testemunhas homens acompanhavam o carroção montados em seus próprios cavalos.

Quando a noite de segunda-feira chegava e tudo parecia estar encaminhando para a conclusão dos trabalhos, acontecia o *Polterabend*, também conhecido por *Noite de Quebra-Cacos*. Tratava-se de uma festa ruidosa promovida pelas testemunhas e todos os que estavam ajudando nos preparativos da festa. Os conhecidos, os amigos dos noivos e os parentes mais próximos também compareciam.

Cada pessoa ou grupo de pessoas que vinha participar deste jantar especial trazia louças de porcelana (inteiras, lascadas ou em parte danificadas) embrulhadas em grandes pacotes. Ao entrar na sala os visitantes procuravam pelos noivos e diante deles declamavam uma poesia em alemão. Ao estender o presente aos noivos deixavam-no cair, e ao som do quebrar das porcelanas desejava-se boa sorte ao novo casal, dizendo: – "*Scherben bringen Glück*" – "Cacos de porcelana trazem sorte."

Os noivos deveriam varrer e ajuntar todos os cacos para garantir um bom casamento. E assim, a brincadeira se estendia até todos os participantes terem entregado aos noivos os presentes. Alguns convidados espalhavam todos os cacos que já haviam sido recolhidos e os noivos não podiam se mostrar chateados em ter que varrer novamente a sala.

Esta era uma reunião de muita alegria e cantoria. Quando era possível, os convidados traziam um músico para animar ainda mais o *Polterabend.* Entre a chegada de um grupo de visitante e outro o jantar era servido e constava do cardápio o *Schwarzsauer* (cabidela) – sopa feita com o sangue das aves abatidas naquele dia-, aipim frito, verdura em conserva, pão, café, licores de: gengibre, Kümmel, erva-doce, aniz, hortelã, Süssen (licores fei-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tos com anilina vermelha e verde) e não poderia faltar a cachaça. O *Polterabend* se estendia até a meia-noite quando o cansaço vencia os convidados. Na manhã seguinte, os noivos deveriam acordar bem cedo e retirar de dentro da casa todos os cacos de louça do *Polterabend,* e jogá-los em um local sombreado antes do nascer do sol para lhes garantir boa sorte em seu matrimônio.

Na terça-feira dava-se continuidade aos trabalhos de abate de aves, suínos e de uma cabeça de gado. Além dos pais dos noivos e das testemunhas, as mulheres vizinhas e parentes mais próximos trabalhavam nos dias da véspera do casamento. Cada pessoa que vinha auxiliar na cozinha trazia uma ave como, por exemplo: uma galinha, um ganso, um marreco. Caso não fosse abatida uma cabeça de gado, a carne era providenciada com antecedência e acondicionada em barricas especialmente utilizadas para a conservação de carne. Quando as carnes estavam preparadas, eram colocadas em grandes assadeiras para assar no forno à lenha. Os vizinhos também contribuíam com ovos, queijo ricota, manteiga e leite, ingredientes utilizados para preparar o macarrão caseiro, pães, bolos, cucas de farofa e outras gostosuras.

É interessante observar que todos os serviços referentes à criação dos animais domésticos eram mantidos pelas famílias. Quando era hora de cuidar dos animais, as pessoas retiravam-se dos preparativos do casamento e voltavam após terem executado os trabalhos em suas propriedades. Entretanto, os demais serviços pesados na roça eram adiantados para não comprometerem os preparativos da festa. Este era um costume muito comum em todo o Vale do Itajaí.

Enquanto os trabalhos prosseguiam em casa para a preparação dos alimentos, no início da tarde de terça-feira, os noivos e as testemunhas eram conduzidos para Blumenau por um senhor proprietário de um carroção. O condutor possuía uma carroça puxada por quatro cavalos e este veículo era muito útil para as estradas daquele tempo. Na carroça iam o condutor, as moças testemunhas e os noivos. As testemunhas homens acompanhavam a cavalo. Chegavam no centro de Blumenau ao anoitecer e hospedavam-se em hotéis (hospedagens ou pensões).

Na manhã seguinte, quarta-feira, todos acordavam bem cedo e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

deixavam a hospedaria para irem ao Cartório. Nesse ato oficial – *Standesamt* ou *Zusammenschreiben* -, o Juiz de Paz solicitava a presença das duas testemunhas homens para assinarem os documentos do registro civil. Após a oficialização da união no Cartório, os nubentes e as testemunhas iam até a Igreja onde o Pastor fazia a celebração religiosa.

Os noivos de Pomerode se casavam em Blumenau até 1884, pois naquele ano foi inaugurada a Igreja de Badenfurt (atual bairro de Blumenau e um dos bairros mais próximos de Pomerode). A partir de 1885, podiam se casar na Igreja do centro do povoado de Rio do Testo, atual centro de Pomerode, e a partir de 1886 casavam-se na Igreja de Testo Alto (bairro de Pomerode). Entretanto a escolha da Igreja acontecia de acordo com a disponibilidade e a passagem do Pastor em uma das comunidades acima mencionadas. Na cerimônia religiosa havia a necessidade da presença de dois casais de testemunhas.

Saindo da igreja, o grupo passava no fotógrafo para registrar em uma fotografia oficial a união do jovem casal. Caso não houvesse o estúdio do fotógrafo próximo à igreja, contratava-se um para registrar o acontecimento. O cortejo iniciava sua viagem de retorno e no meio do caminho parava em uma casa comercial – *Geschäfthaus*- para saciarem a sua sede. Na maioria dos casos eram levados licores caseiros para a viagem, mas caso as testemunhas homens não tivessem trazido as garrafas, eles deveriam adquiri-las na casa comercial e ali enfeitá-las com fitas coloridas. Durante o trajeto para casa, as testemunhas bebiam dos licores, entretanto não exageravam na dose porque deveriam distribuir o precioso líquido aos convidados que os esperavam em casa.

Há de se notar que apenas os noivos e as testemunhas participavam dos atos civil e religioso do casamento. Ser testemunha de um casamento era uma honra tanto para os homens quanto para as mulheres. As testemunhas não podiam ser casadas e eram escolhidas entre os amigos e parentes solteiros dos noivos.

O ato civil e religioso continuou por muito tempo sendo acompanhado pelos noivos e testemunhas. A partir do ano de 1934, quando o Rio do Testo foi elevado à categoria de Distrito, o ato civil passou a ser realizado em Pomerode. Após a Segunda Guerra Mundial, os habitantes do centro

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de Pomerode começaram a inovar em um costume e solicitavam aos convidados que os acompanhassem à cerimônia religiosa. Entretanto, ainda hoje percebemos em nossa Pomerode que em alguns casamentos somente vão à Igreja os noivos, as testemunhas e os pais dos noivos.

No dia do casamento, durante a ausência dos nubentes e das testemunhas, os pais dos noivos comandavam os trabalhos na casa. Os convidados, vindos de perto ou de longe, chegavam para a grande festança já vestidos com as suas melhores roupas, e a partir das 9 horas da manhã eram recepcionados pelos músicos que já estavam posicionados na varanda da casa. Próxima aos músicos ficava uma cadeira com dois pratos fundos, um sobre o outro. Quando os músicos terminavam de tocar, os convidados colocavam de gorjeta algumas moedas no prato que estava em cima como forma de agradecer pela música recebida. Quando o prato estava cheio, um dos músicos passava o dinheiro para o prato que ficava em baixo. Esta gorjeta era denominada de *Einspielsgeld*.

Nos contratos de casamento era estabelecido com antecedência se o preço dos músicos incluía o *Einspielsgeld*. Em muitos casos havia somente um músico para animar toda a festa e este era um bandoneonista. O costume do *Einspielsgeld* foi desaparecendo aos poucos, à medida que os casamentos passaram a ter início no final da tarde de sábado. Isto ocorreu a partir do final da década de 1940, mas em algumas localidades do interior de Pomerode, o costume de tocar uma música para a chegada dos convidados permaneceu até o final dos anos 50.

À medida que as famílias e amigos chegavam à festa antes do almoço eram-lhes servidos o *Frühstück* – um café da manhã com *Streuselkuchen* (cuca de farofa), *Heringsbrot* (pão com ovos e sardinha), *Wurstbrot* (pão com lingüiça), *Kochkäsebrot* (pão com queijo cozido), bolachas. Enquanto era servido o Frühstück, as cozinheiras não se descuidavam do almoço.

O almoço era preparado ao ar livre em grandes tachos de cobre colocados diretamente em cima do fogo. Nos tachos eram cozidos a batata, o aipim, a sopa, o nhoque, o arroz e a carne de panela. Os bolinhos de carne (almôndegas) eram fritos no fogão à lenha da cozinha e as carnes de pato, de marreco, de ganso e a carne de porco eram assados no forno à lenha.

Perto da hora do almoço os noivos retornavam para casa com as

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

suas respectivas testemunhas homens. As duas testemunhas homens que acompanharam as carroças a cavalo galopavam diante da carroça dos nubentes. À medida que o cortejo se aproximava da casa, os dois homens galopavam antecipadamente até o local da festa e retornavam imediatamente para a carroça dos noivos. Os homens repetiam este procedimento até o momento em que as testemunhas homens e a carroça com as mulheres testemunhas e os noivos chegassem juntos no pátio da casa. Com o passar dos anos as testemunhas homens iam anunciando a chegada dos noivos ao local da festa com o espocar de fogos de artifício. Em casa o cortejo era recebido com uma grande salva de fogos pelos convidados. Também por volta da década de 1930, a carroça dos noivos foi substituída pelo carro de mola, que era uma carruagem de tração animal usada para o passeio de pessoas.

Era notório observar o estado de alegria e euforia dos noivos e das testemunhas quando chegavam em casa e paravam diante da varanda. Como eles haviam partido no dia anterior de casa e cumprido todo o roteiro necessário como a visita ao Juiz de Paz, à Igreja, ao fotógrafo e à Casa Comercial, tinha início a partir daquele momento uma nova etapa na comemoração da festa.

Os pais dos noivos encontravam-se à porta da casa. Descia da carroça uma testemunha, homem ou mulher, proferia uma poesia dirigida ao pai dono da casa. No final da poesia era solicitada a concessão para poder-se adentrar. O pai respondia que sim e a testemunha voltava-se para os nubentes e a eles proferia nova poesia comunicando que poderiam entrar na casa. Imediatamente os nubentes desciam da carroça e recebiam os votos de congratulações de seus respectivos pais. Em seguida os noivos e testemunhas iam cumprimentar todos os convidados. Os noivos recebiam os presentes e as congratulações dos convidados ao passo que as testemunhas cumpriam sua parte no ritual, distribuindo goles das garrafas de licores para os presentes. Por volta da década de 1930, adotou-se como costume oferecer charutos aos fumantes e a partir do final da década de 1940, as testemunhas mulheres começaram a distribuir balas para as mulheres e as crianças.

Era considerada uma desfeita muito grave se os noivos tivessem

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

esquecido de cumprimentar algum convidado. Com o tempo este ritual também foi se modificando. Depois de ter-se dado a autorização para os nubentes e testemunhas entrarem em casa, os pais levavam o novo casal até a porta da casa. Ali se posicionavam perto dos filhos e as testemunhas faziam fila logo em seguida. Os noivos, pais e testemunhas esperavam os convidados passarem pela fila para receber os cumprimentos.

Encerradas as felicitações, era servido o almoço. Os jovem casal com seus pais, testemunhas de casamento, padrinhos de batismo e o condutor da carroça, almoçavam na grande mesa que estava arrumava na sala da casa. Nas demais dependências da casa e nos ranchos construídos para a festa também havia mesas postas para os convidados. Antes de se iniciar a refeição, o pai, o Pastor – caso este tivesse sido convidado para a festa - ou até mesmo uma pessoa muito ativa na comunidade proferia uma oração.

Casamento - noivos - início séc. XX

Em seguida era servido o prato de entrada: a sopa de galinha. Duas moças passavam nas mesas e uma delas levava um balde com a sopa e a outra a concha e serviam as pessoas quando já estavam sentadas à mesa. Poderiam já estar sobre a mesa pratos com pedaços de pão torrado denominados de roscas. Caso não houvesse o prato de pão torrado, uma moça passava com uma cesta e colocava nos pratos uma mão cheia de pão torrado moído – ou rosca moída. Logo após a sopa os convidados se serviam de carnes,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

arroz, nhoque, aipim, batata, legumes em conserva e molho para as carnes.

Em algumas ocasiões as crianças recebiam a refeição antes mesmo de todos os convidados terem sido cumprimentados pelos noivos, mas em outros casos elas deveriam esperar até o final do almoço. Como as crianças estavam livres para brincar, o apetite delas aumentava consideravelmente com o desenrolar das brincadeiras. Durante o almoço não eram servidas bebidas. Somente após as pessoas terem se retirado das mesas é que elas tomavam capilé.

Depois da Segunda Guerra Mundial foram sendo introduzidas aos poucos a cerveja, o vinho e a gasosa (espécie de refrigerante). Também aos poucos foram sendo servidas após o almoço, as sobremesas de pudim de leite, de chocolate e o sagu de vinho, tudo isso acompanhado com calda de frutas da época, por exemplo, carambola, ameixa, pêssego entre outras.

Casamento de Nancy Inês Rodrigues Montenegro e Daniel Bruno Wachlolz - uma volta ao passado.

Há de se imaginar o número de convidados para uma comemoração como esta e o número de ajudantes para a cozinha. Como já foi descrito anteriormente, eram nos momentos de festas que os laços de cooperação e de solidariedade eram renovados constantemente entre os vizinhos e parentes próximos. Assim havia um grande número de ajudantes – desde jovens até pessoas de idade, mulheres e homens - para retirar os pratos, recolocar a comida quente na mesa e lavar a louça para que todos os convidados tivessem a oportunidade de almoçar. Geralmente o almoço era servido para três rodadas de convidados.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Após o almoço, assim que a louça estava toda lavada, era arrumada a sala da casa para o baile. Entretanto, os ajudantes da cozinha, mulheres e homens, jovens e pessoas de idade que haviam dedicado muito de seu tempo para a preparação dos alimentos, prestavam neste momento as suas homenagens aos nubentes.

Ao som de uma alegre música, os noivos iam à frente dos músicos até a área aberta onde estavam as cozinheiras e os assadores das carnes para colocarem em ação o *Küchenmarsch*, a *Marcha da Cozinha*. Ali formavam um cortejo que saía deste local, passava pelos arredores da casa, entrando por uma porta da casa e saindo pela outra. Retornavam até o local onde estavam os grandes tachos para realizarem naquele espaço uma dança. Ali os músicos tocavam outra alegre música e as cozinheiras e assadores de carne dançavam agitando no ar o utensílio que levavam nas mãos: espetos com carne, pás de forno, assadeiras, bules, panelas, entre outros. O *Küchenmarsch* é um costume que ainda persiste nas comunidades do interior de Pomerode.

Havia, porém, dois costumes distintos que ocorriam antes do *Küchenmarsch*. Se um dos noivos que estava comemorando suas bodas era o filho mais novo de sua família e estava casando antes de seu irmão ou irmã mais velho(a), os demais convidados deveriam forçar a subida do irmão mais velho ao forno à lenha. O irmão ou irmã mais velho(a) permanecia sentado sobre o forno durante um curto ou longo tempo e deveria ouvir conselhos para contrair logo o casamento. O irmão ou irmã só poderia sair depois que os músicos haviam lhe tocado uma música.

O outro costume dizia respeito ao noivo, caso a festa estivesse sendo comemorada na casa do pai dele e o noivo tivesse direito de construir uma casa no terreno de seu pai. Antes do *Küchenmarsch*, os convidados pegavam um cordeiro e o levavam até a varanda onde lhe davam algumas palmadas e o soltavam pelo pasto. O animal corria pelo pasto à procura de grama para pastar. Onde ele parasse para pastar a primeira grama, ali seria construída a casa do jovem casal.

Terminada a homenagem das cozinheiras e dos assadores, tinha início o baile na sala onde ocorrera o almoço. A sala era esvaziada e os músicos tocavam a primeira valsa para os noivos. A segunda música era

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para os noivos e testemunhas e a terceira marca, era para os noivos, testemunhas, e pais dos noivos. Durante esta música, o noivo dançava com a sua sogra e a noiva dançava um pouco com o seu sogro e um pouco com a sua sogra. A partir da quarta música o baile era para todos. O pessoal dançava a tarde inteira e levantava a poeira do chão. Quando os músicos faziam intervalos para descansar, as pessoas aproveitavam para varrer o pó do salão. Se o piso não estivesse liso o suficiente era jogado fubá grosso no chão.

A festa tinha prosseguimento com o café da tarde. Novamente era servido o cardápio do *Früshtück*. Acrescentavam-se a este café os bolos que não eram confeitados. As pessoas estavam relaxadas e aproveitavam o tempo para conversar, se divertir com danças. Não faltavam as mesas com jogadores de carteado: *Olschen basta*, *Skat*, *Doppelkopf* e *Schafskopf* (jogos de carta trazidos com a imigração. O *Doppelkopf* e o *Schafskopf* são originários do Norte da Alemanha e suas partidas são tão ruidosas quanto as partidas do jogo de Truco. O Skat é um jogo muito difundido na Alemanha e exige muita rapidez e raciocínio. O *Olschen basta* também exige muita rapidez de raciocínio). Esse ambiente era embalado pelo capilé para as crianças, pelos licores – Süssen – para as mulheres e pela cachaça para os homens.

À noite a sala era novamente arrumada para ser servido o jantar. Depois desse intervalo as danças continuavam. Por volta das vinte e três horas uma mesa de café era preparada na cozinha e as pessoas podiam servir-se livremente, e as cozinheiras não deixavam os pratos esvaziarem e o café estava sempre quente.

Por volta da meia-noite antes de ser realizada a retirada da coroa e da grinalda da noiva- *der Kranz wurde abgetantzt*, os noivos dançavam uma valsa – *Ehrenrunde*. Depois dançavam os noivos e as testemunhas e a terceira música era para os noivos, testemunhas e os pais dos noivos. Após estas danças, a noiva sentava-se em uma cadeira e sob o olhar de todos os presentes o noivo deveria soltar e retirar a coroa de flores e a grinalda da cabeça da esposa. Os noivos compareciam diante do padrinho de batismo e colocavam dentro de uma caixa a coroa de flores da noiva e a flor da lapela do terno do noivo.

Para concretizar este costume um dos padrinhos de batismo da noiva ou do noivo providenciava, com antecedência, a coroa de flores para

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a noiva e a flor de lapela para o noivo. No dia em que os noivos saíam de casa para se casar, o padrinho de batismo entregava a coroa de flores para a noiva e a flor de lapela ao noivo. Dessa forma completavam os seus trajes de casamento e daí partiam para as cerimônias civil e religiosa.

O padrinho de batismo já havia preparado uma caixa de madeira – *Hochzeitskiste*- na qual a noiva guardava a sua coroa de flores, e o noivo a sua flor de lapela. Entretanto antes do padrinho selar a caixa com uma tampa de vidro, a noiva guardava o seu segredo para o noivo e vice-versa. Nem o padrinho poderia abrir os segredos dos noivos. Após selada a caixa – *Hochzeitskiste* – o padrinho de batismo entregava-a ao casal e lhes desejava muitas felicidades e também lhes lembrava que cada um tinha responsabilidade para com o outro.

Esta caixa tinha um forte significado para os nubentes. Era a bênção que um padrinho de batismo lhes concedia para um casamento duradouro. A caixa era colocada na sala da casa dos noivos, em lugar de destaque. Ela somente poderia ser retirada da parede quando um dos esposos falecia. Nesta ocasião o outro poderia abrir a caixa e desvendar o segredo que havia sido ali guardado. A *Hochzeitskiste* pode ser considerada como um baú de segredos. Após os noivos terem cumprido este ritual, retiravam-se da festa para trocar de roupa e retornavam para festejar até

Casamento de Nancy Inês Rodrigues Montenegro e Daniel Bruno Wachlolz - uma volta ao passado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o dia raiar. Porém a *Hochzeitskiste* não faz mais parte dos rituais de casamentos contemporâneos.

Ao longo do tempo, a maneira de retirar a grinalda da noiva foi se modificando. Quando era chegado o momento da valsa, os noivos sentavam no meio do salão. As testemunhas ficavam ao seu redor e retiravam da noiva o véu, a grinalda e a flor da lapela do terno do noivo. Enquanto isto, um convidado declamava poesias ao jovem casal. A noiva recebia o véu, a grinalda e a flor de lapela e segurava estes objetos com a mão que apoiava no ombro do noivo durante a valsa.

Finda a música, tanto os noivos quanto as testemunhas retiravam-se para trocar de roupa e em seguida continuar o baile com os demais convidados. Até à meia-noite não era tolerado aos homens tirarem os seus ternos ou paletós. Durante a madrugada, muitas poesias e pequenas encenações teatrais eram apresentadas pelos convidados e a festa durava até a manhã de quinta-feira. Após terem festejado a noite inteira, as testemunhas tinham que ajudar a arrumar a casa: os homens deviam devolver todos os utensílios emprestados dos vizinhos e do vendeiro e as moças limpar toda a casa.

A mais significativa mudança dos hábitos de casamento de cem anos atrás para os dias atuais pode ser observada a partir da transferência do dia de festejos. Por muitos anos, o casamento era comemorado às quartas-feiras. Por volta da década de 1930, o casamento civil continuou sendo realizado às quartas-feiras, mas o início das comemorações foi transferido para a sexta-feira com o *Polterabend*. Na manhã de sábado os noivos e testemunhas de casamento iam para a Igreja, fotógrafo, ao bar e daí retornavam para a casa onde era realizada a festa. Dependendo da animação dos convidados e da disposição dos músicos a festa durava até a tarde de domingo.

No final da década de 1940, alguns nubentes introduziram novas mudanças como festejar o casamento no sábado à tarde. Além da casa dos pais, as festas passaram a ser realizadas em salões de casas comerciais e de sociedades de caça e tiro. Estas inovações causaram estranheza, mas com o passar dos anos elas foram aceitas. Entretanto, ainda era comum participar de casamentos na casa de um dos noivos na década de 1980.

A tradição do Hochzeitsbitter foi desaparecendo lentamente. O

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

convite passou a ser impresso em português e os noivos passaram a entregá-los pessoalmente aos convidados.

A celebração do casamento encurtou bastante: o *Polterabend,* quando ainda é realizado, acontece nas sextas-feiras à noite. A saída dos noivos para a cerimônia religiosa é feita a partir do final da tarde de sábado. Atualmente segue-se o costume do noivo esperar a noiva na Igreja. Outras inovações, como a ordem de entrada dos pais dos noivos e de testemunhas na Igreja, bem como o aparecimento de daminhas de honra aconteceram somente a partir da década de 1980.

Há muito tempo que o casamento civil pode ser realizado juntamente com o casamento religioso.

Outras curiosidades

A carroça foi substituída pelo carro de mola e este pelo automóvel.

O costume de parar em um bar, para tomar uns traguinhos na hora da saída da Igreja, já está bastante ultrapassado.

Hoje em dia, a noiva joga o seu buquê de flor para as moças solteiras, para daí saber qual será a próxima a se casar. Antigamente o buquê não era jogado.

Outro costume tradicional da região era o ato de cortar a gravata do noivo em pequenos pedaços. Estes pedaços eram oferecidos pelos padrinhos aos convidados, que contribuíam espontaneamente para adquirir esta pequena lembrança. O valor arrecadado com o corte da gravata era o início das economias do jovem casal.

Outro ponto a considerar é que descrevemos aqui em linhas gerais os costumes de casamentos em Pomerode. Lembramos que no decorrer da história, as classes sociais que compõem a sociedade sempre estiveram participando de mudanças, de cunho social, econômico, cultural e religioso. Durante um bom tempo parecia não ter havido nenhuma mudança, entretanto pode-se observar que as mudanças começavam no centro do município de Pomerode e irradiavam-se para o interior das comunidades. Se hoje em dia alguma comunidade consegue manter vivos alguns dos costumes de casamento é porque ela se identifica totalmente com eles. E para continuar a mantê-los, essas comunidades permitem que aconteçam mudanças para não deixar as tradições do casamento morrerem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fontes e Bibliografia:

I - Fontes:

A) Entrevistas:

EHLERT, Herbert A.G.. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, 14 e 15 dez. 2004.

GUENTHER, Anita. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, 14 dez. 2004.

HEIN, Valli. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerde, 15 nov. 2004.

KATH, Lauro. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, 17 dez. 2004.

KRUEGER, Ilário. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, 17 dez. 2004.

LIESENBERG, Gisela. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, 14 dez. 2004.

RAHN, Wilhelm. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, 16 dez. 2004.

TIEDT, Egon. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, 16 dez. 2004.

UTPADEL, Ellen. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, 16 dez. 2004.

VOIGT, Regina. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerde, 15 nov. 2004.

WILLRICH, Walli. *Entrevista concedida a Roseli Zimmer*. Pomerode, mar. 2003.

II- Bibliografia:

ALTMANN, Luciana. *500 anos de Pomerode*: histórias de vida de sete personagens. Santa Maria: Pallotti, 2002.

CENTENÁRIO DE BLUMENAU. Edição da Comissão de Festejos. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense, 1950.

EHLERT, Herbert A. G. *Relatório de viagem à Alemanha*. Pomerode, 2004. mimeo.

RENAUX, Maria Luiza. *O outro lado da história*: o papel da mulher no Vale do Itajaí: 1850 – 1950. Blumenau: Ed. Da FURB, 1995.

SILVA. José Ferreira da. *História de Blumenau*. 2. ed.. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988.

SILVA, Zedar Perfeito da. *O Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura: Serviço da Informação Agrícola, 1954.

WILLEMS, Emílio. *Aculturação dos alemães no Brasil*. 2. ed., il., ver. E ampl.. São Paulo: Ed. Nacional: INL, 1980.

ZIMMER, Roseli. *Pomerode*: manifestações de germanidade em uma festa teuto-brasileira. Santa Maria: Pallotti, 2002.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A paixão pelos livros

*Enéas Athanázio**

Autores Catarinenes

Quando teve início a difusão da **Internet**, repetiram-se as profecias no sentido de que o livro, em seu formato tradicional, estava com os dias contados e acabaria por desaparecer num futuro não muito distante. A freqüência com que surgiam esses vaticínios deixou deveras preocupados os amantes do livro, mas foi uma preocupação vã porque até agora aquelas profecias não se realizaram e os fatos parecem indicar que estavam equivocadas. Com efeito, nunca foram publicados tantos livros e sobre os mais variados assuntos como nos dias de hoje, inclusive no Brasil, e o consumo também cresceu de forma considerável. As Bienais do Livro, tanto em São Paulo como no Rio, são visitadas por um público cada vez maior e vendem milhões de exemplares de todos os gêneros. É verdade que, em termos comparativos com nossa população, o percentual de compradores de livros ainda é pequeno, mas houve uma evolução sensível desde que comecei a freqüentar essas feiras. Sempre que visito as livrarias, em especial as grandes, fico impressionando com a quantidade, a qualidade, a variedade e o tamanho das obras

* Escritor e advogado. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

publicadas. Livros sofisticados, impressos em papel especial, em várias cores e recheados de ilustrações revelam uma indústria livreira competente e arrojada, sinal de que confia no mercado e investe pesado. Afirmava-se também que os livros grandes, com muitas páginas, não encontrariam público, mesmo porque o tempo dos leitores é cada vez mais escasso. Puro engano: obras enormes, em vários volumes, beirando o milheiro de páginas, figuram muitas vezes entre as mais vendidas, apesar do preço elevado. Em recente viagem a São Paulo conheci a "Livraria da FNAC", num imenso subsolo da Avenida Paulista, cuja exposição é tão grande e variada que mais parece um **shopping** livreiro, exigindo tempo e paciência para uma simples visita. Ela promove, todos os meses, inúmeros eventos relacionados ao livro e à literatura a que denomina "Encontros na FNAC", atraindo considerável público interessado. Por outro lado, tanto os catálogos das editoras como as notícias de lançamentos de novos títulos, publicadas nos jornais, informam a respeito da grande quantidade de obras novas que são colocadas no mercado a todo instante. O jornal "Folha de S. Paulo" criou a "Publifolha", espécie de editora paralela de livros, e tem feito o lançamento de obras importantes, nacionais e estrangeiras, a preços reduzidos e com boa qualidade gráfica. A "Biblioteca Folha" publicou uma coleção de clássicos a preços baixos em relação aos de mercado, incluindo obras de Hemingway, Graham Greene, Somerset Maugham, Franz Kafka, Vargas Llosa, F. Scott Fitzgerald, Joseph Conrad, James Joyce, Vladimir Nabokov, Graciliano Ramos e outros. Conclui-se, pois, que aqueles que previam a substituição do livro pelo computador estavam completamente enganados.

Aqui no Estado a situação não é tão promissora. Nossas feiras do livro são fracas e não dispomos de boas livrarias, com poucas exceções. E o mais grave é que não temos livreiros, na verdadeira acepção da palavra, daqueles que conhecem e amam o **métier**, com as poucas exceções de praxe. Consta que existem no Estado cerca de cinqüenta editoras, entre as quais as oficiais. A rede de livrarias no território estadual é pequena, o mesmo ocorrendo com as bibliotecas públicas, muitas delas apenas nominais, mas que não funcionam ou o fazem de forma precária. A visita a muitas delas é desanimadora. Creio que nunca houve, pelo menos que me lembre, um esforço sério e contínuo para dotar o Estado de bibliotecas públicas bem aparelhadas, com um acervo razoável e pessoas qualificadas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No plano nacional, tem aumentado o número de livrarias convencionais. Ao lado delas funcionam os **sebos**, muitos deles de luxo, embora a maioria seja popular, instalada nos mais diversos locais, inclusive nas calçadas das vias públicas. Os primeiros compram e vendem obras raras, esgotadas e de difícil acesso, atingindo algumas delas preços incríveis. É o caso da "Leart – Livraria e Encadernação", pertencente à minha amiga Zelina Castello Branco, viúva do escritor, jornalista e bibliófilo Carlos Heitor Castello Branco, o maior **expert** em livros que pude conhecer. Instalada no bairro de Pinheiros, em São Paulo, possui livros que fazem a alegria de colecionadores de todo o país e que a visitam de tempos em tempos na incansável pesquisa de raridades. Os sebos "Brandão" e "Calil", da mesma cidade, também são admiráveis pela quantidade e variedade de obras à venda. O primeiro deles ocupa nada menos que nove andares com as paredes recobertas de estantes repletas. Numa visita ao "Calil", o gerente ficou muito aborrecido porque não encontrei nenhum dos três títulos que procurava. Outros sebos bons existem também no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Blumenau e outras cidades, muitos deles com aquele cheiro característico do livro usado que os identifica à distância. Sebos populares vendem livros a preços inferiores ao de um exemplar de jornal. Só não lê quem não quer.

À margem desse mercado oficial do livro se desenvolve imensa rede informal constituída pelas pequenas editoras, edições feitas pelos próprios autores (edições do autor), edições feitas em sistema de cooperativas, obras editadas por empresas e instituições culturais e obras fora do comércio. Em tiragens maiores ou menores, quase nunca chegam às livrarias ou só são expostas em algumas, realizando seus autores as vendas diretas aos interessados, com largo uso do sistema dos correios para a distribuição. Circula dessa forma grande volume de livros, cujo número é impossível precisar. Houve um período bastante longo em que ocorreu verdadeira "febre" de antologias, todas publicando e vendendo. O encarecimento dos custos diminuiu essas edições, embora muitas ainda continuem sendo feitas. A publicação por tais meios nem sempre influi na qualidade das obras; muitas vezes são de qualidade literária superior às que contam com grande divulgação e esmerada distribuição. A maioria dos **best-sellers** que pulula nas montras dos livreiros é de valor literário inferior. Em literatura, distri-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

buição agressiva e divulgação constante na mídia não constituem garantias de qualidade. Muitos autores célebres preferiram publicar seus livros em pequenas edições pessoais e bem elaboradas que em tiragens mecânicas e impessoais saídas de grandes prelos. O escritor português Miguel Torga é um exemplo; a britânica Virgínia Woolf criou pequena editora artesanal na qual dava a público obras artísticas em conteúdo e feição gráfica. Por outro lado, muitos autores que publicam por conta própria vendem bem, tornam-se conhecidos e até se transformam em escritores profissionais. Suas obras, com o tempo, conquistam espaços, vencendo os óbices criados pela ausência de divulgação e se impõem. Tenho conhecido escritores que viajam pelo país com suas obras embaixo do braço, vendendo-as aqui e ali, e vivem apenas dessa atividade. Muitos nomes poderiam ser lembrados.

Falando-se em livros, não podem ser esquecidas as sociedades ou agremiações que reúnem bibliófilos, bibliômanos, bibliomaníacos, colecionadores aficionados ou simples leitores. Entidades do gênero existem em todo o mundo. Aqui no Brasil, merece referência especial a "Confraria dos Bibliófilos do Brasil" (CBB), com sede em Brasília. Criada por José Salles Neto, com número limitado de associados (apenas 350), edita obras escolhidas pelos seus integrantes em volumes numerados para cada um deles, conforme a ordem de sua inscrição. São livros de reconhecida qualidade literária, sempre que possível publicados em datas que relembram eventos da vida de seu autor, em formato grande, com sobrecapa e caixa, ilustrados de forma exclusiva por artistas plásticos de renome.

A Confraria editou, até o momento em que escrevo, 13 obras, sendo a última saída do prelo, "Dez contos selecionados de Clarice Lispector" (2004). Escolhidos com esmero, com o auxílio do próprio presidente, os contos constituem uma antologia única, revelando inúmeras facetas da **contística** da autora em suas diversas fases. O livro foi composto em **linotipo**, a impressão do texto e das vinhetas foi realizada em **máquina tipográfica manual**, a encadernação e o acabamento executados por técnico especializado, no miolo foi utilizado papel de elite, a capa e a sobrecapa feitas em papel fabricado à mão com fibras vegetais por artesã papeleira. As ilustrações foram reproduzidas em **serigrafia** a partir dos originais. Elas são de autoria do artista plástico Marcelo Grassmann, muito conhecido, que apresenta, no final do volume, uma **suíte** com várias páginas de dese-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nhos, em outra tonalidade de cor, enriquecendo ainda mais o livro.

Como se vê, uma obra similar ao que se faz em todo o mundo nas melhores editoras artísticas. Em paralelo, a Confraria lançou as "Edições da Confraria", publicando livros com venda aberta ao público e com as mesmas qualidades. Em nosso Estado a entidade conta com apenas dois associados. (Contatos: Caixa Postal 8 6 3 1 – CEP 70312-970 – BRASÍLIA/DF).

Como existem livros sobre todos os assuntos imagináveis, é natural que também existam **livros sobre livros**. O já mencionado Somerset Maugham, leitor aficionado, daqueles que, à falta de outra coisa, liam até guias telefônicos, costumava dizer que não pode haver objeto mais inútil que livro que fala de outros livros. E, no entanto, ele próprio se entregava com prazer à leitura desses livros. Pensando bem, de que serve ler livros sobre outros livros? Não seria mais útil e proveitoso ler os próprios?

Para mim, embora reconhecendo que sou dos poucos, essa leitura ainda tem encantos. Passam os anos e não me canso de ler coletâneas de ensaios literários, como acabo de fazer, trilhando as páginas amareladas de um velho volume denominado "Método e Interpretação", de José Aderaldo Castello (Edição do CEC/SP – 1964). Nele o autor reuniu textos analíticos de livros de diversos autores, entre os quais Lima Barreto, Monteiro Lobato e Gilberto Amado, nada menos que três dos meus **monstros sagrados**. Mesmo sendo um exigente exercício de leitura, foi uma experiência agradável, mostrando quão vastos são os caminhos que uma obra pode abrir para um crítico competente.

Li também uma coletânea de crônicas sobre livros, esta mais voltada à análise da paixão livresca, publicada por pequena editora Trata-se de "A paixão pelos livros", reunindo depoimentos de autores brasileiros e estrangeiros, como Carlos Drummond de Andrade, D'Alembert, Flaubert, Petrarca, John Milton, Camilo Castelo Branco, Montaigne, William Saroyan, Varlam Chalámov, Plínio Doyle, José Mindlin e outros. A disparidade literária entre os textos salta aos olhos, mas o conjunto é interessante. Mindlin e Doyle não são escritores, embora tocados pela mesma paixão que fez deles os maiores bibliófilos nacionais. Os depoimentos do russo Varlam Chalámov e do norte-americano William Saroyan são tocantes, como também o empenho de Doyle para obter algum livro desejado. Como se sabe,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ele foi o anfitrião do "Sabadoyle", reunião de escritores que acontecia em sua residência, no Rio de Janeiro, e que tive ocasião de freqüentar. O livro faz indagar sobre a forma como se inocula a "doença livresca" e o apego que se desenvolve na pessoa, tantas vezes inibindo-a de se desfazer de um livro que nunca serviu para nada, é um autêntico trambolho, mas que tem algo de especial e indefinível aos olhos de seu dono. Como tem acontecido comigo.

E os livros que não se vendem? Nelson Palma Travassos, editor que passou a vida fazendo livros, próprios e alheios, costumava dizer que livro que não se vende é inútil. É claro que tal afirmação era uma brincadeira, pois, se assim não fosse, os livros mais importantes que existem, ou pelo menos a maioria deles, nunca teria sido publicada. O próprio Travassos, homem culto e escritor de talento, sabia muito bem disso, tanto que publicou inúmeros livros de vendagem duvidosa mas de significação cultural ou literária. Como se isso não bastasse, ele próprio publicou um livro denominado "Livro sobre livros" (Editora Hucitec – S. Paulo – 1978), reunindo parte do que produziu de melhor.

Eis aí algumas observações, muito pessoais e empíricas, de quem tem vivido os últimos trinta anos às voltas com os livros, lendo-os, divulgando-os, escrevendo-os e viajando sempre com eles embaixo do braço.

A "ache" em ação e notas várias

Em seu mais recente livro, "A Confraria dos Acheanos" (Edição do Autor – Chapecó – 2004), o incansável Torres Pereira relata em minúcias, desde sua fundação, a história da Associação Chapecoense de Escritores quando ela completa dezoito anos, ou seja, entra na maioridade. É uma biografia que o autor oferece à entidade como merecido presente de aniversário, embora, na verdade, esteja presenteando a si próprio e a todos os demais associados, "já que a ACHE somos todos nós" – como diz ele.

Fundada em 17 de junho de 1986, no salão nobre do Colégio Estadual Pedro Maciel, na cidade de Chapecó, a entidade tem sido das mais ativas e realizadoras das congêneres aqui no Estado, se não a que ocupa o primeiro lugar em termos de ação em favor da cultura. Lutando com as dificuldades naturais dessas associações em geral, acrescidas da distância considerável dos demais centros culturais do Estado, fator que torna tudo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mais difícil, a ACHE é credora de um saldo invejável de boas realizações. Acompanhei de perto a sua luta para sediar um Encontro Estadual de Escritores contra o qual se levantava sempre o argumento da distância. Mas ela acabou conseguindo e o Encontro foi um dos melhores e mais bem organizados até hoje.

Nesses dezoito anos, apesar de alguns momentos muito difíceis, a ACHE promoveu incontáveis palestras, feiras de livros, exposição de poesias em ônibus, debates, encontros, seminários e publicou diversas antologias, reunindo trabalhos em prosa e verso de seus integrantes. Em todo esse período teve sempre uma presença marcante na vida cultural da cidade e da região. Ao longo do livro, Torres Pereira registra todas as iniciativas da entidade e aquelas de que ela participou, realizando um levantamento documental que ficará para a história, não apenas da própria entidade, mas também do meio cultural local e regional. É um trabalho exaustivo e minucioso, registrando inclusive as figuras que mais se destacaram na luta pela criação e consolidação da ACHE.

Está de parabéns esse português que tanto tem dado de si ao nosso Estado e ao Brasil por mais essa contribuição, agora indispensável no estudo da literatura catarinense e sua história. E a ACHE, nas pessoas de todos seus integrantes, desde os pioneiros até os atuais, merece nossas felicitações pelo benemérito esforço que tem feito para marcar a presença do Oeste no mapa cultural catarinense.

Registro com pesar a partida de Agostinho Duarte, integrante da ACHE e um dos membros do "trio portuga" que agitava a cultura do Oeste, ao lado de Silvério da Costa e Torres Pereira. Artista plástico e poeta, ele agora "estuda a geologia do campo santo", como dizia Machado, e nas terras brasileiras que adotou como suas.

"Nozarte"

Está circulando mais um número de "Nozarte – Informativo Impresso e Eletrônico", editado por Ricardo Alfaya e Amelinda Alves, do Rio de Janeiro (Número 12, junho de 2004). Com 28 páginas repletas de informações culturais, resenhas, notícias sobre livros e periódicos dedicados às letras e à cultura em geral, o suplemento é um dos mais completos e circula pelo décimo ano consecutivo. É uma importante ponte entre as pessoas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

interessadas, levando notícias sobre as atividades de cada uma, onde se encontram e o que estão fazendo. Nossos parabéns ao "Nozarte" pela constância e votos de longa vida em favor da cultura e da informação (Caixa Postal 1 8 0 3 2 – Agência Méier – 20720-970 – Rio de Janeiro).

"O pharol"

O pesquisador e colecionador Carlos Guérios comunica que arrematou em leilão, na cidade de Lisboa, diversos números do jornal "O Pharol", inclusive o número inicial, editado na cidade de Porto União, no dia 13 de abril de 1919. O periódico circulou com quatro páginas e se dizia "Orgam commercial, noticioso e humorístico", com redatores diversos. O colecionador conseguiu arrematar nove números por 270 dólares e a nova aquisição foi integrada à sua vasta coleção de documentos e livros sobre Santa Catarina. Acredita ele que foi esse o primeiro jornal publicado naquela cidade, já então catarinense em definitivo, após o acordo que pôs fim à questão de limites com o Paraná.

"Tradição"

Acabo de ler, em nova edição, o célebre livro "Tradição", de José Leal Filho, o poeta Juca Ruivo, editado pela Fundação José Boiteux (Florianópolis – 2004). Embora conste do livro que foi organizado por José Isaac Pilati, João Batista Marçal e José Alberto Barbosa, a leitura evidencia que o verdadeiro artífice da obra é este último, autor de esmerada e minuciosa cronologia, da biografia do poeta, repleta de informações e detalhes sobre sua vida e obra, além de incontáveis notas, espalhadas ao longo de todo o livro, fazendo inclusive percucientes análises da técnica e do estilo desse poeta campeiro, ao mesmo tempo popular e erudito, que manteve sempre viva a tradição gauchesca ao longo de uma existência rica e aventuresca em que coexistiram o engenheiro, o revolucionário, o fundador de cidades e o poeta que se transformou num verdadeiro mito. Chega a ser tocante a dedicação de Barbosa ao estudo da vida e da obra de Juca Ruivo, desvendando passagens mal esclarecidas, trazendo a público seus últimos poemas e uma completa bibliografia, levantamento fundamental para futuros estudos a respeito do grande vate gauchesco, fundador da cidade de Maravilha, no Oeste catarinense. Para completar, o texto do livro "Tradi-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ção" foi submetido a rigorosa revisão e enriquecido com notas esclarecedoras. Sem desmerecer a colaboração dos demais, admiradores sinceros do poeta, meu faro de velho leitor indica que Barbosa foi a alma inspiradora deste belo livro, uma extraordinária homenagem ao poeta que foi "uma das mais puras vozes da querência" – como afirmou João Octavio Nogueira Leiria.

Centenário de Maura

Para comemorar o centenário de nascimento da grande poeta catarinense Maura de Senna Pereira (1904/1992), a Academia Catarinense de Letras publicou em alentado volume a "Poesia Reunida e Outros Textos" de autoria da mesma (430 páginas). Organizado pelo crítico Lauro Junkes, com o costumeiro cuidado que emprega nas suas realizações, a obra reúne todos os livros publicados pela autora, com textos completos e revistos, cronologia, entrevistas, discursos, bibliografia, textos esparsos em verso e prosa e alguma fortuna crítica onde tive o prazer de encontrar comentário meu, publicado nesta revista, em 1981 (Pág; 267). Com excelente apresentação gráfica, fotos da poeta, capa e vinhetas de Rodrigo de Haro e complementado com esclarecimentos e notas do organizador, o livro permite uma visão integral da autora e sua obra, reunindo num só volume textos antes esparsos e de difícil acesso. Maura pertenceu à ACL, hoje presidida pelo próprio Junkes, e tive a honra de privar de sua amizade nos últimos anos de vida. Com a publicação desse volume, não poderia a ACL prestar homenagem maior à poeta, colocando nas mãos dos leitores a sua obra completa, permitindo que seja lida e sentida, objetivo maior de quem escreve. Ainda que não seja mineiro, Lauro Junkes trabalha em silêncio e, quando menos se espera, surge com outra grande realização. É impagável a dívida que tem para com ele a cultura catarinense.

Virgílio Várzea

Também se deve à incansável dedicação de Lauro Junkes a publicação de "Contos Completos de Virgílio Várzea", em dois alentados tomos, integrando a Coleção ACL (405 e 460 páginas). Com organização, atualização lingüística e estudo de Lauro Junkes, o primeiro volume contém "Mares e Campos" e "Contos de Amor", e o segundo "Histórias Rústicas" e "Nas Ondas". Além dos textos completos, aparece longo e exausti-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vo ensaio de autoria do organizador, examinando todos os aspectos da vasta obra de nosso grande marinhista e bibliografia de/sobre o autor. O segundo volume se fecha com outro ensaio do organizador, este abordando as tradições, os costumes e a cultura popular na obra do contista. Com a mesma excelência gráfica, a obra faz um resgate oportuno e necessário de um de nossos grandes contistas do passado, preservando-o para o futuro e permitindo que seja conhecido pelas novas gerações. É lamentável que trabalhos desse fôlego não tenham a divulgação que merecem. Tenho apregoado aos povos leitores, como posso, as realizações de Lauro Junkes, mas meu grito é fraco, não reboa muito longe, embora fiquem valendo a intenção e o registro.

"Atuação"

Está circulando o segundo número da nova fase da revista "Atuação", publicação jurídica do Ministério Público Catarinense. Com 250 páginas, ela contém ensaios sobre os mais variados temas relacionados à atividade do **parquet**, tanto de natureza teórica como prática, visando esclarecer e aprimorar os integrantes da Instituição em todos os níveis. São trabalhos que enfocam temas atuais e inovações legislativas, notando-se uma crescente preocupação com o bem público em sentido lato. Os interesses coletivos e difusos, os direitos transindividuais da criança e do adolescente, o tráfico de entorpecentes, o estatuto do desarmamento, o estatuto do idoso, os loteamentos irregulares, a certificação de responsabilidade social, as relações de consumo, a probidade administrativa e muitos outros temas que interessam de forma direta à coletividade. O conteúdo da revista revela a profunda consciência profissional dos Promotores de Justiça e seu denodado empenho em bem cumprir a lei, o que vem contribuindo, de maneira decisiva, para o fortalecimento da Instituição e seu credenciamento junto à opinião pública, fatos que desagradam àqueles que temem um país onde imperam a lei e o direito. Está de parabéns o Ministério Público por mais esta publicação.

Parnasianos

Depois de anos de estudos e pesquisas, (Rafael) SÂNZIO DE AZEVEDO, professor da UFC e autor de cerca de vinte livros dá a público

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o volume "O Parnasianismo na Poesia Brasileira" (Co-edição UFC/UVA – Fortaleza – 2004), no qual disseca os princípios, técnicas e segredos dessa escola literária que vicejou no Brasil por influência de Leconte de Lisle, Banville e Heredia e como reação ao romantismo. Estuda o parnasianismo em França e Portugal, abordando em seguida os precursores nacionais e, por fim, o parnasianismo no Brasil, suas características formais e temáticas, começando pelos expoentes do Rio de Janeiro, onde a escola floresceu com mais força, aí incluindo o catarinense Luís Delfino. Examina a seguir os expoentes da escola em São Paulo, merecendo cada um deles minucioso estudo. Estende-se então a todo o país, analisando os representantes de cada Estado, buscando realizar um levantamento exaustivo e sem omissões.

Quanto a Santa Catarina, contempla os poetas Lacerda Coutinho, em consideração à parcela parnasiana de sua produção, Araújo Figueredo, pela mesma razão, e Arnaldo Claro de São Thiago. Segundo o autor, o "pouco peso da corrente parnasiana neste Estado é o fato de n' "A Literatura de Santa Catarina" (1979), de Celestino Sachet, não haver um capítulo específico para ela, o mesmo ocorrendo na "Introdução à História da Literatura Catarinense" (1980), de Osvaldo Ferreira de Melo" (pág. 334), Dentre os incluídos por Lauro Junkes na "Presença da Poesia em Santa Catarina" (1979), exclui Carlos de Faria e Antero dos Reis Dutra por não serem ligados à corrente. "Repetimos que nos interessam poemas parnasianos e não necessariamente só poetas parnasianos" – escreve o ensaísta (idem).

Pelo seu caráter sério e abrangente, o livro de Sânzio de Azevedo passa a integrar o rol das obras indispensáveis das letras nacionais e merece desde já uma referência que não pode ser omitida. Foi objeto de análise positiva de mestre Wilson Martins em sua coluna de "O Globo" (8 de janeiro de 2005 - pág. 4).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.
Abaixo informamos nossos preços:
- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  R$ 15,00 (anos 60)
  R$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de **2005** (Tomo 46). Anexo a este cupom, a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:
( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos
( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

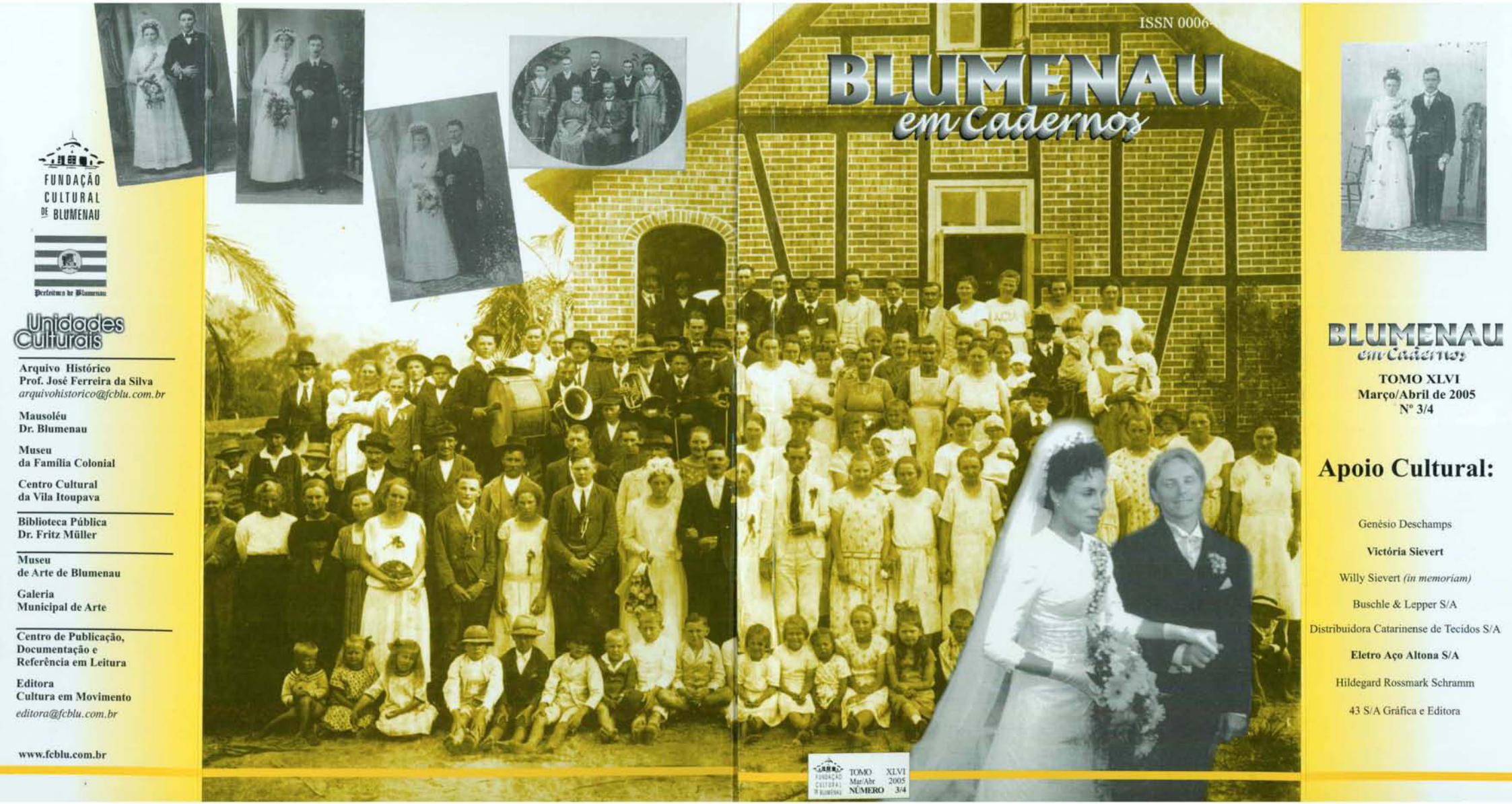
Dados do Assinante:
Nome:_____
Endereço:_____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____-_____ Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

_____
Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 326-6990 – Fax (47) 222-2259
Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense